Universidade de São Paulo
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

**Festas Juninas Escolares como elementos constitutivos da cultura escolar
e seus desafios contemporâneos**

Rafael Sammarco Martins

São Paulo

2020

Universidade de São Paulo
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

**Festas Juninas Escolares como elementos constitutivos da cultura escolar
e seus desafios contemporâneos**

Dissertação de mestrado apresentada ao programa de
pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação
da Universidade de São Paulo. Orientação: Prof.^a Dr.^a
Núria Hanglei Cacete.

Rafael Sammarco Martins

São Paulo

2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação

Ficha elaborada pelo Sistema de Geração Automática a partir de dados fornecidos pelo(a) autor(a)
Bibliotecária da FE/USP: Nicolly Soares Leite - CRB-8/8204

Mf MARTINS, Rafael S.
Festas Juninas Escolares como elementos
constitutivos da cultura escolar e seus desafios
contemporâneos / Rafael S. MARTINS; orientador Núria
H. CACETE. -- São Paulo, 2020.
178 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação
Formação, Currículo e Práticas Pedagógicas) --
Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo,
2020.

1. Culturas Escolares. 2. Festas Juninas
Escolares. 3. Investigação Qualitativa. 4. Educação
Básica. I. CACETE, Núria H., orient. II. Título.

MARTINS, Rafael S. **Festas Juninas Escolares como elementos constitutivos da cultura escolar e seus desafios contemporâneos.** Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. 2020.

Aprovado em: ____/____/____

Membros da Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof^a. Dr^a: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof^a. Dr^a: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às(aos) profissionais que atuam, atuaram e atuarão na educação básica.

AGRADECIMENTOS

À companheira Denise, por estar ao meu lado sempre que mais preciso;

À minha família, pelo incentivo moral, com destaque, neste trabalho, ao Diego, por tê-lo lido e revisado-o;

À professora Núria, pelo trabalho de orientação e pelo respeito às minhas opções de caminhos;

Às professoras Renata e Rita, pelos comentários atenciosos na ocasião do exame de qualificação;

Aos colegas Miguel, Vladimir, Igor e Wendell e às colegas Debora, Janaína, e Karina, pelas diversas contribuições no projeto e na pesquisa e pelos ricos momentos compartilhados;

Ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, referência base da minha formação acadêmica;

À Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, onde antes de fazer-me geógrafo forjei-me operário desta universidade;

À saudosa Estação Ciência da rua Guaicurus, local de tantos aprendizados, amizades e emoções. Eu gostava tanto de você!

À Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, casa tão acolhedora;

Às professoras Helena, Belmira e Rita, por ministrarem as disciplinas cursadas ao longo do mestrado. Suas contribuições foram de substancial importância para a minha formação como mestre e para este trabalho;

Ao CRUSP, ao CEPEUSP, ao CINUSP e a tantos espaços que humanizam bastante esta espetacular universidade;

Ao Centro Cultural Educacional Ayrton Senna (mantido pela prefeitura municipal de Ribeirão Pires) e ao Ribeirão Pires Futebol Clube, locais onde, há muito, cultivei meu apreço pelas artes através da Leitura, da Música, do Teatro, da Capoeira, do Maculelê e das relações humanas lá estabelecidas;

À Universidade Federal do ABC, pelo aporte acadêmico no Bacharelado em Ciências e Humanidades e pela licença para qualificação por mim desfrutada no período de coleta de dados;

À Vânia e ao Alexei, pelas autorizações nas ocasiões necessárias;

À Priscilla, ao Paulo, ao Thiago e à Cris, pelas ideias trocadas e atenções em momentos de desabafos e à Alondra, pela revisão do resumo;

Às instituições pesquisadas, por autorizarem minhas entradas.

“Eu só boto bebop no meu samba quando Tio Sam tocar um tamborim, quando ele pegar no pandeiro e no zabumba, quando ele aprender que o samba não é rumba.”

Almira Casilho e Waldeck Artur de Macedo
(Gordurinha)

“Chegou a hora, chegou, chegou. Meu corpo treme e ginga qual pandeiro. A hora é boa e o samba começou. E fez convite ao tango pra parceiro.”

Amado Regis

MARTINS, Rafael S. **Festas Juninas Escolares como elementos constitutivos da cultura escolar e seus desafios contemporâneos**. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. 2020.

Resumo

Este trabalho constitui o resultado de uma pesquisa de mestrado que teve como tema central as festas juninas escolares e explorou, como discussão de fundo, as culturas escolares. O objetivo foi investigar se as festas juninas escolares vêm se modificando a partir de novas demandas sociais e, em caso afirmativo, como isso vem ocorrendo. A pesquisa foi desenvolvida a partir de investigações *in loco* nos momentos de organização e execução das festas juninas de três escolas da Região Metropolitana de São Paulo pertencentes a diferentes redes de ensino e situadas em contextos sócio-espaciais também diferentes entre si. A metodologia de trabalho se apoiou, sobretudo, nas contribuições de Bogdan e Biklen (1994) – que discutiram os métodos de investigação qualitativa em educação – e também nas contribuições de autores que se dedicaram à etnografia aplicada à pesquisa educacional, dentre os quais se destacam: Gertz (1992), através do seu conceito de descrição densa, Rockwell (2008), por meio de suas considerações sobre critérios operacionais para a experiência em campo, Erickson (1989), com suas advertências sobre as peculiaridades das investigações educacionais e devidos preparos necessários por parte dos investigadores e Fonseca (1998), que se preocupou com o exercício de generalização. No referencial teórico, destacaram-se principalmente os trabalhos relacionados com as teorias sobre as culturas escolares, como os de Azanha (1990), Julia (2001), Vidal (2005), Frago (1998) e Escolano (2001). A questão-problema que norteou a investigação foi: quais são os desafios contemporâneos enfrentados pelas escolas que hoje promovem festas juninas e como estas festas respondem a tais desafios? Partiu-se da hipótese de que os “desafios contemporâneos” variam de acordo com o tempo, com o espaço, e com o meio social no qual cada escola e sua comunidade estariam inseridas – hipótese esta que justificou a necessidade de investigação através da incursão pelos espaços escolares de instituições que se diferenciavam significativamente entre si através de seus contextos. A partir das análises dos materiais coletados em campo, pode-se dizer que a hipótese foi confirmada.

Palavras-chave: Festas juninas escolares, culturas escolares, desafios contemporâneos, investigação qualitativa.

MARTINS, Rafael S. **Fiestas Juninas Escolares como elementos constitutivos de la cultura escolar y sus desafíos contemporáneos.** Tesis de maestría presentada al programa de posgrado en Educación de la Facultad de Educación de la Universidad de São Paulo (Brasil). 2020.

Resumen

Este trabajo es el resultado de una investigación de maestría que tuvo como tema central las fiestas de junio escolares y exploró, como discusión de fondo, las culturas escolares. El objetivo fue investigar si las fiestas escolares de junio han cambiado en función de las nuevas demandas sociales y, si es así, cómo ha estado sucediendo esto. El estudio se desarrolló a partir de investigaciones *in situ* en los momentos de organización y ejecución de las fiestas de junio de tres escuelas de la Región Metropolitana de São Paulo pertenecientes a diferentes redes de enseñanza y situadas en diferentes contextos socioespaciales. La metodología de trabajo se basó principalmente en las contribuciones de Bogdan y Biklen (1994) – que discutieron los métodos de investigación cualitativa en educación – y también en las contribuciones de autores dedicados a la etnografía aplicada a la investigación educativa, entre los cuales están destacados: Gertz (1992), a través de su concepto de descripción densa, Rockwell (2008), a través de sus consideraciones sobre los criterios operativos para la experiencia de campo, Erickson (1989), con sus advertencias sobre las peculiaridades de las investigaciones educativas y preparaciones debidas a los investigadores y Fonseca (1998), a quien le preocupaba el ejercicio de generalización. En el marco teórico, están destacados los trabajos relacionados con las teorías sobre culturas escolares, como los de Azanha (1990), Julia (2001), Vidal (2005), Frago (1998) y Escolano (2001). La pregunta que guio la investigación fue: ¿Cuáles son los desafíos contemporáneos que enfrentan las escuelas que promueven las fiestas de junio hoy y cómo responden estas fiestas a tales desafíos? Se partió de la hipótesis de que los “desafíos contemporáneos” varían con el tiempo, el espacio y el entorno social en el que se insertaría cada escuela y su comunidad – hipótesis que justificó la necesidad de investigación a través de la incursión en los espacios escolares de instituciones que diferían entre sí a través de sus contextos. Del análisis de los materiales recolectados en el campo, se puede decir que se confirmó la hipótesis.

Palabras clave: fiestas escolares de junio, culturas escolares, desafíos contemporáneos, investigación cualitativa.

Sumário

INTRODUÇÃO	21
1. AS FESTAS JUNINAS E SEUS CONTEXTOS.....	27
1.1. As festas juninas e sua movimentação global: contextualizando a temática.....	27
1.2. As escolas de São Paulo e a introdução das festas juninas: a questão da cultura escolar	30
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	35
2.2. Cultura escolar como objeto de análise	36
2.3. Organização das escolas graduadas.....	38
2.4. Aspectos estruturantes da escola	40
2.4.1. Espaço escolar	40
2.4.2. Tempo escolar	42
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: A PESQUISA QUALITATIVA NA ESCOLA	45
3.1. Primeira fase: observação da organização e da execução das festas.....	45
3.2. Segunda fase: interlocução com membros das comunidades escolares envolvidas e procura pelo projeto político pedagógico	46
3.3. Considerações acerca dos procedimentos metodológicos adotados.....	47
4. ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DO MATERIAL COLETADO.....	51
4.1. O arranjo das escolas no interior da pesquisa.....	51
4.2. A escola estadual.....	52
4.2.1. Contexto sócio-espacial.....	52
4.2.2. Primeira fase – observação.....	53
4.2.3. Segunda fase – entrevistas.....	75
4.3. A escola municipal	83
4.3.1. Contexto sócio-espacial.....	83
4.3.2. Primeira fase – observação.....	84
4.3.3. Segunda fase – entrevistas.....	95
4.4. A escola particular.....	107

4.4.1. Contexto sócio-espacial.....	107
4.4.2. Primeira fase – observação.....	108
4.4.3. Segunda fase – entrevistas.....	120
5. ANÁLISE DOS DADOS	131
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
REFERÊNCIAS	147
ANEXOS.....	149

Lista de Figuras

Figura 1 – Imagem de rua e praça situadas no entorno da escola estadual	53
Figura 2 – Espaço de uma das salas sendo decorada através de referências ao Peru	65
Figura 3 – Espaços de uma das salas sendo decorados através de representações da Nigéria (esquerda) e do Japão (direita)	66
Figura 4 – Espaços da sala sendo decorados através de representações da Austrália	66
Figura 5 – Cartazes com informações sobre a Austrália sendo confeccionados e afixados.....	67
Figura 6 – Cartazes com informações sobre o Japão sendo confeccionados e afixados	67
Figura 7 – Espaço da sala sendo decorado através de representações do Japão	68
Figura 8 – Cartazes com informações sobre a Suécia	68
Figura 9 – Espaço de uso comum sendo decorado através de representações da Rússia (país-sede da Copa do Mundo de Futebol de 2018).....	69
Figura 10 – Alunas do ensino médio apresentando elementos da França aos visitantes.....	72
Figura 11 – Alunos e alunas do ensino fundamental apresentando elementos da Espanha aos visitantes.....	72
Figura 12 – Barraca da pescaria, montada no pátio	73
Figura 13 – Alunos do ensino médio apresentando elementos da França aos visitantes	73
Figura 14 – Alunos do ensino fundamental dançando coreografia de música supostamente típica do México.....	74
Figura 15 – Alunos do ensino fundamental dançando coreografia de música Alemã	74
Figura 16 – Imagem de rua situada no entorno da escola municipal	84
Figura 17 – Registro realizado no pátio. Destaque para funcionária da limpeza limpando sujeira deixada pelos alunos e utilização do mobiliário da sala de aula como suporte à festa	88
Figura 18 – Mesa com doces industrializados. Cobertura na janela que dificultava a entrada da luz do sol. Alunos na frente com vestimenta xadrez e chapéu de palha. Alunos no fundo com uniforme. Carteiras de sala de aula servindo de suporte à festa	89
Figura 19 – Luminária giratória afixada ao teto do pátio, contrastando com bandeirinhas juninas logo abaixo	89
Figura 20 – Estudantes dançando e circulando pelo pátio	90
Figura 21 – Brinquedos infláveis instalados em frente ao prédio onde ocorria a festa da cultura brasileira.....	92

Figura 22 – Decoração do pátio fazendo referência à seleção brasileira de futebol, que disputara a Copa do Mundo naquele período	93
Figura 23 – Barracas instaladas no interior do pátio. Membros da comunidade escolar nelas atuando	93
Figura 24 – Turma do Ensino Fundamental I realizando sua apresentação de dança. Destaque para casais formados sempre por um menino e uma menina; professora à frente orientando a dança; terceiro casal (esq.) com uma aluna cadeirante.....	94
Figura 25 – Quadrilha junina dançada pelos integrantes da divisão de esportes do CEU	94
Figura 26 – Alunas de uma das turmas do Ensino Fundamental II apresentando dança que supostamente representaria um dos estados brasileiros do Nordeste na festa da cultura brasileira do CEU	95
Figura 27 – Imagem de avenida situada no entorno da escola particular.....	108
Figura 28 – Bandeiras de pano confeccionadas artesanalmente pelos alunos.....	112
Figura 29 – Decoração da quadra da escola onde foram realizadas as apresentações das turmas .	115
Figura 30 – Palco e instrumentos da banda que deu suporte aos ensaios e às apresentações	115
Figura 31 – Ornamentos artesanais, confeccionados pelos alunos, que serviram de decoração da escola no dia da festa.....	116
Figura 32 – Chapéus com fitas, afixados a um alambrado.....	116
Figura 33 – Decoração com referências aos santos padroeiros celebrados nas festas juninas.....	117
Figura 34 – Decoração fazendo referência a um santo padroeiro e, na parte inferior direita, cesto para coleta de pratos e talheres reutilizáveis	117
Figura 35 – Barraca de doces caseiros	118
Figura 36 – Barraca de alimentos com opções veganas.....	118
Figura 37 – Alunos do ensino médio iniciando coreografia da “Oração ao Tempo”.....	119
Figura 38 – Turma do ensino fundamental dançando Maculelê	119
Figura 39 – Fogueira e lanternas no encerramento da festa	120

Lista de abreviaturas e siglas

AL – Alagoas

APM – Associação de Pais e Mestres

ATPC – Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo

CEI – Centro de Educação Infantil

CEU – Centro Educacional Unificado

EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental

EMEI – Escola Municipal de Educação Infantil

FEUSP – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

FIFA – Federação Internacional de Futebol Associado

JEIF – Jornada Especial Integrada de Formação

MBA – Master of Business Administration

PB – Paraíba

PE – Pernambuco

PEA – Projeto Especial de Ação

PPP – Projeto Político Pedagógico

SP – São Paulo

TCA – Trabalho Colaborativo de Autoria

UNESP – Universidade Estadual Paulista

USP – Universidade de São Paulo

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa teve como tema central as Festas Juninas Escolares. A ideia de pesquisar a temática ocorreu durante minha atuação como professor de geografia na educação básica em escolas públicas e privadas durante a primeira metade da década de 2010. Naqueles anos, percebi que, no período compreendente aos meses de maio e junho (às vezes também ao mês de julho), minhas aulas eram constantemente interrompidas por solicitações de alunos para que se ausentassem das aulas a fim de contribuir com a organização da festa junina. Na maioria das vezes, estas solicitações eram feitas em nome de alguma professora ou professor que supostamente seria a(o) responsável pela organização de tal evento. De maneira geral, os alunos vinham até a porta da sala de aula onde eu lecionava desacompanhados desta(e) profissional, porém faziam referências à(ao) mesma(o) em suas solicitações.

Oferecendo meus auxílios aos alunos, aos professores e à coordenação para quaisquer necessidades que eventualmente aparecessem nestes eventos, fui sempre orientado a executar atividades tais como: recortar papéis para a confecção de bandeiras; carregar equipamentos pesados de som; ajudar na organização dos alunos para o ensaio da quadrilha; colar cartazes em locais de difícil alcance aos alunos de estatura baixa; manusear instrumentos cortantes; remendar fios elétricos desencapados; entre outras atividades.

Em momento nenhum me recusei a desenvolver tais tarefas, porém intimamente sentia que minha formação como geógrafo e professor de geografia era simplesmente menosprezada, sendo eu muito mais reconhecido pela comunidade como um homem prestativo que ocupava o posto de professor em um local de trabalho predominantemente feminino. A situação, em diversos momentos, causava-me incômodos, muito embora eu fosse reconhecido por alguma capacidade manual, espírito colaborativo e força física indispensável à execução de algumas tarefas de zeladoria.

Desta forma, os anos foram se passando e os meses de maio, junho e julho passaram a constituir meses em que eu ia trabalhar um tanto angustiado, pois já sabia que, de certa forma, meu planejamento de aula seria comprometido pelas solicitações que me chegariam por parte de bem-intencionadas profissionais, colegas de profissão, bem como de aluno(as) entusiasmados(as) com a organização dos festejos.

Em determinado ano (2013), durante reunião pedagógica em momento que antecederia o mês de maio, pedi a palavra ao grupo de professores presente e fiz a

proposta de que discutíssemos melhor a festa junina a partir de embasamento teórico mais profundo, explorando outros potenciais de aprendizagem para além daqueles que vinham sendo executados nos últimos anos. Naquele momento, percebi que meu local de fala foi contestado pela(os) profissionais que há anos encabeçavam a organização do tradicional evento.

Ouvi de alguns(as) profissionais que eles(as) já sabiam exatamente o que fazer, que já sabiam o que “dava certo” e o que “dava errado”. Afirmavam que a experiência de trabalho já lhes teria dado bagagem suficiente para realizar o que “deveria ser feito”, sendo desnecessárias “experimentações” advindas de novatos investidos de vastas bagagens teóricas, porém também de poucos anos de acúmulo de experiência. Estas falas receberam boa acolhida da coordenação que presidia a reunião pedagógica.

Notando então que eu teria de travar disputas com meus colegas para ensaiar um trabalho diferenciado, minha estratégia foi não mais ceder minhas aulas para que os alunos contribuíssem à decoração da escola e tampouco oferecer ajuda para todas as necessidades que aparecessem nos momentos de organização das festas. Anunciei que minha ajuda à organização da festa, a partir de então, seria restrita a atividades em que eu desempenhasse o papel de professor de geografia – cargo para o qual eu havia sido contratado.

Explorando também minha liberdade de cátedra, refiz meu planejamento de aula e passei propositalmente a explorar os elementos básicos da geodésia naquele segundo bimestre, desenvolvendo atividades em que se discutiam os movimentos de rotação e translação da Terra, a inclinação do eixo do planeta e o formato geoide do mesmo. Nos debates sobre os solstícios de verão e inverno, bem como naqueles sobre os equinócios de primavera e outono, inseri exemplos de celebrações dos solstícios de verão por parte de povos antigos do hemisfério norte nos meses de junho e referenciei as festas juninas como possíveis legatárias daquelas celebrações.

Tive a intenção proposital de provocar nos alunos reflexões sobre as festas que os fizessem refletir sobre os porquês das suas celebrações, o que foi amparado por uma narrativa que construí de que era importante ir além da explicação religiosa, devendo-se também resgatar a relação homem-meio para se erigir uma explicação geográfica.

Felizmente, ao fim de algumas aulas, alguns alunos me perguntaram sobre o porquê de a festa junina da escola não desenvolver aqueles temas que fizessem os alunos pensarem sobre os significados mais profundos do evento realizado anualmente.

Admiti aos alunos que eu também não sabia responder à pergunta, sendo necessária uma investigação acerca do fenômeno. Revelei aos alunos que eu, como professor “novato” de geografia, não participava da concepção da festa, sendo esta tarefa atribuída a outros profissionais mais experientes e competentes na organização de eventos.

Esta provocação que realizei pareceu gerar alguma perturbação na ordem estabelecida na escola, sobretudo entre o diminuto grupo docente que há anos se incumbia de pensar os moldes da festa e monopolizava a tarefa. Entretanto, em nenhum momento qualquer membro deste grupo veio conversar comigo acerca de alguma contribuição que eu poderia oferecer.

Assim sendo, optei por buscar respostas àquelas perguntas anunciadas pelos alunos por meio de uma investigação que abarcasse não apenas aqueles questionamentos, mas também outros que me acometiam. Esta busca foi realizada por meio de uma investigação de mestrado cuja dissertação aqui se apresenta. Desenvolvi esta pesquisa estando há cerca de cinco anos empregado em outra função na educação¹ que não aquela de professor de geografia na educação básica, o que entendo ter me possibilitado observar o fenômeno de forma relativamente distanciada das agitações e conflitos bastante característicos dos ambientes escolares.

Anuncio que realizei a pesquisa com a intenção de desenvolver uma leitura que ofereça algumas contribuições acadêmicas ao entendimento acerca dos festejos juninos. Contribuições estas que, a partir da publicação do trabalho, entendo que poderão também ser acessadas por um público amplo que, tal como eu, também se interroga acerca de um fenômeno escolar tão marcante e, ao mesmo tempo, tão pouco discutido criticamente.

De forma sucinta, introduzo nos parágrafos abaixo a organização geral do trabalho:

Como objetivo geral, a pesquisa buscou verificar se as festas juninas escolares vinham se modificando a partir de novas demandas sociais e, em caso afirmativo, como isso ocorria.

O problema central que norteou a investigação se sintetiza na seguinte questão: quais são os desafios contemporâneos enfrentados pelas escolas que hoje promovem festas juninas e como estas festas respondem a tais desafios?

¹ Realizei a pesquisa exercendo o cargo de Técnico em Assuntos Educacionais em uma universidade federal situada na região metropolitana de São Paulo.

A fim de tatear esta questão, parti da hipótese de que os “desafios contemporâneos” variam de acordo com o tempo, com o espaço, e com o meio social no qual a escola e sua comunidade estariam inseridas.

Considerei, entretanto, que os contextos externos à escola, embora influenciassem significativamente as condutas desempenhadas dentro das escolas, não as determinariam, já que a própria cultura escolar lidaria com estas referências externas através de um jogo de concessões, resistências e ressignificações.

Apoiando minha hipótese, também trabalhei com a ideia preliminar de que os modos como se realizariam as festas juninas escolares atuais refletiriam parte das relações sociais construídas no interior das escolas, de modo que a observação crítica das festas poderia oferecer pistas importantes para se entender as dinâmicas internas das instituições e as culturas escolares nelas cultivadas.

Assim, para identificar os desafios contemporâneos enfrentados pelas escolas e os impactos destes nas festas juninas escolares, supus que o melhor caminho fosse, além de investigar a bibliografia disponível, incursionar por aqueles espaços, observar as condutas nos momentos de organização e execução das festas juninas e também conversar com os sujeitos das escolas envolvidos com tais festejos.

Desta forma, após ler e refletir sobre festas juninas escolares, realizei pesquisas de campo no interior de três unidades escolares paulistas pertencentes a redes diferentes entre si e nessas unidades acompanhei a organização e a realização de suas festas juninas. Os dados coletados foram então analisados.

Nesta dissertação, no primeiro capítulo, apoiado em fontes bibliográficas, resgatei as origens mais remotas das festas juninas (não escolares) e discuti como estas foram se alterando através dos tempos e através dos espaços. Avancei então a discussão até o ponto em que as festas juninas migraram para o meio urbano e, finalmente, para as escolas urbanas paulistas.

No segundo capítulo, em face à hipótese e às ideias das quais parti, apoiei-me em discussões de autores consagrados que se debruçaram sobre as culturas escolares e articulei estas discussões ao fenômeno festa junina escolar.

No terceiro capítulo, apresentei os procedimentos metodológicos adotados, desenvolvi o objetivo geral da pesquisa e problematizei a questão central a ser respondida, de onde se derivaram também questões subsidiárias (posteriormente resgatadas nas análises).

No quarto capítulo, realizei a pesquisa propriamente dita. Este capítulo apresenta os relatos de campo, os conjuntos de entrevistas junto aos membros das comunidades e a documentação disponibilizada pela escola (quando disponibilizada).

No quinto capítulo, por sua vez, analisei o material coletado através da confrontação entre as questões colocadas no terceiro capítulo e os registros feitos no capítulo subsequente (quarto capítulo). Por meio dessas análises dos dados coletados em campo, conforme se verificará ao longo desta dissertação, posso dizer que a hipótese inicial com a qual trabalhei foi confirmada.

Por fim, no sexto capítulo, teci minhas considerações finais.

1. AS FESTAS JUNINAS E SEUS CONTEXTOS

Neste capítulo se discute as origens das festas juninas de uma maneira geral. Optou-se por dividir este capítulo em dois subitens. No subitem 1.1 é discutida a evolução das festas juninas num contexto global, onde se expõe desde os primeiros registros de celebrações juninas até a incorporação das mesmas pelos povos ibéricos. No subitem 2.2 é discutida a evolução das festas num contexto paulista, bem como o fenômeno da “escolarização” das festas, ou seja, o processo de incorporação das festas juninas pelas instituições escolares urbanas.

1.1. As festas juninas e sua movimentação global: contextualizando a temática

As festas juninas (festas de junho) são celebrações milenares que, na sua origem, marcavam o período das colheitas agrárias (período decorrente do chamado solstício de verão no hemisfério norte). Nesta temporada de maior insolação, muitas comunidades agrícolas do hemisfério norte celebravam a fartura de alimentos derivada do florescimento das plantas cultivadas durante o ano. Desta forma, o apelo ao “mundo rural” destes festejos é justificado pelas suas próprias origens.

Morigi (2001, p. 34) demarca que o costume de se realizar festas em tributo ao sol e à fertilidade tem sua origem no Egito antigo entre os povos que lá viviam da agricultura. Segundo este autor, foi a partir daquele ponto situado no norte da África que o costume foi se difundindo para a porção norte do mar Mediterrâneo, fixando-se, sobretudo, no sul do continente europeu, em territórios hoje pertencentes a Portugal, Espanha e França.

Campos (2007) e Pessoa (2008) assinalam também que os povos romanos e arianos, já na Europa, tinham o costume de celebrar, no período compreendente ao atual mês de junho, celebrações que anunciavam o início do verão. Naquelas ocasiões, acreditava-se que as celebrações dessa época do ano afugentavam os males que causavam a esterilidade da terra. Assim, os festejos se tornaram bastantes populares entre as populações rurais da Europa (que representavam a ampla maioria da população daquele continente). Estes mesmos autores ainda recordam que, durante a Idade Média, estes ritos pagãos foram sofrendo um processo de ressignificação operado pela Igreja Católica. Isso ocorria, por exemplo, quando as festas começaram a ser celebradas em nome de santos católicos. Considera-se então que os rituais outrora realizados a partir

dos ciclos da natureza foram sofrendo inúmeras ressignificações que até hoje atingem as sociedades sem que estas muitas vezes se deem conta disso.

Pessoa (2007) ainda é bastante enfático ao salientar a importância dada ao fogo nestas festas. O autor defende a tese de que o fogo representaria o ápice da insolação ao longo do ano ou, melhor dizendo, o solstício, cujos mecanismos de funcionamento exato ainda eram desconhecidos pela ciência – dada a insipiência dos estudos astronômicos e respectivas divulgações. Nos dizeres do próprio autor, confere-se

O ponto alto da comemoração do solstício é o costume de acender grandes fogueiras, geralmente em lugares altos, na noite de vésperas. O sentido da fogueira vem da crença de que é o sol que garante a fertilidade. Como no solstício ele atinge o máximo da sua luz e calor, acredita-se que a fogueira traga para a terra esses benefícios (luz e calor) com mais intensidade. Portanto, o fogo da fogueira é capaz de promover o crescimento das plantações e o bem-estar dos homens e dos animais. Além disso, o fogo afugenta os perigos e calamidades (raios, pestes, esterilidade), afugentando as bruxas que os promovem. (p. 213).

Desta forma, a hoje conhecida “fogueira de São João” seria um notável vestígio daquelas celebrações dos povos antigos. Essas fogueiras foram marcadamente importantes na península Ibérica, conforme se verifica no estudo de Araújo (1957). Este autor assinala que as festas juninas e as fogueiras de São João, ao longo dos séculos, ganharam uma grande popularidade perante as comunidades cristianizadas, consolidando-se como uma das marcas da religiosidade daqueles povos.

Como as comunidades agrárias europeias foram em sua maior parte cristianizadas, a Igreja Católica foi incorporando tais festejos a seu calendário ainda durante a Idade Média. Considerando também que a nova religião dominante impedia a adoração do sol, as celebrações juninas passaram a ser justificadas em nome de santos (intercessores de Deus), que seriam os responsáveis por fenômenos naturais, tais como o sol e a chuva.

Com a colonização portuguesa no Brasil, a partir do século XVI, o costume de realizar festas juninas foi sendo transplantado para cá. Entretanto, dada a posição da colônia (localizada no hemisfério Sul), as festas que originariamente celebrariam o solstício de verão (marcando o período de colheita e fartura), passavam a celebrar aqui o solstício de inverno, porém mantendo costumes daquelas originárias do hemisfério Norte. Assim, gradativamente, diversos elementos característicos das festas juninas

foram perdendo seu significado original, ganhando ares de ritos inexplicados para as comunidades que participavam dos festejos. Desta forma, as festas juninas brasileiras acabaram representando muito mais um caráter religioso, político e comercial nas localidades onde eram realizadas.

Dentre os ritos mais comuns das festas juninas tradicionais pouco compreendidos pelas sociedades, podem ser observados pontos como a celebração ao ar livre (devido às noites mais quentes nesta época do ano no hemisfério norte). Entretanto, como no Brasil junho é um dos meses mais frios do ano e mesmo assim se celebra as festas juninas ao ar livre, as festas se apresentaram de uma forma um tanto ilógica. Tais (contra)pontos nem sempre foram bem percebidos pelas pessoas que frequentaram os festejos ou mesmo pelos indivíduos que os organizaram.

Em cada rincão da colônia – e após 1822 do país² – as festas juninas foram ganhando características próprias, produtos das diversas combinações étnicas e culturais provenientes de matrizes muito diversas entre si, dada a multiplicidade de correntes migratórias (espontâneas ou forçadas) que se processaram ao longo do processo de ocupação e construção desse território. Considerando ainda a vastidão e a heterogeneidade do território, somadas às dessemelhantes mesclas que se averiguaram sobre o mesmo, o que se produziu foi a pluralidade de manifestações culturais que é possível identificar nas diferentes festas realizadas ao redor do país desde os tempos mais remotos da colonização até os dias atuais.

Variados autores, dentre os quais se destacam Câmara Cascudo (1972) (apud CAMPOS, 2007) e Araújo (1957), demarcam que as festas juninas foram historicamente mais expressivas no meio rural do que no urbano. Destaca-se, inclusive, que em Minas Gerais, em localidades mais isoladas, as festas de São João chegaram a cumprir a função de substitutos às autoridades sacerdotais da Igreja, sendo que os casamentos celebrados no dia de São João ganhavam reconhecimento provisório até que o casal tivesse enfim acesso a um verdadeiro chefe clerical (o que não era muito fácil até meados do século XIX). Na região situada entre Goiás e Piauí, a título de exemplo, o casamento diante da fogueira de São João foi reconhecido até 1912! (CÂMARA CASCUDO, 1988, apud PESSOA, 2007, p. 215).

² Lembrando que este ano (1822) marca a data da “independência” política do Brasil em relação a Portugal.

1.2. As escolas de São Paulo e a introdução das festas juninas: a questão da cultura escolar

No município de São Paulo, as festas juninas foram também bastante celebradas nos bairros rurícolas, muito dos quais se transformariam em subúrbios com o processo de expansão da cidade. Assim, de uma festa originariamente rural, derivou-se uma festa também bastante celebrada numa grande cidade. As festas juninas dos bairros paulistanos até meados do século XX em muito se assemelhavam às festas celebradas nas cidades interioranas (TINHORÃO, 2001, apud CAMPOS, 2007). Entretanto, a partir da década de 1950, muitas destas festas foram migrando para os clubes, perdendo seu caráter religioso e ganhando conotações essencialmente lúdicas.

Pessoa (2007) delimita que a partir da década de 1970 as festas juninas passaram a ser também “introduzidas nas escolas paulistas” (p. 592)³. O autor ainda adverte que, naquela época, marcada pelo autoritarismo, emergia uma corrente educacional “denominada Currículo como Tecnologia, que ficou conhecida como Tecnicismo – e que foi introduzida pela Lei n. 5.692/71”⁴ (p. 592). Assim, o fenômeno da realização de festas juninas no âmbito escolar foi se difundindo de forma a hoje fazer parte daquilo que se convencionou chamar “cultura escolar”, destacando os festejos como parte do “planejamento escolar e, por consequência, do próprio currículo” (p. 592), pois segundo Julia (2001)

[...] cultura escolar não pode ser estudada sem a análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular. Para ser breve, poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas; e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). (p.10).

Pessoa (2007) ainda adverte que, com o processo de urbanização e posterior “escolarização” das festas juninas, estas passaram a cumprir um papel de ludicidade e socialização entre os participantes. Esta ludicidade, na maioria das vezes, era (e talvez

³ Alguns depoimentos alcançados ao longo da pesquisa demarcam meados da década de 1960 como o início deste processo.

⁴ Lei n. 5.692/71 tratava-se da Lei de Diretrizes e Bases vigente durante o regime militar brasileiro.

ainda seja) feita por meio de uma representação grotesca e debochada do caipira⁵ brasileiro, que nas festas juninas escolares costuma ser retratado de forma caricata, como indivíduo imbecilizado.

Cortella (2002), de forma bastante enfática, assinala

Muitas escolas degradam a cultura popular brasileira ao fazerem simulacros de “festas juninas”. Mesmo tendo em conta o imenso esforço feito pelas professoras (semanas de ensaios!), as crianças são fantasiadas de caipiras (roupas remendadas, dentes falhados, bigodes e costeletas horrorosas, chapéus esgarçados, andar trôpego e espalhafatoso e um falar incorreto), como se os trabalhadores rurais fossem assim por gosto, ingênuos e palermas. Poucas escolas explicam a origem das festas e a importância do cidadão camponês e resguardam sua dignidade; poucas, ainda, destacam que a falha no dente não é algo “engraçado” (são desdentados por sofrimento!), ou informam que eles produzem comida e passam fome, como se fossem subumanos, não têm acesso à escola etc. É, em grande parte, a ridicularização da miséria, cujo ápice é uma festa na escola, com uma concorrida profusão de máquinas fotográficas e filmadoras que se atropelam em busca de imagens caricatas. (p. 149 – 150)

Em seu trabalho, Cortella então defende não exatamente um posicionamento panfletário diante dos alunos e da comunidade participante, mas sim uma proposta que promova a criticidade dos mesmos agentes e os conduza a leituras mais inteligentes da sociedade brasileira, bem como de suas contradições – o que seria essencial à formação cidadã. O autor lamenta que o trabalho desenvolvido nas escolas em seu intento de celebrar festas juninas, na maioria das vezes, sustenta uma posição de dominação do indivíduo urbanizado dotado de valores supostamente “mais civilizados”, que se colocaria no direito de debochar dos grupos oprimidos (que ironicamente – ou tragicamente – representariam suas próprias origens).

Nos dizeres de Paulo Freire, ainda se averigua:

Para que os homens sejam tidos como absolutamente ignorantes, é necessário que haja quem os considere assim. Estes, como sujeitos desta definição, necessariamente a si mesmos se classificam como aqueles que sabem. Absolutizando a ignorância dos outros, na melhor das hipóteses relativizam a própria ignorância. Realizam deste modo o que chamamos “alienação da ignorância”, segundo a qual esta se encontra sempre no outro, nunca em quem a aliena (FREIRE, 1992 apud PESSOA, 2007, p 598)

⁵ Entende-se aqui como “caipira” um grupo étnico bastante presente no interior de São Paulo, onde a influência indígena, portuguesa, negra e italiana se mesclam, dando forma a uma cultura bastante peculiar e rica, facilmente encontrada, sobretudo, na zona interiorana paulista e suas adjacências (notadamente sul de Minas Gerais e norte do Paraná).

Freire, nesta passagem, faz a denúncia da subjugação do homem pelo homem, realidade à qual ele se opõe, clamando assim pela educação libertária e emancipadora – educação esta que dependeria do profundo respeito aos saberes e gêneros de vida dos povos retratados.

Por meio da literatura explorada, a despeito de ser possível traçar este panorama histórico das festas juninas no mundo e no Brasil, foi possível também perceber que o tema “festas juninas escolares” é um tema ainda pouquíssimo pesquisado no âmbito acadêmico, ou seja: embora trabalhos sobre festas juninas possam ser encontrados, a maioria destes ainda se detêm às festas juninas “não-escolares”, sendo o fenômeno da “escolarização” das festas juninas um campo de investigação em aberto, sendo por isso escolhido como tema desta pesquisa.

Entretanto, embora se constate a pouca importância dada pela maioria dos estudiosos da educação ao tema específico “festas juninas escolares”, notou-se que o tema “festas escolares” foi objeto de interessantes trabalhos, dentre os quais destacam-se passagens do trabalho de Souza (1998), que investigou a organização dos grupos escolares paulistas nos primeiros anos⁶ da República (instituições estas que fizeram uso de diversas celebrações para legitimarem-se enquanto instituições de alta importância política e social), e, principalmente, os trabalhos de Cândido (2007) que, em sua dissertação, discutiu, sob a luz das ideias de cultura escolar, as festas escolares em São Paulo e, em sua tese (CÂNDIDO, 2012), desenvolveu estudo comparativo entre as festas escolares brasileiras e portuguesas explorando o mesmo recorte temporal de sua dissertação (intervalo entre 1890 e 1930).

Estes estudos mencionados no parágrafo acima, desenvolvidos sobretudo a partir de pesquisas documentais, não fizeram menções ao tema “festa junina”, uma vez que este fenômeno de “escolarização” das festas juninas, conforme apontado em parágrafos acima, ainda não se verificara nos períodos estudados pelas autoras. Todavia, aquelas discussões trabalhadas contribuíram bastante ao olhar deste pesquisador nas coletas dos dados e nas suas análises acerca do fenômeno “festas escolares”.

Na literatura pesquisada, também se destacou a contribuição de Gallego (2003), cuja dissertação debateu os “usos do tempo” nas escolas. Tal como as autoras que lhe são contemporâneas, (Souza e Cândido), Gallego também se debruça sobre as escolas primárias paulistas durante a República Velha – sendo o recorte temporal escolhido por

⁶ O período estudado pela autora compreendeu o intervalo de 1890 a 1910.

esta autora o intervalo entre 1890 e 1929. A leitura daquela discussão sobre os “usos do tempo”, sem dúvida alguma, também clarificou a interpretação dos dados coletados, conforme se verificará nas análises.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, buscou-se articular a discussão do evento festa junina escolar com contribuições de autores referenciais teóricos que se dedicaram ao estudo da cultura escolar sob diferentes dimensões, sejam elas: tradição inventada, cultura escolar como objeto de análise, escolas graduadas, aspectos estruturantes da escola: espaço e tempo.

Cada uma destas dimensões é explorada no capítulo através de seus subitens 2.1; 2.2; 2.3 e 2.4 (este que, por sua vez, é ainda dividido entre 2.4.1 e 2.4.2). Esta organização decorre da preocupação didática do autor em buscar alcançar o interesse de públicos diversos. Entretanto, desde já aos leitores é feita a importante advertência de que as dimensões da cultura escolar discutidas, na realidade, são todas combinadas entre si, sendo, portanto, necessário o exercício de agrupamento concatenado entre estas dimensões apresentadas a fim de erigir uma leitura holística do fenômeno estudado.

O entendimento de que a ideia de tradição inventada, os estudos da cultura escolar como objeto de análise, os estudos das escolas graduadas e os estudos do espaço e do tempo poderiam ser estudados de forma desarticulada entre si constituiria um erro teórico-metodológico que aqui se rechaça, ou seja, é caminho a não ser seguido. Salienta-se, mais uma vez, que a forma com a qual a dissertação está dividida reflete a proposta de apresentar um texto cuja leitura e reflexão esclareça o entendimento sobre a cultura escolar e não o obscureça. Esta preocupação didático-pedagógica de que o trabalho seja bastante inteligível a públicos os mais diversos certamente deriva da formação do autor, representando parte de sua posição político-pedagógica.

2.1. Tradição Inventada

A pesquisa explora a ideia de que as festas juninas escolares possam ser compreendidas como aquilo que Hobsbawm chama de “tradição inventada”, pois, conforme apontado por Pessoa (2007), estas festas foram popularizadas nas escolas num período relativamente recente da história brasileira (década de 1970) e, mesmo assim, já é averiguada sua consolidação como elemento marcante do calendário letivo. Como “tradição inventada”, Hobsbawm define

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam

inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (HOBSEBAWM, 1984, p. 10).

Ou seja, a “tradição inventada” seria algo significativamente diferente de um “costume tradicional”, uma vez que se caracterizaria essencialmente pela intenção deliberada de inculcar valores e normas de comportamentos naqueles que compartilhariam desta “tradição”.

Considerando o período de autoritarismo nacionalista da história brasileira recente em que as festas juninas adentraram o âmbito escolar, estima-se que tenha havido uma tentativa de abordagem de temas supostamente “nacionais”, ainda que através da camuflagem dos seus problemas sociais relacionados. Como resultado, forjou-se uma festa escolar no mês de junho que ensaiava a apropriação de elementos das culturas rurais por meio de um conjunto de recortes desarticulados entre si. Assim, consolidou-se na chamada “cultura escolar” uma festa que clamaria pelo resgate das origens agrárias de parcela da sociedade, mas cujo principal apelo ainda seria talvez o aspecto “cômico” dos fragmentos dessas origens – tal o modo como costumam ser apresentados durante os festejos.

Entende-se aqui que, se hoje as festas juninas já fazem parte importante da chamada “cultura escolar” brasileira, seria de se esperar que os educadores estivessem sempre atentos acerca das potencialidades destes eventos no que se refere ao ensino de conteúdos científicos, e promoção de valores de cidadania, dado que os eventos, uma vez trabalhados na escola, deveriam estar integrados ao currículo, não podendo simplesmente se restringir ao campo da brincadeira sem propósito.

2.2. Cultura escolar como objeto de análise

Segundo Azanha (1990, p. 158), a escola “é uma instituição que possui uma cultura específica com um certo grau de autonomia e, além do mais, essa cultura (ou subcultura) é um precipitado da história”. Por meio da interpretação destas palavras, é possível afirmar que o estudo da cultura escolar requer a investigação dos elementos históricos que as constituem. Esta investigação deve envolver uma perspectiva multi e

interdisciplinar, uma vez que os fenômenos presentes na escola são apresentados sob dimensões variadas, impossíveis de serem decifrados por uma única disciplina.

No caso específico das festas juninas escolares, conforme visto no subitem anterior, percebe-se que os festejos atuais são derivações históricas de celebrações de origens antigas, de modo que o “precipitado da história” definido por Azanha bem qualifica aqueles eventos escolares. Parte-se, portanto, do pressuposto de que a festa junina escolar seja um ícone importante de uma cultura escolar frequentemente negligenciado pelos agentes das instituições.

Azanha (1995, p. 67) também defende que as práticas escolares sejam sistematicamente descritas, pois, de acordo com o autor: “somente o acúmulo sistemático dessas descrições poderá compor um quadro compreensivo da situação escolar”. Entretanto, por meio de pesquisas preliminares realizadas sobre os trabalhos acerca da escola, percebe-se a ausência (ou a presença extremamente acanhada) da descrição das festas juninas escolares, como se estas meramente fossem parte de um cenário estéril ou, melhor dizendo: sem repercussões ativas no curso da aprendizagem e, talvez por isso, não sendo merecedoras de grande atenção por parte dos acadêmicos.

Julia (2001, p. 10), ao discutir um método de investigação acerca da cultura escolar, advoga em favor da “análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela [a cultura escolar] mantém, a cada período da história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas”. Ao concordar com essa passagem e considerar a festa junina como parte da cultura escolar é necessário, portanto, que o investigador desse fenômeno empenhe esforços no sentido não apenas de descrever objetivamente as práticas escolares, mas também de articular às descrições os significados que os eventos possam ter para cada um dos agentes participantes, sejam eles estudantes, professores, demais funcionários ou membros das comunidades. A combinação das relações que estes agentes mantêm com os festejos é justamente o que (re)constrói aquele fragmento de cultura escolar, sendo, portanto, de suma importância a sensibilidade do pesquisador na apreensão dos significados mais profundos.

Este mesmo autor ainda explora os importantes conceitos de “norma” e “prática”, definindo o primeiro como aquilo que “define os conhecimentos a ensinar” e o segundo como o modo como se dá a “transmissão dos conhecimentos” e a “incorporação dos comportamentos” (JULIA, 2001, p.11). Assim sendo, seria importante que o investigador trouxesse à baila tanto o discurso oficial por meio do qual

as festas juninas se justificam (norma), quanto também a forma através da qual os imperativos são recebidos e conduzidos pelos agentes (prática). Sem esse cuidado, a análise sofre a ameaça de se erigir sobre uma base pouco sólida, uma vez que possíveis contradições entre norma e prática poderiam escapar à interpretação, levando a uma leitura ou distanciada da realidade (ao negligenciar a prática) ou alienada (ao negligenciar a norma).

Nesta linha de raciocínio que clama pela análise detalhada das relações construtoras da cultura escolar, Julia (2001, p.10) ainda emprega uma metáfora que se tornaria uma espécie de conceito-chave por parte de seus discípulos: a metáfora “caixa preta da escola”. Esta metáfora (caixa-preta), que remete ao dispositivo presente nas aeronaves que permite o registro das comunicações realizadas durante os voos (bem como permite o registro dos dados dos equipamentos de voo), é utilizada pelo autor para indicar a necessidade de o pesquisador registrar as impressões dos agentes e, a partir daí, reconstruir uma narrativa que as concatene, dando sentido lógico para a interpretação dos fenômenos.

Vidal (2005, p. 24) interpreta o procedimento de Dominique Julia como uma recusa aos “estudos essencialmente externalistas”, ou seja, estudos antigos que se propunham a interpretar o que se passava dentro da escola tomando por base unicamente fontes documentais tradicionais, negligenciando as dinâmicas particulares de cada instituição e de seus respectivos agentes.

No caso das festas juninas escolares, entende-se que a “caixa-preta” poderia ser aberta por meio de procedimentos investigativos *in loco*, razão que justifica a necessidade de uma investigação apurada do artefato cultural “festa junina escolar”.

2.3. Organização das escolas graduadas

Na investigação das instituições escolares, é necessária a compreensão de que estas mantêm relações indissociáveis (porém também, por vezes, contraditórias) com as realidades externas às instituições, ou seja, nenhuma instituição de ensino se constitui como um enclave isolado do caldeirão cultural que a rodeia. Os atores sociais da escola (estudantes, familiares, professores e demais funcionários) são todos eles membros da sociedade e com ela mantêm interlocuções mediadas pelas culturas. Culturas estas que, de uma maneira ou de outra, adentram as instituições.

Esta linha de raciocínio, se por um lado, permitiu que diversos investigadores buscassem as motivações dos fenômenos da escola no “além-muros”, por outro lado, conduziu outros tantos investigadores a caminhos apartados das realidades internas às instituições, negligenciando de certo modo aquelas (re)construções organizacionais inerentemente escolares. Frago (1998) relata esse equívoco presente em pesquisas do gênero, conforme se pode observar no seguinte fragmento de sua fala:

(...) la historia social de la educación tendía sin embargo, en ocasiones, más a prestar atención a la realidad externa que condicionaba la realidad escolar, y a explicar esta última en función de la primera, que a analizar desde dentro, aquellos aspectos - asimismo sociales - generados por esa realidad escolar entendida ahora como una cultura con sus rasgos y exigencias, con su propia lógica interna. (FRAGO, p. 168, 1998).

Ou seja, o autor adverte seus leitores de que as realidades escolares, embora estejam relacionadas com seu entorno, não podem ser entendidas como mera extensão do mesmo, dado que características singulares são forjadas no interior das instituições escolares a partir das características próprias destas últimas. Esse entendimento deve estar claro aos investigadores das culturas escolares, a fim de afastar os investigadores das interpretações essencialmente externalistas, que desconsideram as realidades objetivas e singulares de cada objeto de análise.

No estudo das festas juninas escolares, é necessária a devida diferenciação destes eventos festivos em relação às festas das quais derivam (as festas juninas paroquiais, sobretudo). Tentar interpretar as festas juninas escolares unicamente a partir da análise de festas paroquiais ou, quiçá, a partir de grandes festas juninas institucionalizadas pelas municipalidades como as festas de Caruarú (PE) ou de Campina Grande (PB), constituiria um erro metodológico que repercutiria em um estudo incapaz de descrever e interpretar as ressignificações singulares que as práticas escolares institucionalizadas dão às celebrações de junho.

Frago (p.169, 1998) destaca quatro elementos centrais que podem ser considerados nas investigações acerca do que se passa nas escolas, a saber: atores, discursos, instituições e práticas.

De forma bastante resumida, pode-se dizer que os “atores”, segundo o autor, seriam os professores, as famílias e os alunos. Cada um destes carregaria às instituições

deliberações próprias que, uma vez combinadas entre si, resultariam em um conjunto de disposições individuais e coletivas que repercutiriam no desenvolvimento escolar.

Os “discursos”, por sua vez, diriam respeito às anunciações cotidianas realizadas no interior das escolas. Estes discursos seriam introjetados nos atores (e pelos atores) através das práticas cotidianas. Ora se valorizariam mais os discursos declamados, ora se valorizariam mais os discursos impressos por meio de símbolos. Estes discursos desempenhariam papel valioso no curso da aprendizagem.

As “instituições” seriam definidas pelo conjunto de hábitos consolidados e oficialmente indicados que assegurariam as continuidades dos trabalhos em quaisquer momentos. Definindo certos modos de pensar e agir, estes hábitos indicados deveriam ser identificados por aqueles que pretendessem compreender a realidade escolar.

Por fim, as “práticas” diriam respeito às rotinas que possuísem certo grau de consolidação por parte dos atores, mas que nem por isso tivessem atingido a condição de indicações oficiais. As práticas seriam espécies de “orientações tácitas” reconhecidas por parcela dos atores que compusessem as escolas.

Numa investigação sobre festas juninas escolares, estes quatro elementos (atores, discursos, instituições e práticas) podem, certamente, servir de base para a descrição do evento, aclarando as descrições.

2.4. Aspectos estruturantes da escola

2.4.1. Espaço escolar

Tratando-se de uma festa com alusões ao mundo rural, as festas juninas escolares expõem contrastes em certa medida contraditórios quando realizadas nas escolas urbanas. O primeiro destes contrastes se dá, obviamente, pelo fato da maioria das escolas que celebram os festejos se situarem em zonas urbanas distanciadas espacialmente do campo, sendo que seus membros têm gêneros de vida e costumes citadinos. O segundo contraste (e talvez o mais significativo para o escopo deste trabalho) decorre do fato de as festas juninas escolares de apelo agrário ocorrerem em um microespaço cuja arquitetura é, na maioria dos casos, disciplinadora e orientada ao ajustamento à modernidade urbano-industrial – o espaço escolar.

Escolano (2001, p. 26) desenvolve a ideia de que o espaço escolar reflete determinados discursos da escola por meio do conjunto arquitetônico do edifício. Os

espaços educativos, pensados e organizados a partir de intenções deliberadas, seriam, nas palavras do autor, lugares que “abrigam a liturgia acadêmica, estão dotados de significados e transmitem uma importante quantidade de estímulos (...) ao mesmo tempo que impõem suas leis como organizações disciplinares” (p. 27).

Fica ainda evidente pela leitura do trabalho de Escolano que os espaços escolares tradicionais foram pensados com base na “setorização”, que remete à divisão social e espacial do trabalho tão típica das unidades fabris. Isso é notório a partir do seguinte excerto:

(...) os primeiros modelos de escola seriada (...) respondem justamente a esses critérios de planificação panóptica dos espaços. A rotunda central desses planos serve para “vigiar o andamento de todas as seções” (através de separadores envidraçados), e as demais sala de aula que saem radialmente desta rotunda são separadas (setorizadas) entre si por pátios. Tais dispositivos são, além do mais, coerentes com as teorias arquitetônicas modernas que sustentam que as pessoas e os objetos se relacionam precisamente através da separação no e pelo espaço. (ESCOLANO, 2001, p. 28)

Entretanto, a despeito de os espaços escolares possuírem esse caráter funcionalista que serve ao controle das rotinas dos atores sociais da escola, as práticas sociais consolidadas ao longo do tempo, e cristalizadas nos calendários escolares, deram àqueles espaços também outras funções que não àquelas pensadas a priori, quando os espaços escolares haviam sido planejados. Dentre tais práticas, incluem-se aqui as Festas Juninas Escolares.

Realizadas principalmente nos pátios e nas quadras das escolas, as festas juninas escolares, em certa medida, subvertem a ordem espacial hegemônica da escola ao desenvolverem uma atividade para a qual o espaço não foi projetado, entretanto, de algum modo, também se subordinam àquela ordem através da construção de um modelo de festa ajustado às especificações espaciais. Desse jogo dialético “subversão/subordinação” floresce uma manifestação cultural tipicamente escolar, diferenciada das manifestações das quais originalmente provém.

Destaca-se ainda que os pátios e quadras onde as festas juninas ocorrem geralmente são construções de concreto não arborizadas⁷, ou seja, em quase nada estas frações dos espaços escolares remetem aos ambientes campestres referenciados nos festejos. Desta forma, geralmente é realizado um intento de camuflagem das referências

⁷ No caso de grande parte das escolas urbanas, como são as escolas analisadas neste trabalho.

espaciais disciplinadoras da escola através de ornamentos artesanais que supostamente representariam a paisagem e os padrões estéticos no meio rural. Estes ornamentos, via de regra, são confeccionados e fixados pela escola pelos próprios alunos sob a supervisão de uma parcela de docentes engajados nos preparativos e execução das festas⁸.

Dessa reorganização temporária que as festas juninas escolares promovem nos espaços escolares resulta a evidência clara de que os espaços escolares não poderiam ser compreendidos unicamente a partir de suas formas, negligenciando os usos que são feitos sobre os mesmos espaços. Um pesquisador, portanto, não poderia – a título de exemplo – unicamente se deter ao estudo das formas por meio da análise das plantas arquitetônicas das construções escolares acrescida, talvez, de frias observações das escolas em momentos nas quais estas se encontram esvaziadas de vidas. São sim necessárias investigações para além das formas, permitindo que as descrições dos espaços incorporem também o jogo de resistências e concessões dos atores sociais no curso de suas relações continuadas com os espaços.

2.4.2. Tempo escolar

Conforme seu próprio nome denuncia, as festas juninas não poderiam ser realizadas em outro mês do ano senão no mês de junho. Desta forma, as escolas que realizam essas celebrações precisaram, ao longo dos anos, se adaptar ao calendário letivo de modo a conseguir abrigar estes festejos sem que os mesmos comprometessem as demais atividades empreendidas pela escola. Assim sendo, o estudo das festas juninas escolares numa perspectiva da cultura escolar também requer do pesquisador a sensibilidade quanto aos tempos escolares, principalmente naquilo que diz respeito ao calendário letivo.

Pode-se dizer que, na ampla maioria das escolas paulistas, as festas juninas escolares marcam o fim do primeiro semestre letivo, o qual é sucedido pelo recesso de meio de ano, em que alunos e professores gozam de alguns dias de descanso, geralmente variando de 15 a 30 dias, a depender da rede de ensino (estadual, municipal, federal, particular ou militar). Desta forma, a celebração das festas juninas escolares ganhou um significado extra para seus participantes bastante diferente daqueles

⁸ Assim foram realizadas nas escolas investigadas.

significados atribuídos às festas juninas “não escolares”. A festa junina escolar, para muitos atores sociais da escola, representa, pois então, também a celebração do início do período de intervalo de descanso entre um semestre e outro (comumente conhecido como “férias de inverno” ou “férias de julho”).

Servindo, portanto, como “festa de despedida” (ainda que temporária), as festas juninas escolares talvez cumpram um papel importante de socialização na escola, ambiente tão marcado por tensões ao longo do restante do ano. Os preparativos e a execução de uma festa que envolve alunos de diferentes séries, seus familiares, professores e demais funcionários, muito provavelmente são elementos de integração considerável que não poderiam ser negligenciados pelos estudos sobre a escola, porém aparentemente ainda o são, dada a escassez verificada de trabalhos acadêmicos que discutam o tema e a verificação de certo deboche manifestado por parte de incautos que ouvem a temática proposta sem se atentar para sua relevância nos estudos culturais.

Frago (1996, p. 25), ao discutir os significados atribuídos pelos eventos diversos situados em intervalos de tempo, define que a “memória cultural” é uma construção coletiva que em boa medida se apoia em celebrações comemorativas e que estas “combinam oralidade, texto e imagem (...) São representações visíveis com um certo ritual ou formalismo em relação a presença, disposição e comportamento daqueles que nelas intervêm” (p. 25, tradução livre). Assim, levanta-se aqui também a pressuposição de que embora a festa junina escolar possua um ritual preestabelecido, ela também abrigue em si “presenças, disposições e comportamentos” singulares por parte de seus integrantes, “presenças, disposições e comportamentos” estes que talvez escapem ao que os idealizadores pensaram ao inicialmente propor os festejos. Essas “presenças, disposições e comportamentos” hão então de ser descritos e analisados pelo pesquisador numa perspectiva temporal, ou seja, perspectiva que capte o momento em que a festa se situa e as repercussões que este momento traz aos agentes envolvidos nos significados atribuídos.

Nesse sentido, parte-se da ideia de que a demarcação do tempo a partir de celebrações coletivas é uma constante ao longo do calendário letivo e que esse calendário é também produto de construções históricas das sociedades nas suas relações com os espaços. Uma festa que originalmente celebrava a colheita e a chegada do verão no hemisfério norte em algum momento derivou em uma festa que celebra a chegada das férias de inverno em escolas do hemisfério sul. Os idealizadores destas últimas, ao

propor as festas, e uma vez impregnados pelas suas referências cristianizadas, organizam uma festa num misto confuso de expressão religiosa e celebração agrária, porém, os novos agentes (alunos e professores, sobretudo), carregando consigo novas e legítimas “presenças, disposições e comportamentos” (FRAGO, 1996, p. 25) afetam os eventos de modo a transformá-lo em algo diferente, erigindo uma expressão cultural singular afetada pela divisão do ano letivo. Esse fenômeno teve de ser investigado na pesquisa de campo, dado que não poderia ser captado por vieses externalistas alheios ao que objetivamente se passa na escola no mês de junho.

Escolano (2008, p. 36), também se referindo à divisão do tempo, projeta a ideia de que a organização do calendário escolar, ao incorporar festas “religiosas ou laicas” revela associações entre poder social e cultura. Ou seja, a incorporação de uma festa no seio do calendário de atividades da escola expõe o reconhecimento da instituição quanto à legitimidade e importância daquela manifestação como algo a ser cultivado naquela comunidade, ou seja, a escola expõe sua disposição em desenvolver uma cultura e, para isso, reserva um intervalo privilegiado de tempo no calendário para tal cultivo.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: A PESQUISA QUALITATIVA NA ESCOLA

A pesquisa de campo foi dividida em duas fases, as quais são apresentadas nos dois parágrafos a seguir de forma sucinta e, nos subitens subsequentes, explicadas de forma mais pormenorizada:

Na primeira fase, foram realizadas observações no interior das unidades escolares em momentos que antecederam as festas juninas, bem como observações nos próprios momentos de execução das festas. Foram também realizados registros fotográficos sob a anuência das autoridades escolares. Esta primeira fase foi realizada antes da elaboração do relatório de qualificação do mestrado, sendo que naquele documento foram incluídas tanto descrições textuais das observações quanto registros das imagens captadas por meio de fotografias.

Na segunda fase, foram captadas declarações de membros da comunidade escolar, os quais voluntariamente responderam algumas questões formuladas pelo pesquisador, todas elas avalizadas por sua orientadora. Também nesta fase tentou-se identificar nos projetos políticos pedagógicos daquelas escolas a previsão de realização de festas juninas sob quaisquer moldes. Esta segunda fase foi realizada após o exame de qualificação, sendo derivada de recomendação advinda das profissionais membros da banca daquele exame – recomendação esta acatada integralmente pelo pesquisador.

3.1. Primeira fase: observação da organização e da execução das festas

Na primeira fase, foram visitadas as três escolas da região metropolitana de São Paulo nos períodos de organização e execução das festas juninas. As escolas estudadas possuíam características bastante distintas entre si, porém todas mantinham por anos o costume de celebrar festas juninas junto à comunidade escolar.

Por meio das visitas, foram realizadas observações que permitiram a coleta de dados, os quais são apresentados na forma de relatos de campo, bem como em imagens captadas.

O pesquisador inspirou-se em trabalhos realizados no campo da etnografia aplicada aos estudos educacionais para desenvolver suas descrições de campo, porém não define esta parte do trabalho como uma etnografia propriamente dita.

Dentre os etnógrafos que serviram de inspiração ao trabalho, menciona-se: Gertz (1992), que explora o conceito de “descrição densa”; Rockwell (2008), que define critérios operacionais para a experiência em campo; Erickson (1989), que adverte sobre as peculiaridades das investigações educacionais e devidos preparos necessários por parte dos investigadores e Fonseca (1998), que discute a necessidade de moderação nas tentativas de generalizar os casos.

Aos trabalhos dos etnógrafos acima mencionados, nesta fase de observação, somaram-se também os valiosos apoios deixados por trabalhos relacionados à cultura escolar como objeto de estudo, sendo destacadas as contribuições de: Azanha (1995), que defende a descrição sistemática das práticas escolares para, a partir daí, tentar compreendê-las; Julia (2001), que explora a análise das relações que a escola mantém com as culturas contemporâneas; Frago (1998), que adverte que embora as escolas mantenham relações com o entorno, elas não simplesmente reproduzem as realidades externas, sendo necessária a compreensão das reconstruções e ressignificações operadas no interior da escola; Escolano (2001), que problematiza os espaços escolares e suas repercussões nos trabalhos desenvolvidos; Escolano (2008), que revela a subordinação da escola aos poderes locais ao estabelecer os tempos escolares (dentre os quais os tempos das celebrações).

3.2. Segunda fase: interlocução com membros das comunidades escolares envolvidas e procura pelo projeto político pedagógico

Na segunda fase, realizada cerca de um ano após o primeiro contato com as escolas, o pesquisador voltou a campo e conversou com membros das comunidades escolares sobre a última festa junina realizada na escola. Estes membros eram dirigentes escolares, professores e estudantes. Todos eles haviam participado ativamente das últimas festas de junho em suas respectivas escolas, cumprindo, obviamente, funções distintas a partir de suas posições ocupadas.

Foi traçado o perfil de cada membro a partir de dados individuais fornecidos e foram registradas as respostas que os indivíduos deram às perguntas feitas pelo pesquisador. Buscaram-se aproximações prévias junto aos membros interlocutores de forma que as conversas pudessem escapar de moldes de frias entrevistas talvez intimidatórias e comprometedoras de respostas verídicas. Desde logo, anunciou-se que o

anonimato (tanto da escola quanto dos entrevistados) seria preservado, fator que pareceu encorajar participações sinceras.

Tratando-se de uma pesquisa essencialmente qualitativa, não foram adotados procedimentos de amostragem estatística na definição do número de entrevistas. Deste modo, as entrevistas buscaram captar algumas vozes significativas não exatamente pela recorrência numérica, mas sim pelas posições⁹ simbólicas ocupadas pelos agentes entrevistados no interior da escola e por serem todos eles pessoas que haviam atuado nas festas.

Alguns educadores declararam que preferiam responder questionários de forma mais refletida fora do ambiente de trabalho, enquanto outros declararam que preferiam ser entrevistados de forma imediata. As preferências foram respeitadas, de modo que os interlocutores educadores pudessem dar suas contribuições à pesquisa da forma como se sentissem mais confortáveis. As perguntas realizadas, entretanto, foram basicamente as mesmas.

Os estudantes, por sua vez, foram todos entrevistados pessoalmente e, quando menores de 18 anos, sob o acompanhamento de um membro do quadro de direção ou coordenação. Nas questões aplicadas aos estudantes, algumas adaptações tiveram de ser feitas, conforme se verificará nos subitens referentes às entrevistas.

Os projetos políticos pedagógicos foram solicitados pelo pesquisador e, quando disponibilizados, analisados.

3.3. Considerações acerca dos procedimentos metodológicos adotados

Ao contrário do restante do trabalho (excetuando-se a introdução), as descrições de campo foram registradas todas na primeira pessoa do singular, pois se considerou que assim os dados puderam ser expostos de forma mais autêntica, permitindo ao pesquisador expor honestamente seus registros de forma muito próxima da forma como efetivamente deu-se a coleta de dados. Nas análises, retomou-se o uso da terceira pessoa do singular.

O objetivo geral da pesquisa, conforme pré-anunciado na introdução deste relatório, foi verificar se as festas juninas escolares vinham se modificando a partir de novas demandas sociais e, em caso afirmativo, como isso ocorria.

⁹ Posição de aluno(a), professor(a) ou membro da equipe gestora.

A fim de se atingir este objetivo, a questão fundamental que se buscou responder foi:

- Levando-se em conta as novas demandas sociais que atingem as escolas pesquisadas, quais são os desafios contemporâneos enfrentados na promoção das festas juninas escolares? E como as festas vêm respondendo a estes desafios?

Diante desta questão, partiu-se da hipótese que os “desafios contemporâneos” variam de acordo com o tempo, com o espaço, e com o meio social no qual a escola e sua comunidade estariam inseridas.

A partir da questão fundamental disposta no ponto acima, derivaram-se outras tantas chamadas aqui de “questões subsidiárias”, sendo estas as norteadoras das análises das pesquisas de campo. Estas outras questões são:

- Seria possível afirmar que as festas juninas escolares poderiam ser interpretadas como elementos de uma “cultura escolar”? Em caso afirmativo, qual seria o sentido a se dar ao conceito de “cultura escolar”?
- Para que servem as celebrações juninas nas escolas urbanas paulistas?
- Por que elas vêm se perpetuando há décadas?
- São explorados elementos da geodésia que expliquem o contraste entre as festas celebradas nos hemisférios norte e sul?
- As escolas, todas elas, ainda sustentam caricaturas do homem do campo?

Por meio de análises qualitativas dos dados coletados (observações de campo e entrevistas) foi possível encaminhar algumas respostas a estas questões. Deste modo, a análise foi redigida sob a forma de perguntas e respostas, pois, embora se tratando de procedimento não muito usual em dissertações, se ajuizou que as ideias poderiam assim ser apresentadas de forma mais tangível a quaisquer leitores(as) e não apenas aos iniciados no campo de estudo.

Vale aqui adiantar que, naquelas análises, encontrou-se também algum amparo nas acepções de “Indústria Cultural” e “Cultura de Massas”, de Adorno e Horkheimer (1985), entendendo-se o primeiro conceito (Industrial Cultural) como parte de um sistema de produção e difusão de uma cultura padronizada, indiferenciada e consumível denominada sob o nome de “Cultura de Massas”. Também foi sutilmente mencionado o

conceito de “Capital Cultural” de Pierre Bourdieu (1998), que é definido como uma espécie de bem simbólico relacionado ao repertório.

As análises das festas das três escolas foram também articuladas entre si, não objetivando comparações entre as instituições, mas sim com o propósito de construir e apresentar uma compreensão holística acerca do fenômeno “festa junina escolar” que oferecesse contribuição mais ampla aos estudos sobre as culturas escolares, dado que assim ultrapassasse a realidade objetiva de uma ou outra instituição.

Finalmente, cabe destacar que nas duas fases de coleta de dados e também na etapa de análise do material, importante foi a leitura do trabalho de Bogdan e Biklen (1994), que discutiram os métodos de investigação qualitativa em educação.

Em seu trabalho, os autores abordaram as importâncias da descrição, da indução, das percepções individuais, da postura a ser assumida no trato com os agentes, entre outros pontos substanciais para a pesquisa aqui desenvolvida. Não sendo o pesquisador alguém proveniente da Pedagogia ou da Antropologia em sua formação de origem, mas sim alguém oriundo da Geografia que transita por outras áreas e com estas dialoga, o trabalho de Bogdan e Biklen revelou-se um adequado guia recorrentemente revisitado em ocasiões as mais diversas.

4. ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DO MATERIAL COLETADO

Conforme anunciado no capítulo anterior, os registros da pesquisa estão apresentados na primeira pessoa do singular.

Os registros foram organizados sob a seguinte forma: 4.1) O arranjo das escolas no interior da pesquisa; 4.2) A Escola Estadual; 4.3) A Escola Municipal; 4.4) A Escola Particular, sendo estes três últimos subcapítulos (que reportam sobre as realidades específicas de cada escola) repartidos entre três seções cada, a saber: 1ª) contexto sócio-espacial, 2ª) primeira fase – observação, 3ª) segunda fase – entrevistas.

4.1. O arranjo das escolas no interior da pesquisa

Nas pesquisas de campo, acompanhei partes da organização e execução das festas juninas de três escolas situadas na Região Metropolitana de São Paulo. A primeira escola pertencia à rede estadual paulista, a segunda escola pertencia à rede municipal paulistana e a terceira escola pertencia à rede privada.

As escolas em questão terão aqui seu anonimato preservado e serão chamadas apenas de: 1ª) escola estadual; 2ª) escola municipal; 3ª) escola particular.

Nas escolas estadual e municipal, minha entrada em campo se deu por meio de um trabalho realizado em que eu acompanhava e registrava o que ocorria durante as reuniões pedagógicas semanais realizadas entre docentes e coordenação pedagógica. O trabalho mencionado foi realizado como exigência para conclusão da disciplina A Etnografia Aplicada aos Estudos Educacionais, cursada por mim no primeiro semestre de 2018 no âmbito do programa de pós-graduação em educação da Faculdade de Educação da USP.

Na escola estadual tais reuniões pedagógicas eram conhecidas como ATPC (Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo), enquanto que na escola municipal as reuniões eram conhecidas como PEA (Projeto Especial de Ação) e JEIF (Jornada Especial Integrada de Formação).

Nestes encontros entre professores e coordenação por mim acompanhados, eram discutidos, entre outros temas, intenções de trabalhos coletivos que envolvessem professores, alunos e demais membros da comunidade escolar. Acompanhei estas reuniões entre os meses de abril e junho de 2018, quando se iniciaram as discussões e trabalhos acerca das festas juninas.

Na escola particular, por sua vez, minha entrada em campo deveu-se a um convite que recebi de um colega da pós-graduação. Este colega pertencia ao quadro de professores desta escola e, durante conversa realizada na FEUSP acerca do meu projeto, disse-me que sua escola estava, naquele momento (meados de junho de 2018), organizando uma festa junina e que lá era um ambiente em que minha pesquisa teria boa acolhida. Aceitei o convite e fui acompanhar parte da preparação e execução da festa naquela escola onde meu colega atuava como professor.

Antecedendo as apresentações daquilo que pude acompanhar em cada escola, farei breves descrições dos contextos sócio-espaciais nos quais cada uma das três escolas se situa. Compreendo que estes contextos traziam fortes repercussões aos trabalhos desenvolvidos, conforme se poderá conferir a seguir.

4.2. A escola estadual

4.2.1. Contexto sócio-espacial

A escola em questão situa-se no Jardim Hollywood, no município de São Bernardo do Campo. Trata-se de um bairro residencial, bastante arborizado, composto por casas grandes que servem de morada, sobretudo, a munícipes pertencentes à classe média. O bairro dispõe de infraestrutura que consente bom conforto aos seus moradores e está situado também muito próximo à Rodovia Anchieta, permitindo fácil acesso tanto à capital quanto ao litoral paulista.

A escola, por sua vez, localiza-se em frente a uma praça bem conservada e dista aproximadamente 300 metros de um campus de uma universidade federal. A escola tem aspecto físico geral bem conservado e tem uma arquitetura que não difere muito daquela das maiorias escolas estaduais paulistas, construídas à base de concreto armado.

Figura 1 – Imagem de rua e praça situadas no entorno da escola estadual

Fonte: Foto do autor

4.2.2. Primeira fase – observação

1º dia de organização:

Após quatro semanas acompanhando as reuniões de ATPC desta escola para o registro de informações de um trabalho de uma disciplina da pós-graduação, no dia 16/05/2018, em momento próximo ao término da reunião, um conjunto de professores comentou sobre a necessidade de preparação da escola para a festa junina daquele ano. Diante daquelas falas, pedi a palavra ao grupo e anunciei às pessoas presentes que tinha grande interesse naquele evento que aconteceria, pois se tratava de meu tema de pesquisa da pós-graduação.

Perante minha intervenção, os profissionais da escola se mostraram solidários e dispostos a contribuir comigo naquilo que fosse necessário. Eles diziam que a organização da festa junina costumeiramente se iniciava mesmo durante as reuniões de ATPC's, de modo que seria recomendável que eu permanecesse vindo à escola por mais algumas semanas para que melhor me inteirasse das discussões atinentes à organização da festa.

Dentre os profissionais presentes, constava a diretora da escola. Dizia esta que a festa seria realizada no dia 23 de junho, data que seria computada como dia de reposição

de uma paralisação realizada ao longo do semestre. A profissional ressaltava ainda que esperava a contribuição de todos os professores na organização e execução do evento.

Considerei curioso ainda ela destacar em sua fala que a escola dispunha de uma verba advinda da APM (Associação de Pais e Mestres) e que ela (diretora) pretendia empregar a verba na festa junina. O valor disponível era de aproximadamente dez mil reais, dinheiro que seria utilizado na compra e nos alugueis de materiais, bem como na preparação de um “porco no rolete” que seria servido aos presentes por um preço módico que não cobriria os custos operacionais de assamento do animal.

Todos os professores presentes prestavam muita atenção à fala da diretora, que acrescentou ainda a sugestão de que fosse realizada uma festa junina temática com o tema “Copa do Mundo”, dado que tal competição se iniciaria muito em breve naquele ano de 2018.

Após a sugestão da diretora, percebi pelo semblante das professoras e professores presentes que a maioria apresentava aprovação à proposta. Uma das docentes presentes disse a todos que achava importantíssima a celebração da festa junina, pois aquele era um evento que, nas suas palavras, “fazia todos da escola se integrarem bastante entre si”, com repercussões positivas aos trabalhos no decorrer do ano letivo.

Após essa intervenção da docente, houve uma breve discussão sobre o calendário do final de semestre, tendo ficado explícito que a festa demarcaria ainda o último dia de trabalho com alunos durante o semestre. Os professores trabalhariam por mais três dias na semana subsequente, mas sem alunos.

Em meio a discussões sobre outros assuntos não relacionados à festa junina, um grupo de professores que atuava com as turmas do ensino médio mencionou ainda que costumeiramente os terceiros anos se utilizavam da arrecadação de dinheiro de uma das barracas para realizar um churrasco de despedida. Os professores consideravam aquela prática algo saudável e recomendavam que aquele costume fosse mantido.

Frente a essa fala, outra docente citou que havia também um grupo de alunos de uma determinada série que vinha anunciando a intenção de conduzir a organização de outra barraca para a arrecadação de dinheiro para a compra de saboneteiras a serem instaladas nos banheiros dos alunos. Os profissionais aprovavam a intenção de trabalho, mencionando-o como um exemplo de empreendedorismo estudantil, mas intimamente considerei algo bastante controverso, pois, no meu entendimento, a compra de tal

utensílio era de atribuição da escola e da rede, e não dos alunos – mas me calei diante da cena, me limitando a prosseguir nos meus registros.

Em momento bastante próximo ao encerramento da reunião, um grupo de docentes ainda questionou se seria possível que junto à eventual instalação das saboneteiras, os banheiros dos alunos pudessem ser também abastecidos com papel higiênico. Outro grupo de docentes respondeu preferir que não fossem, uma vez que, segundo estes, os alunos costumavam entupir os vasos sanitários por peripécia quando os banheiros eram abastecidos com papel higiênico. Achei o retrato escabroso, uma vez que, no meu entendimento, estava sendo negado o acesso a um material básico de higiene sobre o qual a escola deveria se responsabilizar.

Sem maiores polêmicas, a discussão desta reunião de ATPC se encerrou, ficando definido que eu voltaria nas próximas semanas.

2º dia de organização - manhã:

Naquele dia 23/05/2018, cheguei na escola às 10:00h, horário em que se iniciaria a reunião de ATPC. Após todos serem recebidos pelo coordenador, ele ligou o televisor e rodou um videoclipe com a “música oficial da Copa”. Ele disse que era importante que os professores se inteirassem daquele evento que ocorreria em breve porque a festa junina daquele ano teria como tema a Copa do Mundo da FIFA¹⁰.

Após o videoclipe se encerrar, ele falou ao grupo de professores que receava muito o uso da expressão “festa junina”, uma vez que para alguns o nome remeteria a um “evento católico”, sendo por isto às vezes interpretado como inadequado à escola pública laica. O coordenador dizia que esta suposta denúncia costumava vir por parte de membros da escola seguidores de religiões evangélicas que recusavam quaisquer referências a padroeiros católicos.

Assim sendo, como forma de buscar escapar daquelas denúncias, ele propunha outro nome para a festa junina daquele ano. O nome que ele propunha era: “Festa das Nações Esportivas” e acrescentava que pretendia que cada turma (com seu respectivo professor coordenador de classe) ficasse incumbida de representar um país participante da Copa do Mundo durante a festa.

¹⁰ Federação Internacional de Futebol Associado.

Em sua fala, ele se apoiou bastante em uma apresentação de *PowerPoint* por ele previamente montada que foi projetada num telão. Percebi, assim, que ele não improvisava muito sua fala. Ao contrário, ele parecia, sim, ter estabelecido aquela proposta já com alguma antecedência.

Destacava o coordenador que, por meio da Copa e do futebol, acreditava ser possível trabalhar uma infinidade de temas transversais, de modo que vislumbrava na “festa das nações esportivas” um bom trabalho pedagógico junto aos alunos. A diretora da escola, também presente na reunião, endossou a fala do coordenador. Como suas falas estavam bastante alinhadas, pareceu-me que ambos (coordenador e diretora) já tinham conversado previamente acerca do conteúdo daquela reunião.

Deixou-me também a impressão de que os professores não estavam exatamente sendo “consultados” sobre a temática da festa, mas sim sendo “avisados” da mesma. Ainda assim, notei que parcela majoritária do grupo apoiava a ideia da Festa das Nações Esportivas. Muitos professores passaram a discutir entre si sobre os países que suas salas de coordenação assumiriam.

Alguns questionamentos objetivos, tais como: “atribuição de notas”, “regulamento”, “formato”, entre outros, foram também feitos pelos professores. Nestes momentos, tanto a diretora quanto o coordenador deram maiores aberturas para que o próprio grupo estabelecesse coletivamente a organização e os critérios de avaliação. Coordenador e diretora apenas expuseram algumas de suas preferências, mas sem impô-las ao grupo.

Após alguns minutos de discussão, ficou definido que cada classe trabalharia com decoração do espaço físico das salas de aula a partir dos países da Copa e que no espaço de uso comum (corredores, pátio e quadra) da escola seriam trabalhadas danças típicas, barracas e quadrilhas. Ou seja, tratar-se-ia de um formato híbrido entre “festa junina” e “feira das nações”, dando destaque, obviamente, para os países representados na Copa do Mundo de futebol.

Todos os presentes também concordaram que houvesse ainda uma competição entre as salas, sendo que a sala que desenvolvesse o melhor trabalho ganharia um “passeio-prêmio”. O grupo de profissionais não definiu o destino do passeio, mas alguns aventaram possibilidades como parques, museus, teatro, entre outros destinos próximos de baixo custo. A diretora ressaltava que, no seu entendimento, a competição era essencial para o envolvimento das turmas com a proposta, uma vez que funcionaria

como mecanismo de motivação aos alunos. Desta forma, notei que a questão simbólica do “vencer” estava sendo bastante explorada.

Na discussão, muitos professores também ressaltaram que com aquele tipo de atividade abria-se a possibilidade de se trabalhar de forma interdisciplinar alguns conteúdos. Alguns usavam como exemplos de trabalho interdisciplinar as possibilidades de que, através dos países trabalhados, aspectos da cultura dos povos e da geografia física dos países pudessem ser trabalhados nas aulas de geografia ao passo que, nas aulas de arte, a confecção de bandeiras e demais artefatos simbólicos poderiam servir de subsídios. A professora de biologia ainda destacou que poderia contribuir ensaiando discussões sobre a biodiversidade e a professora de matemática emendou que poderia conduzir um trabalho com as formas geométricas por meio dos desenhos das bandeiras.

Em meio à discussão, com os professores se envolvendo com a proposta, percebi também que alguns profissionais destacavam preferências de trabalhar com um país ou outro. Nestas preferências, eles expunham afinidades advindas de suas ancestralidades, bem como de suas experiências enquanto turistas. Deste modo, fui percebendo que alguns países eram preferidos e outros preteridos. Achei curioso que duas professoras destacavam fortemente que queriam de toda forma trabalhar com a Itália, até que o professor de educação física riu da cena e disse que este país não poderia ser trabalhado, pois ele não havia se classificado para a Copa daquele ano – informação diante da qual ambas também riram. Ou seja, para alguns professores, os países representantes da Copa eram muito mais importantes que as suas seleções de futebol – do mesmo modo que assim poderiam ser também para alguns alunos. Com isso, considerei realmente vastas as possibilidades de aprendizagem que se abriam com o campeonato – indo muito além de um simples evento esportivo.

Nas discussões sobre os critérios da competição entre as salas, notei ainda preocupações de cunho ético como a de uma professora que destacava que não consideraria justo que os alunos de ensino fundamental competissem com os alunos do ensino médio, uma vez que estes últimos, mais preparados física e intelectualmente, teriam condições de desenvolver melhores trabalhos. Nesta fala, a professora recebeu o apoio de todos os demais presentes, que consideraram justa a preocupação.

Em determinado momento da reunião, a diretora pediu a palavra e, referindo-se à APM, disse que buscaria junto a tal entidade também o envolvimento das famílias tanto na organização quanto na realização da festa. A profissional destacava que quando

as famílias passavam a ir à escola contribuir para atividades como aquela, geralmente, se percebia das mesmas famílias um maior reconhecimento de todo o trabalho realizado pela equipe escolar.

O coordenador falou que era importante ressaltar aos pais e aos alunos que não seria permitida a entrada e o consumo de bebidas alcoólicas na escola e ressaltou que algo que muito que lhe incomodou em festas anteriores realizadas na escola era que no momento de apresentação de danças muitas turmas fizeram adaptações de músicas típicas a partir de ritmos de *funk* em cujas danças alunos menores de idade sensualizavam de forma vulgar e descaracterizavam os eventos. Ele pediu para que os professores ficassem atentos ao que os alunos estavam organizando, para evitar que práticas consideradas inadequadas ao ambiente escolar e à idade dos alunos fossem reproduzidas.

Próximo ao meio-dia a reunião se encerrou e algumas professoras se aproximaram de mim dizendo que estavam dispostas a me ajudar na pesquisa, abrindo inclusive a possibilidade de que eu acompanhasse algumas de suas aulas quando o assunto da festa fosse trabalhado. Agradei a disponibilidade e me comprometi a voltar em alguns dias de aula para acompanhar seus trabalhos e realizar meus registros.

O coordenador também comentou individualmente para mim que aquela reunião que eu acabava de acompanhar era a reunião da manhã, realizada com os professores do segundo ciclo do ensino fundamental. Ele dizia que a reunião com os professores do ensino médio seria realizada naquele mesmo dia no período da tarde, quando o projeto seria também apresentado aos professores daquelas outras turmas. Perguntei se eu poderia acompanhar a reunião da tarde, ao que ele respondeu: “sim, sem problemas”. Desta forma, acrescento abaixo o que registrei nesse segundo período.

2º dia de organização - tarde:

Naquele mesmo dia 23/05/2018, voltei à escola no período da tarde para acompanhar a reunião em que seria discutido junto aos professores do ensino médio o formato da festa de junho. Tratava-se do horário de ATPC da tarde, que se iniciaria às 13h e iria até as 15h.

Antes da reunião se iniciar, percebi que alguns alunos do ensino médio entraram na sala de reuniões e foram encontrar com o coordenador para trocar figurinhas do

álbum da Copa. Os alunos pediram licença antes de entrar, de modo que se mostraram educados e cientes de que aquele espaço escolar não era um espaço de livre circulação para os alunos da escola. Senti que aquele gesto de trocar figurinhas contribuía para o fortalecimento de uma relação de cumplicidade entre a coordenação e os alunos. Os alunos pareciam tê-lo em alta conta, a despeito de sua posição de autoridade.

Poucos instantes após os alunos saírem da sala e todos os professores terem se acomodado ao redor da mesa central de reuniões, o coordenador fez o mesmo que havia feito no período da manhã, ou seja, apresentou o videoclipe da Copa e o conjunto de *slides* (no formato *PowerPoint*) em que mostrava sua intenção de trabalho na “Festa das Nações Esportivas”, acrescentando também sua fala claramente pré-organizada.

Disse o coordenador que, como ele já havia feito a apresentação da proposta para a turma da manhã, alguns países já tinham sido escolhidos por alguns professores. Assim, restavam alguns países preteridos, que deveriam ser escolhidos naquele momento pelos professores da tarde (que lecionavam para as turmas do ensino médio).

Percebi então pela reação daquela equipe que estes professores mostraram-se muito menos entusiasmados com a proposta do que os professores da manhã. Entretanto, mesmo assim, todos se mantiveram atentos às orientações advindas do coordenador e escolheram os países com os quais suas respectivas salas de coordenação trabalhariam.

A diretora, que acompanhava a reunião, destacou também a todos os presentes que a festa seria realizada em um sábado (23/06) e que na sexta-feira que antecederia este dia (22/06) não haveria aula, mas sim organização da decoração das salas de aula. Deste modo, orientava os professores para que preparassem suas atividades de aula já prevendo que aquela semana que antecederia a festa poderia ser uma semana não convencional.

Em certo momento, alguns professores que conversavam entre si questionaram se o evento seria ou não chamado de “Festa de São João”. Eles receavam que a escola pudesse ser acusada de estar fazendo proselitismo religioso. Ao ouvir aquele questionamento, o coordenador destacou que era justamente em função do medo de tais acusações que a equipe gestora optara naquele ano por chamar a festa de “Festa das Nações Esportivas” – ele dizia que era um artifício empregado para que tal questionamento (ou denúncia) não ocorresse.

Ouvindo as falas de alguns professores, notei que muitos sustentavam imagens estereotipadas (ou caricatas) de alguns países com os quais suas turmas trabalhariam. Por exemplo, ouvi uma fala como “ah Colômbia! Coca, pasta, cartel de Medellín”. Isso me fez pensar que o projeto também poderia contribuir para que alguns professores ampliassem seus conhecimentos acerca dos países representados.

Em determinado momento da reunião, pedi a palavra ao coordenador e, tal como fiz na reunião da manhã, apresentei-me como aluno da pós-graduação interessado em investigar as festas de junho nas escolas. Acrescentei àquele grupo que eu já tinha trabalhado como professor naquela rede de ensino – fala esta que pareceu contribuir bastante para minha aceitação junto à equipe.

Após minha fala, a diretora deu mais algumas orientações aos professores, ressaltando que as turmas receberiam notas pelos trabalhos executados e que competiriam entre si a fim de conquistar o “passeio-prêmio”. Ao término dessa fala, a discussão se encerrou e os professores puderam gozar de alguns momentos de descanso antes de voltar para as suas aulas.

Uma professora de geografia veio conversar comigo em particular e me fez questionamentos acerca das origens das festas juninas. Respondi que estava realizando a pesquisa justamente para aprender aquilo junto com eles. Tratava-se de uma professora muito simpática que beirava a terceira idade e que já estava em vias de se aposentar. Ela então me contou uma história sobre as festas dos santos padroeiros, ao que lhe ouvi atentamente.

3º dia de organização – sala de aula:

Tendo acompanhado mais reuniões de ATPC após o dia 23/05, notei que a festa de junho (a Festa das Nações Esportivas) não foi mais debatida naqueles encontros. Assim, neste ponto descreverei aquilo que observei em uma aula de Ciências que acompanhei na qual a professora apresentou o projeto à sua sala de coordenação. Tratava-se de uma aula ministrada em uma sala de 6º ano¹¹. Aquela aula ocorreu no dia 24/05/2018, ou seja, um dia após a reunião de ATPC na qual a proposta da festa fora apresentada à equipe docente.

¹¹ Correspondente à antiga quinta-série (série cujos alunos têm, em média, onze anos de idade e iniciam o segundo ciclo do ensino fundamental).

Chegando à escola às 7h, conforme combinado com a professora de ciências que cordialmente me havia feito o convite no dia anterior, entrei na sala do 6º ano e sentei-me em uma das carteiras. Passei então a acompanhar e registrar aquilo que era desenvolvido pela professora. Esta iniciou falando que a Festa das Nações Esportivas aconteceria no dia 23/06/2018 (dali a um mês) e que aquela sala (sua sala de coordenação) ficaria incumbida de desenvolver um trabalho sobre a Austrália. A docente anunciou também que as turmas iriam competir entre si pelo “passeio-prêmio” (que só seria dado ao melhor trabalho do ensino fundamental).

Percebi que os alunos eram muito dispersivos. A turma não conseguia focar a atenção na docente por muito tempo. Os alunos conversavam muito entre si em meio às falas da professora, de forma que esta tinha de aumentar seu tom de voz por diversas vezes, além de ter de interromper sua fala para chamar a atenção de alguns alunos agitados.

Em determinado momento da aula, ela então escreveu na lousa os critérios de avaliação que seriam aplicados. Alguns alunos mais disciplinados copiaram os critérios em seus cadernos.

Dentre as orientações que a professora escrevia na lousa, constava que a turma deveria pesquisar dados geográficos, bandeira, uniforme oficial, forma de organização política, trajes típicos, curiosidades esportivas, idioma, entre outros temas atinentes à Austrália. Ela ficou cerca de quinze minutos escrevendo na lousa e, após terminar este trabalho, voltou-se à sala e tentou conversar com os alunos.

Apesar de a turma ser extremamente dispersiva, a docente manteve a calma em todo o momento. Seus aumentos no tom de voz vinham apenas com o intuito de que seus alunos a ouvissem. Ela mostrava-se paciente com o ritmo dos alunos, e os mesmos, a despeito de falarem quase todos ao mesmo tempo, pareciam gostar daquela professora de ciências.

Em certo momento, percebi que os alunos sentados próximo à lousa ficaram em silêncio e, aos poucos, parte dos alunos sentados na parte intermediária da sala também ficou. Os alunos do fundo permaneciam a quase todo momento barulhentos. O barulho em alguns instantes chegava a me parecer insalubre para quem com ele convivia cotidianamente. Senti que a questão disciplinar era um desafio imenso a ser enfrentado para realizar um trabalho coletivo como aquele.

Embora a sala contasse com apenas 23 alunos, o barulho alto e a desatenção atrapalhavam qualquer tentativa de raciocínio linear nas falas da professora. Para alguns alunos, parecia ser muito difícil ouvir uma fala de mais de cinco minutos. Faltava àqueles educandos etiquetas básicas exigidas de quem frequenta o ambiente escolar, como, por exemplo, o simples gesto de “levantar a mão e esperar” antes de falar. No entanto, não seria verdade dizer que essa carência era comum a todos os alunos – havia sim uma minoria que esperava sua vez de falar (muito embora estes não fossem ouvidos pelos demais).

Em determinado momento da aula, a professora mencionou o “grupo da sala”, que acreditei tratar-se de um grupo de *Whatsapp* ou *Facebook* que poderia ser utilizado como ferramenta de comunicação para a organização do trabalho.

Aos poucos, alguns alunos captavam a proposta da atividade e começavam a dar sugestões. A professora ouvia todas estas sugestões com muita atenção e as estimulava por meio de aprovações.

Cinco minutos antes do horário de encerramento da aula, a diretora entrou na sala de aula e chamou a professora para conversar. Com a saída desta, os alunos passaram a conversar mais alto e alguns passaram a transitar pela sala, sendo que percebi um início de algazarra.

Como eu era o único adulto na sala naquele momento, observei que os alunos comportados que permaneciam sentados começaram a olhar para mim, parecendo esperar que eu interviesse na bagunça. No entanto, como eu estava na escola na condição de pesquisador, permaneci em silêncio realizando minhas anotações enquanto a algazarra e o barulho cresciam mais e mais.

O som era alto e estridente (um som agudo advindo de vozes infantis). Eu tinha vontade de me levantar e sair, mas um grupo de alunos estava em frente à porta e eu não queria ter de pedir licença para aquelas crianças para sair, de modo que permaneci sentado no meu lugar até que a professora da aula seguinte entrou na sala e deu uma bronca nos alunos que estavam perambulando pela sala. Os alunos foram então aos seus lugares e eu me despedi da professora, indo embora na sequência.

À noite, recebi da professora de ciências uma mensagem via *Whatsapp* em que ela apresentava a discussão dos alunos em um grupo daquela sala. Tratava-se uma longa troca de mensagens na qual diversos alunos contribuíam com sugestões e resultados de pesquisas que fizeram na internet sobre a Austrália. Tratava-se de um vasto material

captado em apenas um dia pelos alunos daquela turma a princípio tida por mim como absolutamente dispersiva. A mensagem me fez pensar no quanto as formas de interação entre as pessoas estavam se alterando, não apenas entre as crianças, mas também entre nós adultos, sendo que cada vez mais estávamos (estamos) nos abstendo do contato pessoal direto com nossos interlocutores, substituindo o mesmo pelas discussões *on-line*. Pareceu-me que até mesmo uma discussão presencial em uma turma de 6º ano já estava sendo substituída pela discussão de grupos de *Whatsapp*, onde o trabalho fazia-se mais efetivo nesse período técnico-científico-informacional.

4º dia de organização – preparação da sala de aula:

Ao chegar à escola no horário de APTC no dia 20/06/2018, percebi que naquele dia (três dias antes da festa) a escola já interrompera as aulas para a decoração dos espaços onde ocorreria a Festa das Nações Esportivas. A reunião de APTC tampouco estava acontecendo na sala de reuniões. Assim, fui transitar um pouco pelos corredores e notei que nos mesmos estavam sendo afixados cartazes, bandeiras, adereços, entre outros materiais. Nessa minha incursão pela escola, encontrei com uma das professoras que havia manifestado disposição em me ajudar na pesquisa – tratava-se de uma professora de Geografia. Ao lhe cumprimentar, perguntei à mesma se eu poderia acompanhar a organização da sala de sua turma de coordenação, ao que ela me respondeu que sim, conduzindo-me então até uma sala que abrigava uma turma do 8º ano.

Chegando à sala, encontrei diversos alunos trabalhando com colas, tesouras, fitas, materiais adesivos, entre outros materiais. Fui apresentado por aquela professora aos alunos presentes como “membro da comissão julgadora” – uma mentira utilizada por ela para que os alunos respeitassem minha presença. Optei por não desmentir a professora em respeito à mesma, que me acolhia em seu ambiente de trabalho de forma tão solidária, mas não assumi o papel do cargo ao qual ela me nomeara fantasiosamente, sendo que me limitei a observar e tomar nota do que estava sendo realizado – mantendo minha posição de pesquisador.

Apesar de eu ter sido apresentado pela profissional como “membro da comissão julgadora” para aquela turma de 8º ano, senti que minha presença era quase indiferente aos alunos. Eles não pareciam tentar aparentar trabalhar mais só para me impressionar.

Adentrei outras salas (com as anuências de seus respectivos professores coordenadores) e notei que a recepção daqueles outros alunos não era muito diferente da recepção que tive no 8º ano. A única diferença que percebi foi que, nas demais turmas visitadas, alguns me perguntaram: “você é professor novo?”, sendo que nestes momentos lhes respondi: “Não sou. Estou aqui para uma pesquisa da faculdade” (o que não consistia em mentira), resposta diante da qual eles pareciam ficar satisfeitos (já que por ali encerravam a conversa).

Na sala do 8º ano (aquela em que mais tempo permaneci, ou seja, a sala coordenada pela professora de Geografia), sentei-me em uma carteira situada no canto da sala e de lá realizei minhas observações e anotações.

Nesta sala, a maioria mostrava grande engajamento com o trabalho, embora houvesse também uma minoria quem não fazia quase nada para ajudar – estes ficavam conversando, jogando baralho e fazendo algumas brincadeiras entre si, ou seja, nada que atrapalhasse significativamente o trabalho dos alunos engajados. Deste modo, seria possível dividir os alunos entre “colaboradores” e “não colaboradores”, mas não identifiquei qualquer um que pudesse ser classificado como “atrapalhador”.

O que mais me incomodava de estar ali era o barulho excessivamente alto de vozes pedindo materiais e dando orientações. Entretanto, era perfeitamente compreensível que aquele fosse mesmo um ônus inevitável daquela atividade coletiva.

Os alunos também sujavam um pouco o chão com restos de materiais, mas observei que havia uma vassoura na sala e uma das alunas se incumbia de varrer a sujeira quando esta se acumulava muito.

Observando os alunos colarem cartazes, bandeiras, fitas, entre outros, notei que a participação feminina era notoriamente superior à masculina. Praticamente todos os alunos “não colaboradores” eram do sexo masculino. Pareceu-me que se fazia presente ali certa demarcação de gênero para aquele tipo de atividade manual artesanal, sendo que as alunas do sexo feminino pareciam oferecer menos resistência àquela proposta de atividade.

Na organização, a professora de geografia (coordenadora da sala) também fazia orientações aos alunos. O país que aquela turma trabalhava era o Peru, sendo que em diversos momentos a professora comentava sobre alguns costumes peruanos, recomendando que a decoração da sala se ajustasse o máximo possível a estes.

Também observei que todas as salas de aula eram divididas ao meio, sendo que uma metade do espaço era decorado pela turma que ocupava a sala no período da manhã e a outra metade era decorada pela sala que ocupava a sala no período da tarde. Desta forma, em cada sala encontrava-se a representação de dois diferentes países. Assim, naquela sala sob a coordenação da professora de geografia, a docente também alertava aos alunos para que não ultrapassassem os limites da sala, evitando assim a invasão do espaço reservado à turma do período da tarde (que trabalharia com outro país).

Permaneci naquela sala até o horário de saída dos alunos, quando também fui embora.

Figura 2 – Espaço de uma das salas sendo decorada através de referências ao Peru

Fonte: Foto do autor

Figura 3 – Espaços de uma das salas sendo decorados através de representações da Nigéria (esquerda) e do Japão (direita)

Fonte: Foto do autor

Figura 4 – Espaços da sala sendo decorados através de representações da Austrália

Fonte: Foto do autor

Figura 5 – Cartazes com informações sobre a Austrália sendo confeccionados e afixados

Fonte: Foto do autor

Figura 6 – Cartazes com informações sobre o Japão sendo confeccionados e afixados

Fonte: Foto do autor

Figura 7 – Espaço da sala sendo decorado através de representações do Japão

Fonte: Foto do autor

Figura 8 – Cartazes com informações sobre a Suécia

Fonte: Foto do autor

Figura 9 – Espaço de uso comum sendo decorado através de representações da Rússia (país-sede da Copa do Mundo de Futebol de 2018)

Fonte: Foto do autor

O dia da festa:

No dia 23/06/2018, num sábado, a festa junina (das nações esportivas) enfim aconteceu. Cheguei à escola por volta das 11h, sendo que entrei nela por um portão que dava acesso ao pátio. Neste pátio, estavam dispostas diversas mesas e cadeiras, onde muitos familiares dos alunos se reuniam em cenas que rememoravam tradicionais “almoços de família”.

Ao redor do pátio, estavam também presentes diversas barracas típicas de festas juninas tradicionais, tais como: barraca da pesca, da argola, do lanche, do suco, do churrasco, da ficha de compras, entre outras. Nestas barracas trabalhavam professores e pais de alunos. Havia grande circulação de pessoas e registros fotográficos eram constantes. Alguns alunos apresentavam seus familiares aos seus professores, de forma que o evento parecia integrar a comunidade.

Percebi que havia, naquele momento, representantes de diferentes gerações dentro da escola. Observei bebês, crianças pequenas, adolescentes, adultos e velhos. Estes representantes consumiam alimentos no pátio e, por vezes, iam até as salas de aula acompanhar as representações dos países feitas pelas turmas da escola.

Nos espaços físicos de cada sala de aula, conforme foi adiantado alguns parágrafos acima, dois países estavam sendo representados. Um país era representado

pela turma que ocupava a sala no período da manhã (turma do ensino fundamental II) e outro país era representado pela turma que ocupava a sala no período da tarde (turma do ensino médio). Os espaços das salas eram divididos em dois de praticamente mesmo tamanho cada. Os organizadores delimitaram essas divisões do espaço físico através de cortinas, carteiras, bexigas, fitas, entre outros materiais. Cada sala realizou uma forma própria de delimitação.

Ao adentrar as salas, os visitantes eram recebidos por alunos que, trajando roupas supostamente típicas dos países representados, anunciavam-lhes votos de boas-vindas. Os visitantes eram então geralmente questionados se já conheciam o país representado e, ao ouvir que os visitantes ainda não conheciam o país, os anfitriões (os alunos) conduziam os visitantes através da exposição organizada e apresentavam aquilo que haviam pesquisado sobre o país representado. Simulava-se uma visita guiada pelo país que duraria alguns minutos.

Nesta simulação de visita, os anfitriões apresentavam dados gerais dos países, tais como: moeda, população, língua, localização geográfica, bandeira, tamanho, clima, entre outros. Eram também apresentadas informações acerca da seleção de futebol que se classificara para a Copa do Mundo, bem como atualizações acerca do desempenho daquela seleção nas primeiras partidas daquele campeonato de 2018 (que estava acontecendo).

Os alunos anfitriões apoiavam suas apresentações em materiais que haviam sido construídos ao longo das últimas semanas. Eles exibiam cartazes, mapas, gravuras, fotografias, bandeiras e serviam também alguns petiscos de comidas que diziam ser típicas dos países, explicando suas formas de preparação. Percebi que, de forma geral, tanto os alunos quanto seus familiares demonstravam contentamento com a atividade.

Transitei por diversas salas e em todas elas fui muito bem recepcionado. Minha permanência em cada exposição durava entre 10 e 15 minutos. Fiz perguntas aos alunos sobre os países e eles me deram respostas que considerei satisfatórias para uma “feira das nações”.

Nas decorações, percebi que havia muitas bandeirinhas no formato típico de festa junina, porém sob as cores dos países representados. Todos os frequentadores também eram informados que a partir das 14h se iniciariam as apresentações das danças típicas dos países na quadra da escola, onde cada classe faria uma apresentação a partir de seu respectivo país representado.

Evidenciava-se para mim que a Festa das Nações Esportivas tomava a forma de uma espécie de festa junina (temática) disfarçada. Ao invés de quadrilhas, havia danças dos países. Ao invés de roupas esgarçadas, havia trajes supostamente típicos dos países representados. Ao invés de decorações que rememorariam festas da colheita, havia decorações nacionais. Assim sendo, a escola parecia ter conseguido realizar a contento sua intenção já declarada em reunião de ATPC: fazer uma festa junina que despistasse os questionamentos dos membros da comunidade que acusavam a escola de organizar uma celebração aos padroeiros católicos.

Entretanto, ao fazer esse esforço de camuflagem dos elementos tradicionais da festa junina, as equipes envolvidas pareceriam conseguir agregar conhecimentos inesperados mais próprios de uma feira das nações, como o resgate de elementos gastronômicos, culturais, geográficos, dentre outros. O resultado, de forma geral, me pareceu positivo, por contribuir ao repertório tanto dos estudantes quanto dos frequentadores.

No período da tarde, nas apresentações das danças típicas, percebi que algumas turmas realmente selecionaram músicas e prepararam coreografias tradicionais dos países representados. Estes alunos pareciam ter ensaiado durante bastante tempo, embora, obviamente, não tenham apresentado exhibições a nível profissional – lembrando aqui que não se tratavam de dançarinos, mas sim de alunos da educação básica que ensaiavam alguns passos. Destaco também que as músicas eram tocadas em aparelhos de som e não por bandas.

Percebi também que outras tantas turmas reproduziram equívocos tanto nas exposições das salas de aula quanto nas apresentações de dança. Pontualmente, em algumas salas, identifiquei o reforço de certos estereótipos de alguns países e culturas nacionais. Percebi ainda alguns erros relacionados à regionalização dos países e nas danças observei que algumas turmas selecionaram músicas que eu considerei contestáveis, como um 6º ano que dançou ao som da banda pop mexicana Rebelde para representar o que seria uma dança típica do México e de um 7º ano que usou uma música do cantor portorriquenho Ricky Martin para representar a Argentina. Obviamente, não fiz quaisquer críticas naqueles momentos.

Após seis ou sete apresentações de danças, considerando suficientes minhas observações e registros, fui embora. O horário marcava 15h30.

Figura 10 – Alunas do ensino médio apresentando elementos da França aos visitantes

Fonte: Foto do autor

Figura 11 – Alunos e alunas do ensino fundamental apresentando elementos da Espanha aos visitantes

Fonte: Foto do autor

Figura 12 – Barraca da pescaria, montada no pátio

Fonte: Foto do autor

Figura 13 – Alunos do ensino médio apresentando elementos da França aos visitantes

Fonte: Foto do autor

Figura 14 – Alunos do ensino fundamental dançando coreografia de música supostamente típica do México

Fonte: Foto do autor

Figura 15 – Alunos do ensino fundamental dançando coreografia de música Alemã

Fonte: Foto do autor

4.2.3. Segunda fase – entrevistas

Um ano após ter feito minhas incursões pela escola nos momentos de preparação e execução da Festa das Nações Esportivas, retornei àquela escola estadual a fim de coletar mais dados para minha pesquisa. Nesta fase, busquei conferir o que os próprios sujeitos-agentes da escola tinham a dizer sobre a festa.

Defini, em conjunto com minha orientadora, que entrevistaria dois representantes do quadro docente, dois representantes do quadro discente e dois representantes do quadro de gestão¹². Assim, revisei a escola por alguns dias e declarei ao coordenador pedagógico minha intenção de conversar com esses agentes de categorias diferentes entre si.

Mesmo retornando à escola após tanto tempo distante, fui reconhecido e bem recebido pelos professores, muito embora eu tenha notado evidente estranhamento destes diante de minha persistência em estudar as festas de junho. Alguns docentes me perguntaram: “colega, mas você já não fez aquele trabalho?”, pergunta diante da qual eu respondia: “eu fiz a primeira parte (observações) e qualifiquei, mas agora tenho de fazer a segunda parte (a coleta de vozes do interior da escola) para desenvolver o restante da dissertação e defender o trabalho”. Diante dessa resposta, eles cessavam os questionamentos, demonstrando compreensão e solidariedade.

Perguntei aos(às) docentes que encontrei na sala dos professores se estavam dispostos(as) a conceder entrevista para minha pesquisa. De alguns recebi como resposta que “lamentavelmente não tinham muito o que falar sobre as festas juninas, já que preferiam realizar a festa (e não a discutir)” e de outros recebi manifestações que revelaram disposição em ajudar através de respostas às perguntas que eu lhes fizesse.

Alguns destes últimos declararam preferir que eu lhes entregasse as perguntas através de questionário, pois assim poderiam responder de forma mais refletida, e outros profissionais disseram preferir que eu lhes fizesse as perguntas diretamente e tomasse nota das respostas que dessem. Respondi, em tom fraternal e amistoso, que respeitaria “o gosto do cliente”, dizendo-lhes que eles já estavam me ajudando muito e que, por isso, eu não estava em condições de fazer maiores exigências, mostrando-me grato pela ajuda. Esta resposta que dei aos profissionais pareceu contribuir para o fortalecimento da aceitação da minha presença perante o grupo.

¹² Diretor(a) e/ou vice-diretor(a) e/ou coordenador(a) pedagógico(a).

Percebi, entretanto, tanto por meio das respostas que recebi sob a forma escrita, quanto por meio das repostas que recebi através das entrevistas tête-à-tête, que os profissionais que se voluntariaram a contribuir não estavam muito dispostos a se estenderem na discussão sobre as festas juninas. Essa percepção deveu-se ao fato de muitas das respostas que recebi serem bastante curtas e terem parecido ser dadas de forma mecânica, como se os profissionais estivessem preenchendo um formulário qualquer por exigência burocrática ou respondendo a uma enfadonha pesquisa de opinião.

Nas entrevistas tête-à-tête, alguns me interpelavam através de frases como: “mas por que isso de estudar as festas juninas? Por que esse tema? Você foi professor da rede, então já sabe como as coisas funcionam!”. Estas frases eu respondia apenas dando sorrisos e dizendo: “foi o pano de fundo que escolhi para investigar a cultura escolar” ou “é um tema que me perturbava quando eu lecionava na rede pública, daí resolvi estudá-lo depois de exonerar”.

Senti, nesse meu retorno à escola, que por os professores já terem me conhecido no ano anterior, e por já saberem que eu era ex-professor da rede, eles me receberam com maior naturalidade do que no ano anterior. Eu sentia que era mais identificado como um a mais entre eles, dado que a sinceridade deles se afluía de forma mais contundente do que no ano anterior.

Em relação à minha interlocução com os(as) discentes, por sua vez, considerei adequado que estes(as) fossem entrevistados(as) diretamente, então não abri a possibilidade de que os mesmos respondessem questionários aplicados. Assim, pedi ao coordenador pedagógico que ele me apresentasse possíveis alunos(as) que pudessem ser entrevistados(as) e solicitei também a ele que acompanhasse as entrevistas, caso os(as) voluntários(as) fossem menores de 18 anos.

Diante destas solicitações, o coordenador chamou duas alunas que considerava referências aos(as) pares (demais discentes) na organização das festas da escola. Estas duas alunas se dispuseram a conversar comigo por alguns instantes e deram-me as respostas que foram registradas.

No conjunto de entrevistas, a composição que obtive foi: a) do quadro de professores, consegui entrevistar uma professora de matemática e consegui que a professora de filosofia respondesse ao questionário (foi assim que ela preferiu contribuir); b) do quadro discente, consegui entrevistar duas estudantes do terceiro ano

do ensino médio (aquelas mesmas que o coordenador chamou); c) do quadro de gestão, consegui que o coordenador pedagógico respondesse ao questionário¹³.

Seguindo orientação que recebi no trabalho, deixei o registro literal das entrevistas disponível nos arquivos anexos à dissertação para quaisquer leitores(as) que queiram acessá-las. Neste registro, mantive literalmente as palavras e construções textuais utilizadas pelos entrevistados (mantendo, inclusive, os erros gramaticais conferidos nas respostas escritas pelos que optaram por responder questionário).

Destaco que, em essência, algumas respostas foram coerentes entre si, como, por exemplo: afirmações em favor da festa como estimuladora da integração entre membros da comunidade; afirmações de que as festas tinham de ser renomeadas para evitar a indisposição de membros evangélicos; afirmação de que era uma atividade diferenciada. Entretanto, notei ainda que outras tantas respostas se contradiziam, dentre as quais para mim sobressaíram-se as afirmações confusas sobre o PPP (Projeto Político Pedagógico).

Percebendo que alguns docentes diziam que o PPP previa a realização de festas em junho e definia o modelo das mesmas, enquanto outros diziam exatamente o contrário, após terminar minhas entrevistas, tentei, reiteradamente, acessar o projeto político pedagógico por meio da escola e, após sucessivas tentativas infrutíferas, também por meio da diretoria de ensino. Sem sucesso, nestas tentativas de acesso ao PPP apenas recebi negativas um tanto ríspidas e evidente indisposição por parte de alguns funcionários que aparentavam serem orientados a dificultar o acesso ao documento a quem o tivesse solicitado. Assim, a análise do PPP, nesta escola, infelizmente, não pôde ser feita, e jamais consegui saber se o PPP previa ou não a realização das festas juninas. Porém, as negativas e as contradições nas falas dos profissionais fizeram-me trabalhar algumas interpretações, conforme se poderá verificar nas análises (em capítulo seguinte desta dissertação).

Nos parágrafos a seguir, seguem as descrições das entrevistas feitas nesta escola estadual com cada sujeito contatado:

¹³ Busquei entrevistar também a diretora da escola. Ela disse que preferia que eu enviasse as questões por e-mail, porque seria muito difícil parar por alguns instantes para conversar comigo diante de tantas questões que ela tinha a resolver na escola. Enviei as questões para o endereço eletrônico por ela informado e solicitei que me encaminhasse de volta as respostas e o arquivo com o projeto político pedagógico da escola. Passaram-se vários dias sem que eu tivesse qualquer retorno. Escrevi mais vezes para ela pedindo retorno e nunca obtive resposta.

Entrevistada 1 – Professora de Matemática

Tratava-se de uma professora efetiva de matemática, com 45 anos de idade e 19 anos de atuação no magistério. Era uma mulher casada, moradora de Santo André – SP e nascida naquele mesmo município. Esta profissional optou por ser entrevistada, sendo que tomei nota do que ela respondia e reelaborei as respostas através de frases que posteriormente foram avalizadas pela entrevistada.

Disse esta professora que as festas de junho contribuem para a promoção da cultura e estimulam a participação da família na escola. Comentou também que o principal diferencial entre modelos atuais de festas juninas escolares e os modelos tradicionais é o fato de as festas atuais não “envolverem” religião – como exemplo, ela disse que os santos padroeiros não podem mais ser referenciados.

Acerca de novas demandas das festas atuais, a docente registrou que há a necessidade de realizar adaptações nas danças e comidas, já que os alunos atuais trazem à escola novos costumes e culturas que hão de ser incorporados às festas.

No que diz respeito às influências da comunidade local que já impactaram nos modelos de festa, a entrevistada destacou, reiteradamente, que foi a comunidade que não permitiu mais que os santos católicos fossem referenciados. Segundo a profissional, a comunidade escolar atual é composta por membros que professam diferentes crenças e seguem diferentes religiões, de modo que, na impossibilidade de contemplarem todas as religiões, a professora defende que não se referencie nenhuma – devendo a escola explorar outro tema qualquer que não envolva religião.

Registrou também que o fato de a escola trabalhar a festa a partir de um projeto bem definido facilita muito a execução do planejado, não dando muita margem à inclusão de temas controversos.

Diante de minha pergunta se o Projeto Político Pedagógico da escola prevê ou não a realização de festa junina e se há a indicação de um modelo pré-estabelecido, a professora afirmou categoricamente que o PPP já prevê a realização de um evento em junho e que estabelece que o nome “festa junina” não será utilizado, devendo ser substituído por um nome que referencie “algum tema”.

Ao ser questionada se percebe diferenças nos agentes envolvidos derivadas das festas de junho, ela disse que, no último ano (após a realização da festa das nações esportivas), “conhecimentos foram acrescentados nos alunos” através dos temas

pesquisados e que o trabalho em equipe propiciou a participação de alunos que costumeiramente não se interessam pelas propostas desenvolvidas em sala de aula.

Finalizou a entrevista afirmando que o alunado da escola gosta muito do evento e que é muito interessante, tanto na organização quanto na execução das festas, descobrir habilidades surpreendentes entre alguns alunos. Habilidades estas que no dia a dia passam despercebidas pela maioria.

Entrevistada 2 – Professora de Filosofia

Tratava-se de uma professora efetiva de filosofia, com 43 anos de idade e 06 anos de atuação no magistério. Era uma mulher solteira, moradora de São Bernardo do Campo – SP e nascida em São Paulo – SP. Esta professora declarou preferir responder ao questionário impresso ao invés de ser entrevistada – opção esta que foi respeitada por mim.

A docente registrou que interpreta a festa junina como uma “atividade diferenciada” que exige a participação dos alunos através de execução de pesquisas, ensaios de danças e promoção de manifestações culturais. Escreveu ainda que as festas contemporâneas se distinguem pelo fato de as quadrilhas não serem mais trabalhadas a partir de “músicas caipiras”.

O desafio que ela identifica para as festas juninas escolares atuais é tornar a festa atrativa aos alunos, que em sua maioria demandam a incorporação de novos estilos musicais não presentes naqueles festejos. Entretanto, a docente também registrou que não nota quaisquer influências da comunidade na definição do modelo de festas¹⁴.

Respondeu também que embora muitas vezes as expectativas dos docentes com as festas não sejam alcançadas, outras tantas vezes são até superadas. Assim, segundo ela, é preciso certa dose de conformismo com as circunstâncias.

Perguntada acerca do PPP, ela escreveu que o documento prevê a realização de festas juninas, porém sem definir qualquer modelo.

Em relação às mudanças nos agentes envolvidos derivadas das festas de junho, ela destacou o fortalecimento da “noção de trabalho em equipe”.

¹⁴ Afirmações estas que soaram um tanto contraditórias entre si, já que os próprios alunos são entes da comunidade escolar. Possivelmente a docente não interpretou desta forma.

Finalizando, ela defendeu que as festas juninas escolares sejam “preservadas” e registrou que é um evento esperado por “alunos, pais e comunidade em geral”, sendo “uma das oportunidades de se vivenciar o ambiente escolar fora da rotina”.

Entrevistada 3 – Aluna do Ensino Médio

Tratava-se de uma aluna do terceiro ano do ensino médio, com 17 anos de idade. Era uma garota solteira, moradora de São Bernardo do Campo – SP e nascida no próprio município. A aluna foi por mim entrevistada sob o acompanhamento do coordenador pedagógico.

Disse a aluna que a festa das nações esportivas ajudou bastante os alunos a desenvolverem a capacidade de trabalhar em equipe. Além disso, através da nova temática explorada, elementos que antes não eram trabalhados foram agregados à festa.

Ela revelou ainda ter percebido, na organização das festas, que a participação dos alunos era vinculada essencialmente às notas que seriam atribuídas. Ou seja, era uma participação interessada (em notas). Afirmou que, caso não fossem atribuídas notas para os alunos que ajudassem a organizar a festa, os alunos não ajudariam, mas mesmo assim iriam querer ir à festa só para se divertirem.

Ainda em relação às notas que acabaram sendo atribuídas aos alunos participantes da festa do ano anterior, a aluna disse que as médias bimestrais do segundo semestre acabaram ficando mais altas do que o normal justamente porque incorporaram as notas referentes ao evento.

Ao contrário do que foi registrado na resposta da professora de filosofia, esta aluna afirmou que a comunidade influencia bastante no modelo de festa de junho. Isso, segundo ela, aconteceria essencialmente através do envolvimento dos pais (que na maioria das vezes carregariam visões de festa juninas diferentes daquelas propostas pela escola – Festa das Nações Esportivas). Assim, elementos de festas juninas tradicionais (como barracas de prendas) ainda se faziam presentes nas festas.

Disse ainda que é necessário um pouco de improviso nas festas, já que algumas coisas não aconteceriam conforme o planejado, e que ela considera interessante que a organização da festa permite que os alunos enxerguem nas ações uns dos outros como cada um lida diante das circunstâncias. Assim, observando a participação, o empenho e as reações de cada um, já é possível identificar com quem é ou não possível contar para o desenvolvimento de um eventual trabalho em grupo.

Finalizando a entrevista, a aluna registrou os seguintes dizeres: “Acho positivo que se desenvolvam festas juninas porque se trata de uma atividade diversificada. Isso é importante principalmente para nós dos terceiros anos que já iremos nos formar. Será uma festa que nos marcará para além da escola”.

Entrevistada 4 – Aluna do Ensino Médio

Tratava-se de uma aluna do terceiro ano do ensino médio, com 16 anos de idade. Era uma garota solteira, moradora de São Bernardo do Campo – SP e nascida em São Paulo – SP. A aluna foi por mim entrevistada sob o acompanhamento do coordenador pedagógico.

Esta aluna destacou que a festa “traz dinamismo à escola”. Explicando isso, ela afirmou que a festa estimula a interação entre as turmas, ou seja, entre diferentes séries e classes. Disse que, por meio da festa, alunos de diferentes idades inter-relacionam-se – o que ela considera positivo.

Afirmou que não percebe diferenças entre o modelo atual de festa junina e os modelos tradicionais. Entretanto, disse que nas festas dos últimos anos foram os próprios alunos quem organizaram as salas, então foi necessário “comprometimento, organização e senso de solidariedade”.

Perguntada sobre as influências da comunidade na definição dos modelos de festa de junho, a aluna afirmou que existem muitas famílias de alunos(as) que não gostam de festas juninas por conta de referências religiosas. Ela disse ter conhecimento de que a escola alterou o nome da festa justamente por causa desse incômodo de muitas famílias.

Tal como sua colega também entrevistada, esta aluna disse que a participação dos alunos se daria pelas notas que lhes seriam conferidas.

Finalizou a conversa dizendo apoiar a mudança de nome da festa, pois acredita ser possível desenvolver uma festa de comemoração que não dependa de religião.

Entrevistado 5 – Coordenador Pedagógico

Tratava-se do coordenador pedagógico da escola, que também era professor de história (embora na ocasião não exercesse mais esta função). Era um homem casado, com 47 anos de idade e 23 anos de atuação na educação (contabilizando o tempo de atuação como professor e coordenador). Nasceu em Penápolis – SP e, na ocasião da

pesquisa, morava em São Bernardo do Campo – SP. Este coordenador optou por responder ao questionário impresso ao invés de ser entrevistado – opção esta que foi respeitada por mim.

Questionado sobre a importância da festa de junho para a unidade escolar, o professor registrou: “não existe relevância tratando-se de uma comemoração com referência religiosa. No entanto, tirando este caráter é importante para a integração para a integração escola-comunidade” (sic). Esta afirmação me soou bastante confusa, razão pela qual considerei melhor transcrevê-la na íntegra do que tentar explicar com outras palavras.

Acerca das diferenças entre modelos atuais de festas juninas escolares e modelos tradicionais, o profissional disse que a diferença é o esforço que a escola empreende para “não trabalhar a simbologia religiosa no evento”. Este esforço, segundo ele, seria uma demanda dos últimos anos para a viabilização de festas escolares.

Embora tenha ressaltado essa nova demanda, as respostas conferidas contradisseram-se quando o profissional respondeu, em outra questão, que há “pouca influência” da comunidade na definição do modelo de festa, sendo que a comunidade colaboraria “mais na execução das atividades”.¹⁵

Registrou ainda que sempre ocorrem imprevistos na execução das festas e que os envolvidos “entendem quando mudanças são necessárias”.

Perguntado pelo PPP da escola, ele respondeu que o documento prevê a realização de festas juninas, porém sem pré-estabelecer qualquer modelo.

Na pergunta sobre eventuais mudanças nos agentes envolvidos derivadas das festas de junho, o coordenador respondeu que “é possível perceber um envolvimento positivo dos alunos”, sem dar quaisquer exemplos ou explicar melhor este envolvimento.

Finalizadas as respostas, ele não quis acrescentar qualquer outro comentário adicional sobre as festas de junho na escola, se limitando a escrever: “Não”.

¹⁵ Aparentemente, ele não interpretou que rejeitando determinado modelo de festa (a que referência os padroeiros católicos), e tendo essa rejeição legitimada pela escola, a comunidade já estivesse influenciando na definição do modelo e festa.

4.3. A escola municipal

4.3.1. Contexto sócio-espacial

Esta escola localiza-se no Jardim Sapopemba, bairro situado em um dos extremos da Zona Leste do município de São Paulo. Este bairro encontra-se muito próximo às divisas territoriais municipais de São Paulo com os municípios de Santo André e Mauá. Trata-se de um bairro periférico, onde os imóveis servem, sobretudo, ao uso residencial das famílias de classe média baixa e baixa, bem como servem ao comércio popular.

Próximo à escola, encontra-se um terminal de ônibus e um hospital estadual. Em uma das principais vias que dá acesso ao bairro estava, no momento da execução da pesquisa, sendo construída uma linha radial do monotrilho. Considero necessário observar que esta escola municipal de ensino fundamental (EMEF) situa-se ainda no interior de um CEU (Centro de Educação Unificado), ou seja, a escola em questão integra um complexo educacional e esportivo de grandes proporções composto por outros equipamentos municipais, tais como: CEI¹⁶, EMEI¹⁷, centro esportivo e centro cultural.

¹⁶ Centro de Educação Infantil – unidade que trabalha com a educação de crianças de zero a três anos e onze meses de idade.

¹⁷ Escola Municipal de Educação Infantil – unidade que trabalha com a educação de crianças de quatro a cinco anos e onze meses de idade.

Figura 16 – Imagem de rua situada no entorno da escola municipal

Fonte: Foto do autor

4.3.2. Primeira fase – observação

Antecedentes:

Antes de iniciar a pesquisa nesta escola, ainda em meados de maio consultei a diretora em exercício e uma das coordenadoras pedagógica perguntando-lhes se aquela escola promoveria festa junina. Ambas responderam que haveria festa junina, porém que a mesma teria seu nome alterado para “Festa da Cultura Brasileira” em função de denúncias realizadas (por membros da comunidade) em anos passados dizendo que a escola promovia uma festa de padroeiros católicos quando chamava a festa de junho de “festa junina”. Ambas (diretora e coordenadora) sabiam que o nome “junina” se referia na realidade ao mês de “junho”, mas mesmo assim preferiam não utilizar este nome para que fossem evitadas polêmicas desgastantes junto a membros sectários.

As profissionais me disseram que a festa da cultura brasileira seria praticamente igual às festas juninas convencionais, com a diferença de que evitariam referências a Santo Antônio, São João e São Pedro – padroeiros geralmente celebrados nas festas paroquiais.

Fui orientado a comparecer à escola nos dias e horários em que se realizariam reuniões entre os professores, quando o assunto seria mais bem debatido junto ao corpo docente da escola. Tais reuniões eram chamadas JEIFs (Jornada Especial Integrada de Formação) e PEAs (Projeto Especial de Ação). Formalmente, havia diferenças entre as

concepções das reuniões, mas, na prática, verifiquei que alguns temas eram comuns a ambas as reuniões, dentre estes temas: a organização da festa junina, ou melhor, “Festa da Cultura Brasileira”.

1º dia de organização

Tal como na escola estadual, a pesquisa nesta escola municipal foi feita em continuidade a um trabalho em que eu acompanhava as reuniões pedagógicas, que nesta rede eram chamadas PEA e JEIF.

No dia 20/06/2018, após cerca de um mês de convívio com os professores e equipe gestora da escola durante as reuniões pedagógicas, pela primeira vez, escutei uma fala em reunião a respeito da festa junina (ela se referiu à festa por este nome mesmo). Algumas docentes diziam que já vinham conversando entre si acerca deste assunto, porém, como não testemunhei estas outras conversas, a reunião do dia 20/06/2018 foi o primeiro momento em que escutei algo acerca da festa junina¹⁸.

Tomando a palavra em reunião e dirigindo-se a todos os presentes, a coordenadora disse que no dia seguinte (21/06) ocorreria, no horário de aula, uma festa junina interna organizada pelos próprios alunos no horário de aula. Os professores e professoras não seriam obrigados a participar daquela festa, mas deveriam cumprir horário de trabalho no interior da escola durante a realização do evento. A festa seria realizada no pátio da escola.

Acompanhando atentamente a fala da coordenadora, compreendi que esta festa era uma festa da EMEF, sendo que haveria ainda outra festa geral do CEU do qual a mesma EMEF fazia parte. A festa interna da EMEF (restrita aos alunos e funcionários) era a “Festa Junina” enquanto a festa do CEU (que seria aberta ao restante da comunidade) seria a tal “Festa da Cultura Brasileira”. A festa interna da EMEF seria organizada pelo próprio grêmio estudantil, não envolvendo a participação direta dos professores, ao passo que a Festa da Cultura Brasileira do CEU envolveria, além da gestão da EMEF, as gestões da CEI, da EMEI e a direção geral do próprio CEU.

¹⁸ Deste modo, inicio naquele ponto meu relato reconhecendo que algumas discussões fora do âmbito das PEAs e JEIFs tenham sido realizadas sem que eu pudesse registrá-las por não estar presente nas ocasiões em que ocorreram.

Assim sendo, a Festa da Cultura Brasileira seria uma festa de grandes proporções que integraria o trabalho de diversas entidades participantes do CEU. Aquele evento estava previsto para o dia 30 de junho, num sábado, e duraria o período da manhã e tarde.

Sabendo que o assunto me interessava, a própria coordenadora ressaltou a mim que seria interessante que eu participasse de ambas as festas. Assim, ela disse que, se minha disponibilidade permitisse, eu poderia vir no dia seguinte realizar alguns registros da festa junina promovida pelo grêmio estudantil. Confirmei à coordenadora que eu viria, agradecendo-lhe o convite.

Naquela reunião, outros temas foram discutidos após o aviso sobre a festa junina. Entretanto, como não se relacionavam ao evento (ou sobre a Festa da Cultura Brasileira), prefiro não os inserir neste trabalho. Tratavam-se de assuntos do dia a dia da escola, um tanto distantes do tema desta pesquisa.

A Festa Junina do grêmio estudantil

Cheguei à escola municipal por volta das 15h no dia 21/06/2018, uma quinta-feira. Dirigi-me diretamente à sala dos professores e percebi que muitos lá estavam conversando entre si. Cumprimentei todos e logo avistei a coordenadora, a quem perguntei se a festa junina do grêmio estudantil já tinha começado. Ela me respondeu que sim e que estava sendo realizada no pátio da escola situado logo após o corredor de entrada, dizendo-me que eu podia ficar à vontade para ir lá conferir a festa.

No caminho até o pátio, encontrei a diretora da escola e lembrei-me de perguntar se eu estava autorizado a realizar registros fotográficos daquele ambiente, ao que ela me respondeu que sim. No pátio, conferi algumas cenas que abaixo descrevo:

As luzes eram baixas e coloridas, a música era reproduzida por um aparelho sonoro bastante potente, um grupo de alunos controlava uma espécie de mesa de som, diversos pré-adolescentes e adolescentes dançavam e circulavam pelo ambiente. O estilo musical que prevalecia era o funk cujas letras por vezes remetiam à ostentação e à libertinagem. Muitos alunos dançavam, sendo que alguns de forma que considerei um pouco vulgar e, em certa medida, questionável ao ambiente e a idade dos presentes.

Notei que parte daquela festa arremedava o que acontecia em bailes funks de rua (ou “pancadão”, “fluxo”, ou derivações correlatas, a depender da região). Os adultos

presentes eram os funcionários da merenda e da limpeza, que faziam seus devidos trabalhos sem intervir na festa dos alunos. Havia sujeira espalhada pelo chão.

Notei que algumas alunas estavam maquiadas e havia também alunos e alunas que se vestiam com roupas xadrez, e com o rosto pintado de forma a caricaturar os homens e mulheres do campo. Algumas alunas usavam roupas curtas tipicamente utilizadas em baladas, tendo seus corpos objetificados por alguns garotos que as observavam dançando e comentavam entre si, porém não eram todas as alunas que se vestiam com tais trajes.

No pátio, havia decoração de festa junina, com bandeirinhas penduradas, correio elegante, etc. No entanto, essa decoração contrastava com o ambiente relativamente escuro que se produziu por meio de janelas semiobstruídas por papeis e plásticos que dificultavam a entrada da luz do sol. Também havia uma luminária giratória colorida comum em casas noturnas, abaixo da qual alguns estudantes dançavam. Numa mesa colocada no canto do pátio, havia doces e salgados industrializados. O serviço de merenda da escola servia lanches que pareciam ser de melhor qualidade nutricional.

Observei um pouco a movimentação e, presenciando as cenas que considerei inapropriadas a uma festa escolar de menores de idade, fiquei um tanto constrangido de estar lá sem o acompanhamento de algum outro adulto educador, de forma que achei melhor ir embora ao notar olhares já desconfiados sobre mim, homem barbado estranho aos alunos e alunas. O barulho excessivamente alto do som que não me agradava também já passava a incomodar-me demasiado.

Saí de lá um pouco decepcionado e aborrecido. No retorno, fui direto à Faculdade de Educação um tanto perturbado com o que eu acabara de registrar na festa junina do grêmio estudantil, avaliando o grau de autonomia conferido pela escola ao grêmio estudantil composto por adolescentes, naquele momento específico.

Incomodou-me também que nenhum profissional tivesse se disposto a acompanhar-me durante os registros – acompanhamento este que talvez pudesse ter contribuído para que eu não fosse alvo daqueles olhares que me pareceram desaprovadores em relação a minha presença. Entretanto, é necessário também dizer que eu não fiz o pedido a ninguém, tendo ingenuamente esperado que alguém se voluntariasse espontaneamente (autocrítica que considero importante registrar).

Posteriormente ao exame de qualificação (em cujo relatório teci críticas amargas àquela festa), tendo sido no exame alertado por uma das professoras membros da banca

sobre aspectos que talvez tivessem escapado à minha leitura no momento, repensei bastante sobre esta festa junina do grêmio estudantil.

Quase um ano após a festa, na ocasião da seleção dos entrevistados (segunda fase da pesquisa de campo), após muito ler e refletir acerca da advertência da membro da banca, retornei à escola e pedi à coordenadora pedagógica em exercício para conversar com membros do grêmio estudantil sobre aquela festa junina. A coordenadora chamou duas alunas com as quais mantive diálogo durante algum tempo. Estas conversas estão registradas em algumas páginas mais adiante (segunda fase - entrevistas) e certamente contribuíram muito para o despertar de um outro olhar sobre a festa do grêmio, conforme será possível conferir nos próximos capítulos que analisam a pesquisa de campo. Este outro olhar não necessariamente nega ou ilegítima o primeiro, mas sim com este é capaz de estabelecer um jogo dialético.

Figura 17 – Registro realizado no pátio. Destaque para funcionária da limpeza limpando sujeira deixada pelos alunos e utilização do mobiliário da sala de aula como suporte à festa

Fonte: Foto do Autor.

Figura 18 – Mesa com doces industrializados. Cobertura na janela que dificultava a entrada da luz do sol. Alunos na frente com vestimenta xadrez e chapéu de palha. Alunos no fundo com uniforme. Carteiras de sala de aula servindo de suporte à festa

Fonte: Foto do Autor

Figura 19 – Luminária giratória afixada ao teto do pátio, contrastando com bandeirinhas juninas logo abaixo

Fonte: Foto do Autor

Figura 20 – Estudantes dançando e circulando pelo pátio

Fonte: Foto do Autor

Demais encontros de PEA e JEIF:

Após a festa junina do grêmio estudantil, acompanhei outras reuniões pedagógicas de PEA e JEIF sem identificar momentos em que a festa junina ou a festa da cultura brasileira fossem discutidas. Perguntei a alguns professores e eles me responderam que algumas turmas vinham ensaiando quadrilhas e outras danças nos horários de aula de alguns professores.

Festa da cultura brasileira:

No dia 30/06/2018 fui até a escola por volta das 12h. Era um sábado e havia feira livre na rua do CEU, de modo que a movimentação na entrada era grande não apenas em função da festa junina, mas também em função da feira livre.

Chegando à escola, notei que a festa estava ocorrendo num setor esportivo do CEU onde havia quadras. Tratava-se de um edifício distinto do edifício da EMEF.

Percebi que havia muitas famílias na festa. Crianças se divertiam com brinquedos infláveis instalados logo na entrada. No pátio, havia diversas barracas de jogos de argola, nos quais prendas estavam expostas. Também havia barracas de

alimentos como lanches, doces, espetos de churrasco e refrigerante. Mesas e cadeiras ficavam à disposição das famílias que chegavam.

Observei que nas barracas trabalhavam os professores e demais funcionários da escola. Muitos desses estavam trajando camisas xadrezes, chapéus de palha e calças remendadas.

Ao lado do pátio havia uma quadra onde eram realizadas as apresentações de danças de diversas turmas. Havia um animador profissional ao microfone e um operador de som que coordenavam as apresentações. Percebi que seguiam uma programação pré-definida (talvez por eles mesmos).

Nas apresentações de dança, notei que havia não apenas apresentações da EMEF mas também de todo o CEU. Ou seja, se apresentavam os frequentadores da divisão de esportes do CEU, os alunos da EMEI e do CEI. Ficava explícito que ali havia um intento de integração entre todo o CEU.

A divisão de esportes realizou apresentação com adultos dançando quadrilha, com funcionários e alunos trajando roupas esgarçadas e andar trôpego. Foi realizado o forte apelo à comicidade, com certo deboche do homem do campo. Entretanto, percebia-se que os participantes e seus familiares que assistiam se divertiam bastante, sendo que a quadrilha servia à integração entre as pessoas, bem como à sociabilidade dos mais tímidos.

Nas apresentações da EMEF, o que eu pude perceber foi que, nas séries iniciais do ensino fundamental, as professoras trabalharam coreografias com músicas infantis antigas. Em quase todas as apresentações notei que havia posições bem definidas a ser assumidas pelos meninos e pelas meninas. Não vi quaisquer transgressões nessas definições padrão de gênero. Alguns alunos dançavam de forma um pouco robotizada, enquanto outros demonstravam melhor desenvoltura – o que acreditei dever-se, sobretudo, aos costumes familiares (ao meio).

Considereei bastante interessante que em muitas apresentações dessas turmas das séries iniciais do ensino fundamental havia alunos com deficiência física. Estes dançavam em suas próprias cadeiras de rodas, na maioria das vezes fazendo pares com pessoas sem restrições de mobilidade. As professoras dançavam na frente das turmas, orientando os passos.

Nas séries finais do ensino fundamental, por sua vez, percebi que as turmas que se apresentavam eram compostas por grupos bastante reduzidos de alunos. Havia turmas

representadas por meia dúzia de alunas. Nestas turmas do segundo ciclo do ensino fundamental, ao contrário do que observei do fundamental I, pareceu-me que havia falta de acompanhamento por parte dos educadores. Isso porque, tal como na festa junina do grêmio, o repertório escolhido era bastante pobre, apenas refletindo a cultura de massas (e não a cultura popular).

Nas coreografias apresentadas, notei que eram utilizados *hits* repetidamente reproduzidos pela mídia e pelos carros de som que circulavam pelas ruas da periferia. Era sobre esses *hits* que as alunas faziam suas performances representando a “cultura brasileira”. A título de exemplo, uma turma que representava a cultura da Bahia dançava o *hit*: “*onda, onda, olha a onda*”, com seis alunas fazendo os passos das dançarinas do grupo de axé TchakaBum¹⁹.

Houve também apresentação com dança de rua (conhecidas sob o estrangeirismo “*street dance*”), sendo que passos coreografados eram reproduzidos por alunos que pareciam ter ensaiado aquilo por muito tempo.

Após acompanhar cerca de dez apresentações e ter considerado minhas observações e registros suficientes, fui embora da festa.

Figura 21 – Brinquedos infláveis instalados em frente ao prédio onde ocorria a festa da cultura brasileira

Fonte: foto do Autor

¹⁹ Banda carioca de “axé music” que fez bastante sucesso nos carnavais dos anos 2000 e cujo maior êxito é o hit Tesouro do Pirata (Onda Onda, Olha a Onda!), do álbum Capitão Tchaka, gravadora Universal (2001).

Figura 22 – Decoração do pátio fazendo referência à seleção brasileira de futebol, que disputara a Copa do Mundo naquele período

Fonte: foto do Autor

Figura 23 – Barracas instaladas no interior do pátio. Membros da comunidade escolar nelas atuando

Fonte: foto do Autor

Figura 24 – Turma do Ensino Fundamental I realizando sua apresentação de dança. Destaque para casais formados sempre por um menino e uma menina; professora à frente orientando a dança; terceiro casal (esq.) com uma aluna cadeirante

Fonte: foto do Autor

Figura 25 – Quadrilha junina dançada pelos integrantes da divisão de esportes do CEU

Fonte: foto do Autor

Figura 26 – Alunas de uma das turmas do Ensino Fundamental II apresentando dança que supostamente representaria um dos estados brasileiros do Nordeste na festa da cultura brasileira do CEU

Fonte: foto do Autor

4.3.3. Segunda fase – entrevistas

Tal como fiz nas demais escolas, retornei à escola municipal para ouvir os sujeitos da escola cerca de um ano após a fase de observação. Na minha tentativa de reestabelecer contato com esta escola, enfrentei maior dificuldade do que no retorno à escola estadual. Creio que isso se devesse principalmente ao fato de haver maior rotatividade entre os servidores atuantes, que “removiam-se²⁰” de uma escola para outra da mesma rede de um ano para o outro. Assim, não eram todos(as) os(as) profissionais que se lembravam de mim.

Também percebi que os professores e a equipe gestora dispunham de menos tempo para dar atenção à minha demanda. Isso porque, a quase todo instante, chegavam-lhes prioridades como casos de alunos que estavam brigando entre si, casos de pais que vinham reclamar de algum assunto, casos de alunos com necessidades especiais que demandavam atenção imediata, representantes de empresas que vinham

²⁰ “Remoção” é um termo usado nas redes municipal paulistana e estadual paulista para se referir à transferência voluntária de pessoal de um estabelecimento para outro da mesma rede. Assim, quando um servidor migra de uma escola para outra ele é oficialmente “removido” de uma escola para outra. Esse procedimento é muito usual na rede municipal paulistana.

executar algum serviço, representantes dos demais setores do CEU da qual a EMEF fazia parte, entre outras prioridades.

Diante disso, tive de voltar algumas vezes a esta escola para conseguir ser atendido e, quando fui, o atendimento foi sempre interrompido por demandas emergenciais.

Ainda assim, percebi entre aqueles servidores tão atarefados, disposição em ajudar – desde que a conversa fosse rápida.

Anunciei minha demanda aos profissionais desta escola municipal da mesma forma como procedi na escola estadual, ou seja, na sala dos professores busquei alguns que se voluntariassem a conceder-me entrevistas sobre a festa junina e, dirigindo-me à coordenação da escola (neste caso, a representante era uma coordenadora) eu disse-lhe que gostaria de falar com dois membros da equipe gestora e também, se possível, com dois estudantes – preferencialmente alguns que pertencessem ao grêmio estudantil que organizara a festa junina do ano anterior. Pedi ainda para a coordenadora que ela acompanhasse as entrevistas com os(as) alunos(as).

Permiti que os profissionais envolvidos optassem entre responder a questionário ou responder à entrevista tête-à-tête e defini que os(as) estudantes voluntários(as) seriam necessariamente entrevistados(as) – mantendo assim a isonomia de condições com as entrevistas da escola estadual.

A coordenadora pedagógica optou por responder ao questionário (pois a todo instante lhe chegavam demandas de várias partes²¹) e chamou duas alunas representantes do grêmio estudantil para conversarem comigo – nas conversas que mantive com as alunas, a coordenadora manteve-se presente, tal como solicitei.

Além destas pessoas entrevistadas (coordenadora e alunas), os demais sujeitos que colaboraram com seus depoimentos foram: um professor de geografia (que optou por responder ao questionário), uma professora de ciências (que optou por ser entrevistada frente-a-frente), e a auxiliar de direção²² (que optou por ser entrevistada frente a frente).

²¹ Testemunhei até algumas demandas violentas, tendo-me marcado na memória a de uma mãe de uma aluna que exigia que seu problema fosse solucionado imediatamente e apontava o dedo para rosto da coordenadora, ameaçando chamar o marido “esquentadinho” – o qual ela dizia que faria a “casa cair” para o lado da coordenadora – profissional que, por sua vez, respondia com elegância rara!

²² Esta profissional ocupava temporariamente a condição de autoridade máxima da unidade escolar devido à ausência da diretora. Assim, junto com a coordenadora, compunha a dupla de representantes da gestão.

Semelhantemente ao que notei na escola estadual, percebi que a disposição dos que se voluntariavam a contribuir com a pesquisa através de conversas sobre a festa junina em geral se condicionava à possibilidade de um “contato rápido”, ou seja, que não se estendesse demasiado sobre aquele tema. Verifiquei exceções a isso em conversas mantidas com o professor de geografia e com a auxiliar de direção. O primeiro era alagoano e a segunda era pernambucana, e ambos falaram-me em particular que era mesmo muito importante que a escola começasse a discutir melhor as festas juninas, pois notavam que em São Paulo havia “algo de estranho” nas festas – manifestando evidente saudosismo com seus lugares de origem.

A auxiliar de direção conversou comigo sobre a festa junina por um período de tempo relativamente extenso (comparado com meus demais interlocutores). O professor de geografia, entretanto, apesar de a princípio manifestar interesse pela pesquisa, apenas se dispôs a responder ao questionário impresso e registrou respostas curtas um tanto decepcionantes pela insuficiência de informações.

Também notei alguma confusão nas reações dos agentes quando o PPP da escola era mencionado por mim, porém nesta escola ouvi confissões francas de que não tinham nunca lido o documento²³ e nem sabiam ao certo o seu conteúdo. Tentei então acessar o projeto político pedagógico nas minhas visitas. O documento foi negado sob o argumento de que “estava em processo de elaboração e validação por parte da direção e não poderia ser disponibilizado”. Após insistências minhas, a coordenadora se comprometeu a enviar o arquivo para mim por e-mail, porém nunca o fez.

Busquei então a diretoria regional de ensino como caminho de acesso ao PPP, porém não fui atendido por alguns responsáveis e por outros intermediários apenas consegui respostas evasivas. Teci considerações sobre estas negativas nas análises.

O conjunto de entrevistas nesta escola ficou composto da seguinte forma: do quadro de professores, entrevistei uma professora de ciências e consegui as respostas escritas de um professor de geografia; do quadro de gestão, entrevistei a auxiliar de direção (que cumpria a função de diretora interina) e consegui as respostas escritas da coordenadora pedagógica; do quadro discente, entrevistei duas alunas do nono ano do ensino fundamental.

²³ Verdade esta que ficava mais dissimulada na escola estadual (embora se evidenciasse através das contradições).

A íntegra das entrevistas está presente nos anexos e, na sequência ao atual parágrafo, seguem as descrições que elaborei:

Entrevistada 6 – Professora de Ciências

Tratava-se de uma professora efetiva de Ciências, com 33 anos de idade e 08 anos de atuação no magistério. Era uma mulher solteira, moradora de São Paulo – SP e nascida no mesmo município. Esta profissional optou por ser entrevistada, sendo que tomei nota do que ela respondia e reelaborei as respostas através de frases que posteriormente foram avalizadas pela entrevistada.

Disse a profissional que a festa de junho é um evento que “agrega muito os membros da comunidade” e que “é uma atividade diferenciada dentro de um dia letivo”. Também destacou que “as festas tradicionais tinham apelo religioso, enquanto que nas atuais isso foi removido”.

Quanto às novas demandas que teria percebido nos últimos anos na organização e execução das festas juninas escolares, a docente respondeu que tem identificado a exigência de se “tirar o cunho religioso” e, acrescentou ainda que a escola precisa encontrar meios de se “estimular mais a participação da comunidade”, pois, segundo seus dizeres, esta participação viria diminuindo ano após ano.

Questionada sobre eventuais influências da comunidade na definição do modelo de festa de junho, a professora de Ciências respondeu que a comunidade escolar tem em sua composição muitos evangélicos que rejeitam a festa junina. Então, para evitar conflitos, a escola vem renomeando a festa.

Lembrou também que, dentre os problemas que nota na execução da festa, está o problema dos alunos que ensaiam para as danças, se comprometem com seus pares a vir às apresentações e acabam faltando nos dias em que elas aconteceriam – deixando os pares em apuros. A docente disse que nestas situações é necessário improvisar e que os professores que trabalham mais diretamente com o evento costumam já se preparar para isso que costuma acontecer²⁴.

²⁴ Quando a docente relatou isso, perguntei se essas faltas de última hora poderiam se dever a proibições das famílias evangélicas que sequer sabiam que os filhos estavam ensaiando na escola, mas que o saberiam se os mesmos fossem se apresentar à comunidade. A docente respondeu que essa era uma possibilidade, mas não confirmou. Ela então disse que na periferia muitas coisas acontecem nas famílias numerosas, então as motivações poderiam ser diversas.

Acerca do PPP, a docente foi honesta em afirmar diretamente que nunca acessou o documento.

Em relação a mudanças, nos agentes envolvidos, que se explicariam pelas festas de junho na escola, a professora afirmou que com as festas os alunos tendem a unirem-se mais em busca de um objetivo comum. Disse ainda ser interessante perceber, dentre os alunos que se envolvem com as festas, participações surpreendentes de alguns indivíduos que pouco produzem no dia a dia da sala de aula.

Deixada à vontade para um comentário livre sobre as festas de junho na escola, a docente disse que sente que a participação da comunidade vem diminuindo e que há alunos que ensaiam, fazem a apresentação e seus familiares sequer aparecem para prestigiar – o que ela considera triste.

Entrevistado 7 – Professor de Geografia

Tratava-se de um professor efetivo de geografia, com 47 anos de idade e 24 anos de experiência no magistério. Era um homem casado, morador de Mauá – SP e nascido em Arapiraca – AL. Este professor declarou preferir responder ao questionário impresso ao invés de ser entrevistado – opção esta que foi respeitada por mim.

Registrou que a festa de junho é importante para aquela unidade escolar porque ela “resgata as tradições culturais do Brasil”. Afirmou ainda que “as festas juninas atuais buscam manter os moldes do passado, com poucas alterações”, ou seja, nesta resposta ele mostrou não ver muitas diferenças entre os modelos atuais de festas juninas escolares e os modelos tradicionais.

Entretanto, de forma um tanto contraditória com o que acabara de afirmar, o docente registrou que nos últimos anos “as festas juninas tentam usar ritmos atuais para atrair o público”²⁵.

Questionado sobre eventuais influências da comunidade na definição do modelo de festa de junho, o profissional respondeu que a organização das festas cabe aos professores e à gestão, sendo que estes contam com o “apoio da comunidade e dos alunos que participam das atividades”. Compreendi, portanto, que ele afirmou que a

²⁵ Isso não seria uma alteração nos moldes? Como o docente se dispôs apenas a responder ao questionário (dado que estava por demais atarefado com outros afazeres), não pude interpelá-lo acerca dessa inquietação.

comunidade trabalha essencialmente na execução de tarefas, porém não na concepção das festas²⁶.

Escreveu também que, nas festas juninas escolares, “normalmente a execução e o planejamento se combinam sem muitos percalços” e anotou ainda: “o PPP prevê a realização de festas juninas que se enquadram no conceito de festa da cultura brasileira” (sic).

Perguntado se percebia mudanças significativas, nos agentes envolvidos, que fossem derivadas das festas de junho, o professor registrou no questionário uma resposta estranha que não condizia com a pergunta. A resposta que ele escreveu foi: “o modelo dessas segue o mesmo modelo que explicita a variedade cultural o país (danças, culinária, etc.).” (sic). Interpretei, pelas outras respostas e, sobretudo, por esta última, que ele respondeu o questionário sem reservar os devidos cuidados de leitura dos enunciados e de reflexão antes das respostas.

No espaço onde pôde acrescentar algo sobre as festas de junho que não fora perguntado no questionário, mas que ele julgaria importante que fosse registrado, o docente escreveu: “as festas juninas, além de preservar a cultura ajuda a promover a integração entre a escola e a comunidade”.

Considereei, através do questionário respondido, que o docente estava extenuado pelo trabalho, se dispondo apenas a preencher “um formulário qualquer”. Interpretei isso porque o questionário respondido de forma displicente contrastou com a grande atenção que o docente deu a mim quando conversou comigo, sendo que tanto na ocasião em que lhe entreguei o questionário em branco, quanto na ocasião em que ele me devolveu o questionário respondido, o profissional afirmou que considerava “importante que se pesquisasse as festas juninas em São Paulo”, já que ele, enquanto nordestino, reconhecia que as escolas paulistas erravam na definição do modelo de festa. Os registros de suas respostas, entretanto, foram em outro sentido²⁷.

²⁶ Destaco, entretanto, que esta era a leitura desde professor – e não da minha enquanto pesquisador.

²⁷ Tanto na leitura do questionário respondido por este professor de geografia da escola municipal quanto na leitura do questionário respondido pelo coordenador pedagógico da escola estadual eu senti o quão limitado e insuficiente pode ser o método de coleta de dados através de formulários impressos. Os dois profissionais claramente responderam os questionários visando a livrarem-se logo da demanda. Contudo, cabe lembrar que ambos também se recusaram a conceder entrevistas – e forçá-los a fazê-lo certamente não seria uma boa estratégia a ser tomada a fim de alcançar respostas mais completas. Prefiro respeitar mesmo a forma como se dispuseram a contribuir com a pesquisa.

Entrevista 8 – Aluna do ensino fundamental

Tratava-se uma aluna do nono ano do ensino fundamental, com 14 anos de idade. Era uma garota solteira, moradora de São Paulo – SP e nascida no mesmo município. Estabeleci que ela seria entrevistada por mim sob o acompanhamento da coordenadora pedagógica, dado que ela era menor de 18 anos. Tomei nota do que ela falou e li cada uma das frases que formulei com minhas palavras – frases estas que foram todas avalizadas pela entrevistada.

Esta aluna afirmou que a festa de junho ajuda as pessoas a lembrar das tradições e permite que as pessoas brinquem, dançam e comam juntas. Disse também não perceber diferenças entre modelos atuais de festas juninas e modelos tradicionais.

Perguntada sobre novas demandas que eventualmente ela tivesse percebido ao longo dos últimos anos na organização e execução das festas de juninas, a aluna respondeu que, com a entrada do grêmio estudantil (do qual ela fazia parte) como organizador das festas, houve “inovações que atenderam não só as vontades das crianças, mas também dos jovens adolescentes da escola”.

Quanto à percepção de possíveis influências da comunidade na definição do modelo de festa de junho na escola, a aluna disse: “não vejo influências”.

Revelou também que, devido à limitação do espaço físico do pátio da escola, a festa (do grêmio estudantil) que ela havia ajudado a organizar no último ano não pôde desenvolver tudo aquilo que fora pensado pelos(as) membros do grêmio. Como exemplos destas ideias não realizadas, a aluna citou: a “dança da cadeira” e o “casamento caipira”. Isso teria deixado a aluna um pouco frustrada a princípio, mas logo compreendeu a impossibilidade e aceitou-a.

Afirmou que depois da festa junina ela notou que os “laços de amizade se fortaleceram”.

Perguntei então à aluna como foi feita a seleção das músicas que tocaram na festa, dizendo que acompanhei parte dela e havia notado que o ritmo que prevalecia era o funk. Ela então me respondeu a seguinte sentença: “nós do grêmio montamos uma *playlist* que agradasse ao máximo os alunos. Deixamos tocar vários estilos. Um estilo que os alunos pediram muito era o funk, então tocamos bastante. Acho que a maioria dos professores aprovou, ninguém reclamou”.

Perguntada se havia algo adicional que gostaria que ficasse registrado, ela respondeu que não havia.

Entrevistada 9 – Aluna do ensino fundamental

Tratava-se uma aluna do nono ano do ensino fundamental, com 15 anos de idade. Era uma garota solteira, moradora de São Paulo – SP e nascida no mesmo município. Por ela ser menor de 18 anos, estabeleci que ela fosse entrevistada por mim sob o acompanhamento da coordenadora pedagógica. Tomei nota do que ela falou e li cada uma das frases que formulei com minhas palavras – frases estas que foram todas avalizadas pela entrevistada.

Disse esta outra aluna que a festa junina na escola é importante para “manter a tradição do passado” e para “valorizar a cultura popular”.

Ao contrário do que afirmara sua colega, esta aluna disse enxergar diferenças entre as festas juninas atuais e as festas tradicionais. A principal diferença, segundo ela, seria o atual envolvimento dos pais, dos alunos, da coordenação, da direção e de demais funcionários da escola. Segundo ela, essa união de esforços era algo próprio daquela escola, ou seja, que não se averiguaria em todos os outros lugares.

Proclamou ainda que foi através do grêmio (do qual ela também fazia parte) que “se promoveu a participação dos alunos”.

Questionada se enxergava influências da comunidade na definição dos modelos de festa, a aluna articulou a seguinte resposta: “Aqui há muitas igrejas. Essas igrejas têm uma cultura festiva – tanto as católicas quanto as evangélicas. Não há problemas com isso. Eu mesma sou de igreja evangélica, meus pais também e não vemos problemas com a festa. Nunca houve”.

Ao ouvir essa resposta, a coordenadora que nos acompanhava prontamente interrompeu a entrevista e disse em tom repreensivo: “ah, olha, isso é novo (...) eu sempre soube que os evangélicos se opõem às festas juninas”.

Senti que a aluna ficou um pouco constrangida com a fala da coordenadora e, diante da interrupção, eu me virei à aluna e a esta disse que para minha pesquisa não havia problemas de as opiniões dos entrevistados serem diferentes entre si, pois isso apenas revelaria diferentes leituras entre os entrevistados. A aluna se tranquilizou e pareceu compreender. A coordenadora, por sua vez, deu uma risada sutil com o canto da boca.

Nas suas falas, a aluna também confirmou o que sua colega havia dito sobre propostas que haviam pensado para a festa e que não puderam ser executadas por alguma razão qualquer. Entretanto, ao contrário da sua colega, esta aluna ensaiou uma

autocrítica, dizendo que algumas coisas que não puderam ser feitas deveram-se à falta de experiência do grêmio (que tinha acabado de ser eleito).

Acerca de eventuais mudanças, entre os estudantes, que se explicariam pelas festas de junho, a entrevistada disse: “(...) o grêmio fez os alunos abrirem os olhos de que é possível opinar (...) Isso mostra que, se os alunos se organizarem, é possível influenciar na forma como a escola trabalha”.

Também perguntada sobre a seleção musical, e tendo ouvido de mim que eu tinha percebido que o funk prevalecia sobre os demais gêneros, a estudante disse-me que eu provavelmente só acompanhei uma das festas, sendo que duas haviam sido realizadas. Segundo ela, havia a festa da manhã que envolveu “os pequenos” (alunos do fundamental I) e a festa “dos maiores” (alunos do fundamental II), sendo que na primeira festa foram tocadas músicas infantis, enquanto que na festa “dos maiores” o grêmio colocou para tocar as músicas que os alunos mais queriam ouvir – que era sobretudo o funk.

Deixada à vontade para falar qualquer outra coisa que quisesse sobre a festa junina na escola, a estudante mais uma vez valorizou o papel do grêmio dizendo: “Eu sinto que os alunos gostaram mais da festa do grêmio do que da festa geral do CEU, porque na festa do grêmio os próprios alunos foram quem mais organizaram e a festa do CEU foi algo mais pronto. Isso acho importante dizer”.

Ponto adicional acerca das entrevistas com as alunas: Ao fim das entrevistas, as duas alunas me falaram que naquele momento elas estavam em plena campanha para reeleição do grêmio. Elas contaram também sobre o TCA (Trabalho Colaborativo de Autoria) que iriam desenvolver em breve (tratava-se de uma espécie de trabalho de conclusão de curso em grupo para a finalização do ensino fundamental).

A coordenadora pedagógica então disse para as alunas que era bom que elas prestassem muita atenção na forma como se fazia entrevista para trabalhos acadêmicos porque em breve elas estariam na condição de pesquisadoras entrevistadoras para o TCA delas. Perguntei sobre o tema do TCA delas e elas me responderam que o tema era “empoderamento feminino”. Falei, com sinceridade, que achava o tema muito interessante e lhes desejei sucesso no trabalho, agradecendo as participações na pesquisa.

Entrevistada 10 – Diretora em exercício

Tratava-se de uma professora de geografia que temporariamente ocupava o posto de assistente de direção e, na ocasião da entrevista, respondia pela direção da escola na ausência da diretora efetiva. Era uma mulher solteira, com 52 anos de idade e 06 anos de experiência como professora efetiva da rede. Morava em Santo André – SP e era nascida em Bonito – PE. Esta profissional optou por ser entrevistada, sendo que registrei alguns de seus dizeres e pedi que ela avalizasse as respostas que formulei.

Sobre a importância da festa de junho para aquela unidade escolar, a auxiliar de direção respondeu que “a festa faz o resgate da cultura popular, sendo um ícone da identidade nacional”. Lembrou então que, naquela comunidade escolar, muitos alunos eram filhos e netos de nordestinos – região do país onde a festa junina é muito apreciada. Assim, segundo a profissional, para estes alunos, “celebrar festa junina é também valorizar a própria ancestralidade”.

Quanto a eventuais diferenças que notava entre os modelos atuais de festas juninas e modelos tradicionais, a membro do quadro de gestão afirmou que percebia nas festas atuais “uma grande mistura de ritmos musicais que foram introduzidos nas festas”. Em sua resposta, ela alegou que “antes só se verificava um único ritmo – o forró” e reafirmou seu lugar de origem e dizendo “sou pernambucana”.

Perguntada sobre novas demandas próprias dos últimos anos nas organizações e execuções das festas juninas, disse a diretora então em exercício: “é cada vez mais necessário ampliar a diversidade do evento, já que a participação da comunidade ainda é baixa, se pensarmos a quantidade de habitantes do bairro”(sic).

Afirmou também que atualmente a festa precisa ser pensada a partir de novos perfis de famílias – as quais carregariam valores diferentes dos das famílias de outrora. Assim, a assistente de direção revelou que há, sim, a influência da comunidade na definição dos modelos atuais de festa de junho.

Destacou ainda, nas causas de distância entre o planejado e o executado, que costumam ocorrer muitos problemas técnicos nos equipamentos utilizados nas festas, de maneira que é necessária certa dose de improviso para que as festas aconteçam. Também destacou, tal como havia dito a professora de ciências, que muitas pessoas que haviam se comprometido a comparecer à festa acabam se ausentando no dia do evento, o que gera também algum transtorno.

Quando lhe perguntei se era possível perceber mudanças significativas, nos agentes envolvidos, que seriam derivadas das festas junho, a assistente de direção respondeu que não notava quaisquer mudanças e, livre para acrescentar qualquer comentário sobre as festas que julgasse importante para a minha pesquisa, desfechou: “tenho nada adicional a declarar”.

Entrevistada 11 – Coordenadora pedagógica

Tratava-se de uma coordenadora pedagógica da escola, com 44 anos de idade e 20 anos de atuação na educação²⁸. Era uma mulher separada, moradora de São Paulo – SP e nascida no mesmo município. Esta profissional declarou preferir responder ao questionário impresso ao invés de ser entrevistada, sob a alegação de que seria muito difícil para ela parar para conceder uma entrevista para mim, dado que sua atuação era constantemente solicitada por diversas partes da escola²⁹ – a opção da coordenadora foi, obviamente, respeitada por mim.

Antes de mais nada, adianto francamente que a descrição desta entrevista foi a mais trabalhosa dentre todas, pois tive de, literalmente, tentar “decifrar” o que a profissional escreveu (admitindo que possa ter cometido eventuais deslizos nessa tentativa). Avento a possibilidade de que a profissional ainda carregasse grandes problemas com a escrita, a despeito de sua posição de coordenadora pedagógica (cargo que certamente demandava erudição). Busquei tentar conversar com a coordenadora após ler as respostas a fim de buscar compreender melhor o que ela pensava, mas a encontrei por demais atarefada com as demandas de trabalho que não paravam de chegar, de modo que ela não pôde mais me atender. Entretanto, é mister destacar que a profissional foi extremamente educada e cordial comigo (inclusive nas negativas).

Perguntada sobre a importância da festa de junho para a unidade escolar, a coordenadora respondeu que enquanto “nos Estados nordestinos (as comemorações juninas) trazem cunho religioso (...) na cidade de São Paulo (...) é momento de (se) deliciar com comidas típicas do meio rural, dançar e resgate (sic) de brincadeiras tradicionais”. A partir dessa afirmação, ela construiu uma linha de raciocínio de que as

²⁸ Contabilizando tanto o período de atuação como professora do ensino fundamental quanto o período de atuação como coordenadora.

²⁹ Através das minhas visitas à escola, testemunho que o que ela alegava era verdade! A quase todo instante lhe chegavam demandas de trabalho – muitas das quais surpreendentemente estranhas – o que talvez caracterizasse acúmulo de funções num mesmo cargo.

festas juninas nas escolas paulistas resgatam “os aspectos culturais da sociedade brasileira”. Segundo ela, isso também validaria a mudança de nome de “festa junina” para “festa da cultura brasileira” ou para “festa caipira”³⁰.

A docente ainda registrou que, comparando os modelos de festas juninas escolares tradicionais e os modelos atuais, identificava que as músicas atualmente exploradas eram diferentes das de outrora³¹ e que algumas brincadeiras tradicionais não eram mais tão usuais. Destacou ainda que atualmente há “o distanciamento das questões religiosas”.

Acerca de eventuais novas demandas que vinha percebendo, nos últimos anos, na organização e execução de festas juninas na escola, a coordenadora escreveu que “cada vez ocorre uma menor participação das Famílias (sic) nas festas em geral”, sendo que em outras festas da escola (não juninas) esta ausência das famílias era ainda maior. A profissional escreveu isso e logo em seguida emendou que dentre as novas demandas havia a demanda dos alunos que queriam trazer para as festas “as danças do momento”³².

Quanto a influências da comunidade na definição do modelo de festa de junho, a coordenadora escreveu a seguinte frase: “Acredito que a influência não é muito grande no modelo de festa junina, foi a escola mesmo respeitando a lei da diversidade e da escola ser laica, que ocorreu a mudança no estilo de festa, mas ainda alguns pais, principalmente, evangélicos que não permitem que seus filhos participem da festa” (sic).

Da frase acima, percebe-se que ela foi bastante contraditória ao afirmar primeiro que a influência da comunidade não é muito grande para depois acusar os evangélicos da comunidade de estarem alterando a festa. Também foi curioso notar que ela escreveu sobre uma suposta “lei da diversidade” e afirmou que esta, associada ao fato de a escola ser laica, forçou a escola a alterar o “estilo de festa”. Assim, a escola estaria deixando

³⁰ Embora a afirmação e o raciocínio da coordenadora não fizessem sentido para mim, registro que foi aquilo mesmo que ela escreveu. Aparentemente ela não considerava a religião como um elemento da cultura e sustentava imagens caricatas e imprecisas tanto do Nordeste quanto de São Paulo. Além disso, parecia interpretar o termo “junina” como algo relacionado à religião. Ademais, os parágrafos escritos continham sérios erros gramaticais que comprometiam os sentidos das frases e davam margem para mais de um entendimento (ou para nenhum entendimento, a depender da (in)disposição do leitor diante de respostas mal redigidas).

³¹ Embora a resposta parecesse-me óbvia, aponto na descrição o que ela escreveu.

³² Senti a falta de nexos entre uma sentença e outra na resposta que a coordenadora escreveu, embora ela tentasse relacionar um argumento com o outro.

de referenciar santos padroeiros nas festas apenas por ter resolvido seguir uma lei? A frase me pareceu por demais confusa, de modo que não faço aqui uma descrição acabada da mesma, mas sim exponho possíveis interpretações.

Com relação a diferenças entre o que é planejado e o que é executado nas festas, a docente afirmou que muitas vezes há a ocorrência de atrasos de crianças nas apresentações de dança. Disse que, quando isso acontece, a apresentação da turma é repetida para que a criança possa dançar aquilo que havia ensaiado.

Sobre mudanças, nos agentes envolvidos, que se explicariam pelas festas de junho, a coordenadora pedagógica registrou: “o envolvimento dos alunos na festa faz com que os mesmos se aproximem da escola e também dos professores o que facilita o processo de ensino aprendizagem” (sic).

No espaço em que pôde escrever algo adicional sobre a festa de junho, a profissional assinalou: “acredito que as festas culturais brasileiras deveriam ser valorizadas pelos professores”. É possível interpretar que ela disse que os professores não valorizam as festas culturais? Ela se inclui entre estes professores? São perguntas que gostaria de ter-lhe feito na sequência, mas infelizmente isso não foi possível pelas motivações pouco acima apontadas.

4.4. A escola particular

4.4.1. Contexto sócio-espacial

Esta escola encontra-se localizada no bairro paulistano da Vila Olímpia. Trata-se de um bairro nobre da capital paulista situado no subdistrito do Itaim Bibi, na zona oeste. O bairro abriga prédios residenciais de alto padrão, escritórios de grandes empresas e um dos principais centros financeiros da cidade: a Avenida Faria Lima. O preço do metro quadrado do bairro é um dos mais altos da cidade, de modo que seus moradores são, sobretudo, pessoas pertencentes a uma camada privilegiada da sociedade.

Apesar da urbanização intensa do bairro, muitas ruas são arborizadas e há também ruas estreitas remanescentes de um período em que a especulação imobiliária sobre o bairro não era ainda tão intensa – tal como a própria rua da escola.

A escola abriga um prédio pequeno de dois andares e adota a “pedagogia Waldorf”, uma linha alternativa de trabalho pedagógico que prima pela formação integral do indivíduo, na qual se busca desenvolver aspectos de arte e espiritualidade entre os educandos, para além de se buscar o desenvolvimento intelectual dos mesmos.

Trata-se de uma escola bastante diferenciada das demais escolas particulares daquela região da cidade – escolas estas que, em grande medida, primam pela preparação para o vestibular e demais processos seletivos.

Figura 27 – Imagem de avenida situada no entorno da escola particular

Fonte: Foto do autor

4.4.2. Primeira fase – observação

Antecedentes:

Minha pesquisa nesta escola se deu de forma circunstancial, uma vez que, a princípio, eu não estava muito disposto a investigar festas juninas de escolas particulares paulistanas. Entretanto, através das vicissitudes do percurso da minha pesquisa, considerei adequado conferir o que se passava em uma festa junina de ao menos uma escola particular.

O contato inicial com esta escola ocorreu por meio de um colega meu de grupo de estudos da FEUSP. Este colega atuava como professor na escola particular e me convidou a visitar a festa junina de sua escola após uma confissão que lhe fiz de que eu já considerava a possibilidade de mudar meu tema de pesquisa após sair profundamente decepcionado da festa junina do grêmio estudantil da escola municipal relatada páginas acima (fiz-lhe a confissão horas após a realização daquele evento).

Diante do meu desabafo, meu colega professor da escola particular disse que, caso eu quisesse, eu poderia visitar a escola onde ele trabalhava como professor de geografia para verificar um formato alternativo de festa que primava pelo resgate das origens das celebrações juninas. Meu colega dizia que a festa junina era um evento muito importante da escola onde ele atuava.

Considerando que a visita a essa escola de características tão distintas das demais poderia ampliar meu repertório e talvez com isso enriquecer minha pesquisa, aceitei o convite feito pelo meu colega, solicitando, através deste, uma autorização oficial daquela escola e deixando meu telefone de contato à disposição dos encarregados pela organização do evento.

Após alguns dias, recebi mensagens de texto e de voz no meu telefone celular vindas da professora de educação física daquela escola particular. Esta professora se anunciava como uma das organizadoras da festa junina e se mostrava disposta a conversar comigo sobre a festa, deixando aberta a possibilidade de que eu investigasse aquele evento.

Após uma breve sequência de mensagens, combinei então com aquela professora que eu iria àquela escola em dois dias: num dia de ensaio de danças (dia 29/06/2018) e no dia da realização da festa (dia 31/06/2018). A partir destas visitas, eu tentaria coletar dados que pudessem contribuir com a minha pesquisa.

Dia de organização:

No dia 29/06/2018, uma sexta-feira, cheguei na escola particular às 10h. Observei o conjunto arquitetônico da escola e notei que se tratava de uma edificação pequena, se comparada às duas demais escolas visitadas. Fui recebido calorosamente por um funcionário que me conduziu até a secretaria, situada bem próxima ao portão de entrada. Nesta secretaria, percebi que minha chegada já era esperada – uma vez que lá logo fui chamado pelo meu nome próprio. A funcionária que me recebeu pediu para que eu esperasse alguns instantes, pois já chamaria a professora de Educação Física para conversar comigo.

Permanecendo alguns minutos sentado em um banco da secretaria, observei que o mobiliário e a decoração da escola eram diferenciados, deixando o ambiente com aspecto bastante aconchegante. Os funcionários me ofereceram café, chá e água durante minha permanência, de modo que me senti muito bem naquele estabelecimento.

Ouvi sons de tambores e de cantigas entoadas em coro, sons estes advindos de um ensaio que acontecia na quadra da escola, situada logo ao lado. Percebi que os tambores eram tocados por músicos que davam suporte aos ensaios. Não eram utilizadas gravações sonoras.

Após alguns instantes, a professora de Educação Física chegou e nos cumprimentamos. Ela então me conduziu até um ensaio de dança que coordenara, apontando elementos significativos da atividade, tais como o repertório musical, os instrumentos, as vestimentas utilizadas e adereços.

Em minutos de conversa aquela profissional me expôs a grande importância da festa junina para aquela escola. Era notável o orgulho que sentia pelo evento.

Em determinado momento, a professora então me perguntou sobre a natureza da minha pesquisa, ao que lhe respondi que pretendia investigar diferentes modos como algumas instituições de ensino realizavam celebrações juninas. Acrescentei também que aquela era a primeira escola privada por mim investigada na pesquisa de mestrado, sendo as demais escolas pertencentes às redes estadual e municipal.

Perguntado sobre o que eu vinha observando nas escolas destas redes, respondi que em duas escolas visitadas havia uma dificuldade em assumir explicitamente o termo “festa junina” em função de questionamentos provenientes de membros das comunidades evangélicas pertencentes às comunidades escolares.

Respondendo minha fala, a professora manifestou seu distanciamento em relação à rede pública de ensino, dizendo que não se recordava de qualquer aluno evangélico que frequentasse aquela escola ou de qualquer problema relacionado à não aceitação da festa. A profissional disse que já havia trabalhado em outros colégios particulares paulistas e que nestes as festas juninas eram realizadas através de formatos tradicionais, com quadrilhas, bandeiras e deboche do homem do campo. Dizia ela que preferia o formato desenvolvido pela escola Waldorf, onde se buscava o resgate da cultura popular.

Muito cordialmente, ela permitiu que eu ficasse por alguns instantes a mais na escola realizando observações e tomando nota das mesmas.

Presenciando os ensaios de turmas do segundo ciclo do ensino fundamental e do ensino médio, percebi que praticamente todos os alunos da escola eram brancos, não usavam uniformes e aparentavam pertencer a estratos sociais mais elevados que a média da população paulistana. Os tons e aparência física dos alunos de certa forma

revelavam que se tratava de um colégio até certo ponto elitizado, sendo perceptível o seu contraste com o que observei na rede pública.

Nos ensaios, notei que uma das turmas desenvolvia apresentação de Maculelê utilizando bastões e ecoando cânticos enquanto acompanhavam os tambores tocados pelos músicos. Esta turma foi sucedida por outra que empregava chocalhos de lata amarrados nos calcanhares – estes chocalhos que, segundo depoimentos, haviam sido confeccionados pelos próprios alunos.

Todas as turmas, durante aquele ensaio, se revezavam entre si na ocupação do espaço da quadra. Era evidente para mim que o som ao vivo contribuía muito para o desenvolvimento daquela atividade, pois os alunos seguiam os ritmos que eram ditados pela banda que tocava. Esta dinâmica muito dificilmente poderia ser reproduzida tão a contento se o ensaio fosse amparado apenas por reproduções fonográficas.

Significativo para mim foi ainda um momento em que consultei meu aparelho celular durante o ensaio e logo fui advertido pela professora de Educação Física de que o uso do aparelho não era permitido naquela escola. Pareceu-me que o “exemplo” era realmente levado a sério naquela escola como instrumento pedagógico. Mantendo-me a partir dali atento quanto ao uso dos celulares pelos alunos, percebi que realmente os alunos daquela escola não sacavam seus celulares como nas demais escolas visitadas, muito embora fizessem parte de camadas sociais mais abonadas, certamente com mais acesso às tecnologias.

Próximo ao encerramento do período letivo, todas as turmas desceram à quadra e fizeram um ensaio de uma grande ciranda envolvendo toda a escola. Este momento foi finalizado com um grande aplauso coletivo após o qual as turmas foram se retirando.

Do portão para fora, o que observei foram muitos carros caros parando em fila dupla para que alguns alunos embarcassem – cena tão semelhante à da saída de qualquer colégio particular paulistano.

Figura 28 – Bandeiras de pano confeccionadas artesanalmente pelos alunos

Fonte: Foto do autor

Dia da festa:

Portando um convite da festa (convite este elaborado de forma artesanal pelos próprios alunos), cheguei à festa junina do colégio particular às 12h do dia 01/07/2018. Era um domingo ensolarado e data de jogos importantes da Copa do Mundo de futebol de 2018 – que já estava na fase de eliminatórias.

Desde a rua, ouvi músicas brasileiras que resgatavam a cultura popular que soaram bem aos meus ouvidos. Percebi uma movimentação de diversas famílias de alunos. Observei ainda que muitos carros grandes e caros estacionavam na rua da escola, ocupando inclusive locais proibidos, dando péssimos exemplos aos educandos.

Na entrada da escola, havia membros do corpo de bombeiros que aparentemente davam aval para o desenvolvimento de algumas atividades durante a festa – uma viatura os acompanhava.

No interior da escola, algumas professoras faziam ajustes finais na decoração da escola e recebiam alguns alunos e seus respectivos familiares. Estas crianças brincavam bastante com estalinhos e pareciam estar felizes.

Nas paredes da escola, notei que além da decoração artesanal, estava fixada também a programação de apresentações – que se iniciariam às 13h30 e iriam até às 20h.

Após circular pela quadra da escola (situada logo na porção frontal da mesma), fui até os fundos da escola e lá encontrei barracas que vendiam alimentos. Estes alimentos eram todos feitos pela própria comunidade da escola – fossem eles professores ou pais de alunos. Não havia alimentos industrializados.

Notei que o suco era natural de laranja, os doces eram caseiros, havia barracas com opções veganas e o churrasco era preparado na hora e vendido sob a forma de espetinhos.

Encontrei meu colega professor circulando pelo pátio e vendendo rifas que seriam sorteadas durante a realização da festa.

Próximo às 13h, os músicos afinaram seus instrumentos e as turmas passaram a se organizar para o início das apresentações.

As apresentações iniciaram-se então com uma abertura na qual os nonos e décimos anos faziam uma “oração ao tempo”, parecendo reverenciar a posição do sol. Logo em seguida, as turmas do primeiro ciclo do ensino fundamental fizeram suas apresentações, uma sala sendo seguida da outra através de apresentações apoiadas, sobretudo, em cantigas populares e também em Maculelê.

Por volta das 15h20, as turmas do segundo ciclo do ensino fundamental também fizeram suas apresentações após outra abertura de “oração ao tempo” (feitas agora pelas turmas do décimo primeiro e décimo segundo anos – que equivaleriam ao primeiro e segundo anos do ensino médio em escolas convencionais). As turmas desse segundo ciclo do ensino fundamental se apoiaram em danças com paus de fitas e outras tantas cirandas – sendo que, na última ciranda, parte do público entrou e dançou junto, mesmo sem ter ensaiado.

Às 17h foi a vez das turmas do ensino médio desenvolverem suas danças. Mais uma vez, realizou-se primeiramente uma apresentação denominada “oração ao tempo”, em que aparentemente tentava-se referenciar a posição (aparente) do sol neste outro período do dia.

Após esta apresentação, as turmas do 10º, 11º e 12º anos, encenaram, respectivamente, danças de “Tambor de Crioula/Jongo”, “Moçambique de Bastão” e “Moçambique de Gunga”. Estas turmas eram compostas por alunos do ensino médio, certamente mais experientes naquele tipo de atividade e também com corpos fisicamente mais desenvolvidos – deste modo, nestas apresentações algumas acrobacias mais sofisticadas puderam ser exploradas.

Estas apresentações do ensino médio terminaram por volta das 18h15, quando iniciou-se a encenação do “Casamento”. Nesta encenação, ao invés de se representar o típico casamento caipira, o que foi feito foram representações de enlaces alternativos, como entre duas mulheres, e entre um suposto aluno caricato da Escola Politécnica da USP com uma aluna caricata da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Nesta última encenação, o noivo aluno da Escola Politécnica era representado como um sujeito excessivamente objetivo e pouco afeito a demonstrações afetivas, enquanto que a noiva aluna da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas era representada como uma *hippie*. A encenação pareceu envolver bastante a plateia composta por familiares e alunos, que riam bastante das encenações realizadas, parecendo estar todos familiarizados com o que tentava ser representado comicamente.

Após a encenação dos casamentos, foi realizada uma grande quadrilha típica de festa junina escolar, com o desenvolvimento de passos coreografados. Esta quadrilha foi emendada a um baile em que o público foi, mais uma vez, convidado a participar. Neste momento, os familiares e amigos puderam dançar junto aos alunos por cerca de 10 minutos.

Seguindo a programação da festa, por volta das 18:50h foi acendida uma fogueira alta no centro da quadra, onde foi feita a encenação da “Estrela da Terra”. Nesta encenação, os alunos de todas as séries traziam suas lanternas confeccionadas artesanalmente. Estas lanternas eram feitas com uma espécie de papelão dobrado, dentro do qual se acendia uma vela. Cada aluno trazia sua lanterna pendurada a um barbante.

Como já havia anoitecido e as luzes foram apagadas, esta cerimônia de fogueira “Estrela da Terra” ficou sendo iluminada apenas por meio dos focos de fogo das lanternas e da fogueira – o que trouxe uma cena bastante bonita ao ambiente. Nesta cerimônia, eram cantadas músicas juninas e cantigas populares.

Após esta encenação, as chamas das lanternas e da fogueira foram apagadas, as luzes acesas, e a festa chegou ao fim. Fui então cumprimentar a professora de educação física que havia me recebido, bem como o meu colega que me havia feito o convite inicial para visitar aquela escola na minha pesquisa. Após cumprimentá-los, fui embora junto a um fluxo de famílias que se dirigiam aos seus automóveis.

Figura 29 – Decoração da quadra da escola onde foram realizadas as apresentações das turmas

Fonte: Foto do autor

Figura 30 – Palco e instrumentos da banda que deu suporte aos ensaios e às apresentações

Fonte: Foto do autor

Figura 31 – Ornamentos artesanais, confeccionados pelos alunos, que serviram de decoração da escola no dia da festa

Fonte: Foto do autor

Figura 32 – Chapéus com fitas, afixados a um alambrado

Fonte: Foto do autor

Figura 33 – Decoração com referências aos santos padroeiros celebrados nas festas juninas

Fonte: Foto do autor

Figura 34 – Decoração fazendo referência a um santo padroeiro e, na parte inferior direita, cesto para coleta de pratos e talheres reutilizáveis

Fonte: Foto do autor

Figura 35 – Barraca de doces caseiros

Fonte: Foto do autor

Figura 36 – Barraca de alimentos com opções veganas

Fonte: Foto do autor

Figura 37 – Alunos do ensino médio iniciando coreografia da “Oração ao Tempo”

Fonte: Foto do autor

Figura 38 – Turma do ensino fundamental dançando Maculelê

Fonte: Foto do autor

Figura 39 – Fogueira e lanternas no encerramento da festa

Fonte: Foto do autor

4.4.3. Segunda fase – entrevistas

Igualmente ao procedimento adotado nas demais escolas pesquisadas, retornei para coletar depoimentos na escola particular cerca de um ano após minhas últimas observações da festa junina.

O reestabelecimento de contato com a escola nesta segunda fase da pesquisa se deu novamente através do meu colega da FEUSP que trabalhava como professor naquela escola. Pedi para este colega o número de telefone de alguém do quadro de gestão para perguntar a este(a) profissional se eu poderia retornar àquela escola a fim de dar continuidade à minha pesquisa. Meu colega forneceu-me então o número da coordenadora pedagógica (tendo antes pedido autorização à mesma).

Fiz contato com a coordenadora por meio de mensagens do aplicativo (de telefonia móvel) *Whatsapp* e rapidamente obtive retorno. Anunciei à profissional a minha intenção de entrevistar dois professores, dois membros do quadro de gestão e dois estudantes. A coordenadora então sugeriu um dia e horário para que eu comparecesse à escola, se comprometendo a mobilizar voluntários que pudessem contribuir com a pesquisa através da concessão de entrevistas.

Aceitei o dia e horário sugerido e, ao chegar à escola, logo fui atendido calorosamente pelos funcionários da secretaria que, já me chamando pelo meu nome

próprio, me ofereceram café, chá e bolachas e buscaram pela coordenadora pedagógica com quem fui conversar.

A coordenadora pedagógica concedeu-me a entrevista e apresentou-me à diretora, a quem também entrevistei. Após entrevistar estas duas membros da equipe de gestão, a própria coordenadora conduziu-me a um pátio da escola e lá fui apresentado a uma aluna e a um aluno (ambos do último ano do ensino médio)³³, os quais entrevistei desacompanhados, já que ambos já tinham completado dezoito anos.

Do quadro de professores, consegui que o professor de geografia respondesse o questionário que lhe encaminhei por *e-mail* e solicitei o mesmo à professora de educação física, que havia dito que poderia responder às questões virtualmente. Esta professora acabou não respondendo³⁴.

O conjunto de entrevistas desta escola foi composto então por entrevistas com a diretora, com a coordenadora, com um aluno, com uma aluna e por respostas conferidas em questionário pelo professor de geografia.

Ao contrário das demais escolas visitadas, a escola particular disponibilizou-me o PPP sem quaisquer objeções. O documento foi-me entregue em mãos pela própria diretora da escola. Notei que o documento previa, no calendário escolar, a “festa de São João”, dentre outras festas, mas não prescrevia qualquer tipo de formato à mesma.

Nos parágrafos abaixo seguem as descrições das conversas realizadas com os membros desta escola particular e, nos arquivos anexos à dissertação, seguem os registros integrais das entrevistas.

Entrevistada 12 – Diretora da escola

Tratava-se da diretora efetiva da escola. Era uma mulher separada, com 54 anos de idade. Morava em São Paulo – SP, mesmo município em que nasceu. Esta profissional optou por ser entrevistada e avalizou as respostas registradas imediatamente.

Acerca da importância da festa de junho para aquela unidade escolar, a diretora disse pensar que a importância seja “manter a tradição regional brasileira”.

³³ A escola chamava esse ano de “décimo segundo ano”, ele corresponderia ao terceiro ano do ensino médio em escolas convencionais.

³⁴ Penso a que ausência de resposta dessa profissional se deveu ao fato de ela estar sobrecarregada de trabalho durante a preparação da festa junina. Era notório que esta professora era uma das principais envolvidas com o evento, conforme relatado páginas acima.

Em relação a eventuais diferenças que ela notava na comparação entre os modelos atuais de festas juninas escolares e modelos tradicionais, a profissional afirmou perceber diferenças e disse: “Hoje se percebe por aí a introdução de muitos modismos como festas de Cowboy, de Xuxa, de funk (só a título de exemplo). Isso creio eu, pois já faz tempo que não vou a quaisquer festas juninas de outras escolas que não desta”. Ou seja, ela manifestou, através de sua resposta, certo distanciamento de outros festejos escolares que não aqueles das escolas de pedagogia Waldorf. Seu depoimento evidentemente baseava-se de fontes indiretas ou de acompanhamento de festas em um passado já um tanto distante³⁵, muito embora sua observação sobre a presença de “modismos” em festas de outras escolas fosse algo real.

Perguntada sobre novas demandas atuais para a organização e execução de festas juninas, a diretora respondeu não identificar novas demandas. Afirmou que “são as demandas de sempre”, porém emendou que há naquela escola uma limitação do espaço físico (considerando que se tratava de uma escola pequena).

Respondendo minha pergunta sobre a existência ou não de influências da comunidade na definição do modelo de festa de junho, a diretora disse: “Quem define o formato da festa é mesmo a equipe pedagógica da escola. O que os pais ajudam é só na execução daquilo que foi planejado. Eu destaco que participar da festa é algo obrigatório aqui. É inclusive computado como dia letivo”. Ou seja, ela disse que os trabalhos supostamente autorais dos alunos e familiares na realidade se resumiam à execução (obrigatória) de atividades previamente pensadas pela equipe pedagógica – fala esta que foi bastante reveladora para mim enquanto pesquisador.

Tal como nas demais entrevistas, questioneei sobre eventuais diferenças entre aquilo que se planeja e aquilo que se executa, ao que a diretora respondeu: “Acredito que não haja grandes diferenças. Tudo é bem planejado”. Resposta diante da qual pensei um pouco em uma possível falta de espontaneidade nas apresentações, todas elas realmente ensaiadas rigorosamente.

Com relação às referências à festa junina no PPP da escola, a diretora afirmou: “O PPP prevê a realização da festa, mas sem apontar para um modelo pré-estabelecido.

³⁵ A evidência de que a diretora estava um tanto desatualizada do que se passava nas festas juninas escolares de outras escolas se fortaleceu quando ela citou “Cowboy” e “Xuxa”, ícones de culturas de massas em voga em décadas passadas, ícones estes, porém, não muito presentes no universo infanto-juvenil de 2019. O termo “modismo” foi excelentemente assinalado pela profissional, contudo, ela se referiu a dois modismos de outros tempos (Cowboy e Xuxa) e apenas a um modismo atual (funk).

O nosso PPP agora está sendo revisto. O atual é um PPP comum a todas as escolas Waldorf do Brasil, sendo que redigiremos o nosso”. Com essa informação, imaginei que a utilização de um PPP geral para todas as escolas Waldorf do país talvez ainda dificultasse a escola de imprimir uma identidade própria em seus trabalhos que a diferenciassse das demais escolas seguidoras da mesma linha pedagógica.

Sobre mudanças nos agentes envolvidos que se explicassem pela participação nas festas de junho, a profissional afirmou que “sempre há mudanças, (...) mudanças interiores (...)”. Ela disse ser um pouco difícil para ela especificar quais seriam as mudanças, dado que atualmente ela trabalhava mais na parte administrativa do colégio. Entretanto, como educadora, disse ter certeza que mudanças sempre ocorrem a partir das festas.

Deixada à vontade para acrescentar algo a mais sobre as festas juninas daquela escola, a diretora afirmou: “(...) destaco que a nossa festa é especial porque tem um cuidado com as tradições, escapando dos modismos”. Neste ponto, mais uma vez referindo-se aos “modismos”, percebi que a profissional resvalava em certo purismo, rejeitando releituras de referências atuais que pudessem ser do agrado de alguns membros, o que permitiria um exercício de ressignificação.

Entrevistada 13 – Coordenadora Pedagógica

Tratava-se da coordenadora pedagógica da escola. Era uma mulher casada, com 47 anos de idade e professora de matemática há 30 anos. Morava em São Paulo – SP, município onde também nasceu. Esta profissional optou por ser entrevistada e avalizou as respostas que foram por mim registradas.

Quando lhe perguntei sobre a importância da festa de junho para a unidade escolar e sobre as funções que a festa eventualmente cumpria, a coordenadora deu uma resposta que diferiu bastante de qualquer outra verificada ao longo da pesquisa. Ela respondeu os seguintes dizeres: “Demarco que esta escola (nome omitido da escola) não é uma escola católica, porém segue uma linha cristã. Assim, as festas cristãs são celebradas. A festa de São João também é uma festa onde se celebra a chegada do inverno, de modo que carrega um importante significado de rito”. Com isso, a docente ao mesmo tempo em que assumia o aspecto religioso da festa (sem quaisquer tentativas de dissimulação), revelava também compreender o sentido de celebração de um ciclo da natureza.

Com relação a diferenças entre os modelos mais atuais de festas juninas escolares e os modelos tradicionais, a coordenadora disse que naquela escola, especificamente, buscava-se o resgate das origens das festas, isso dava à festa daquela escola um caráter distinto do que se poderia verificar em “demais escolas”. Disse ainda que “muito do que os alunos vêm trabalhando em sala de aula também acaba sendo explorado”. Como exemplos, ela destacou algumas danças regionais que eram desenvolvidas a partir daquilo que era estudado em cada ano.

Questionada sobre novas demandas na organização e execução das festas, a profissional foi direta em afirmar que não identificava demandas “novas”, sendo, de verdade, mais fácil reconhecer “as demandas de sempre”.

Perguntei-lhe então se havia influências da comunidade na definição do modelo de festa de junho e a coordenadora respondeu que cada ano (série) tradicionalmente já desenvolvia determinada dança. Assim, conforme os alunos avançavam de ano, eles já iam se preparando para assumir a dança correspondente àquele ano (àquela série). A profissional ainda acrescentou que a própria comunidade (pais de alunos, sobretudo) já aguardava que seus filhos passassem por cada dança, pois conheciam bem o estilo de festa desenvolvido pela escola. Com isso, tudo era bastante pensado a-priori e executado à risca.

Sobre eventuais diferenças entre o planejado e o executado e sobre o modo como os profissionais lidariam com tais situações, a coordenadora pedagógica disse que a dificuldade que enfrentam ano após ano é a limitação do espaço físico da escola (que é pequeno). Ela revelou que em algumas edições anteriores já foi feita a opção de desenvolver a festa em outros espaços externos à escola, porém houve o retorno ao espaço da escola e, com isso, o retorno do problema de limitação mencionado.

Perguntada sobre como o PPP da escola abordava a festa junina escolar, a profissional afirmou que aquele documento previa a realização de quatro festas principais ao longo do ano letivo, sendo estas: Páscoa, Micael³⁶, São João e Natal. Disse que havia ainda o desenvolvimento de outras festas, mas que aquelas quatro eram mesmo as principais. Ademais, afirmou que o PPP previa a realização das festas, mas

³⁶ Perguntei à coordenadora o que era a festa de Micael (pois eu a desconhecia). Ela me respondeu que era uma festa (de cunho religioso cristão) que ocorria em setembro e que também celebrava a chegada da primavera. Com isso, as quatro festas religiosas celebradas na escola representariam também a chegada das quatro estações (Páscoa: outono, São João: inverno, Micael: primavera, Natal: verão).

que o documento não definia um modelo pré-estabelecido, cabendo à equipe pedagógica a definição do formato do festejo.

A coordenadora defendeu ainda que a festa de São João contribui muito para o “senso de comunidade” entre os envolvidos. Ela disse que, além de ser funcionária da escola, era também mãe de um aluno do 6º ano e, nesta condição, participou da construção do “Cavalo Marinho” junto a outras mães e pais de estudantes dos 6º anos e que, ao desempenhar esta tarefa, durante meses teve de manter contato com estas outras pessoas – isso teria fomentado muito o contato entre as famílias e fortalecido os laços entre estas.

Quando deixada à vontade para registrar algo adicional sobre a festa de junho, a coordenadora disse que, dentre as quatro festas celebradas na escola citadas anteriormente (Páscoa, São João, Micael e Natal), a festa de São João (Festa Junina) sem dúvidas era a de maior importância para a escola. Disse também que, nesta festa, às vezes algumas novas danças são sugeridas em novas edições, porém somente danças tradicionais são aceitas. Por fim, revelou que já “ouviu falar” que hoje em dia existem escolas que dançam até funk nas quadrilhas juninas – afirmou, com evidente orgulho, que aquilo não acontecia naquela escola particular onde trabalhava.

Entrevistado 14 – Professor de Geografia

Tratava-se de um professor de Geografia, solteiro, com 27 anos de idade e 05 anos de experiência no magistério. Morava em São Paulo – SP e era também nascido neste município. O profissional optou por responder ao questionário ao invés de ser entrevistado.

Este docente reservou grande atenção à pesquisa, fato que se evidenciou através das respostas bastante completas e bem escritas que ele deu às perguntas do questionário. Avaliando então que, no relato que faço, seria desnecessária a alteração, para outras palavras, daquele conteúdo, dado que o mesmo atendia perfeitamente às exigências de linguagem e formato deste trabalho, optei por transcrever literalmente diversas passagens daquelas repostas, sem que houvesse a necessidade de correções ou grandes adaptações.

Como nas demais descrições, tudo o que pertence às construções textuais do entrevistado figura entre aspas.

Perguntado sobre a importância das festas de junho para a unidade escolar, ele registrou: “A escola na qual eu trabalho tem, em seu calendário, uma série de festas que incluem a Festa Junina. Por conta dos pressupostos teórico-metodológicos que servem de base para a pedagogia que norteia a minha escola (é uma Escola Waldorf, de Pedagogia do mesmo nome), as festas têm um importante papel na realização desses pressupostos. Sendo assim, acredito que a Festa Junina desempenha um importante papel de celebração dentro da escola. (..) A festa, com os seus símbolos e tradições, celebra uma passagem do outono para o inverno, que dentro da concepção Antroposófica, tem também muitos significados. Dessa forma, acredito que a tradição das festas juninas na minha escola busque um significado um pouco diferente do que apenas o resgate de uma tradição brasileira de Festas Juninas.”

Com relação às diferenças entre os modelos tradicionais e os atuais de festas juninas escolares, o professor de geografia escreveu: “No caso do modelo vivenciado em minha escola, existem sim algumas diferenças. As mais notáveis, ao meu ver, são a celebração da fogueira (com uma dança e músicas que não são típicas das celebrações mais tradicionais) e a exposição das lanternas confeccionadas por cada aluno, também no momento da fogueira.”

No que concernia às suas impressões sobre as novas demandas na organização das festas juninas, a resposta foi: “A escola em que eu trabalho segue um modelo bastante horizontal de gestão e mesmo a festa junina é idealizada, planejada e executada pelos próprios professores. Sendo assim, os maiores desafios que eu observo são como alinhar essa responsabilidade com todas as outras atividades e demandas que demandam o tempo dos próprios professores.”

Sobre influências da comunidade na definição do modelo de festa, o profissional asseverou: “A meu ver, a comunidade é pouco convidada a planejar a festa. Em compensação, os pais, alunos e funcionários participam ativamente na execução daquilo que foi proposto pelos professores.”

Questionado acerca de eventuais diferenças entre o planejado e o executado nas festas juninas daquela escola, ele escreveu: “A organização da festa é sempre algo muito complexo, o que resulta em muitos momentos de correria, tensões e improvisos. Isso tem um efeito moral às vezes bastante intenso sobre os professores que estão planejando a festa, pois é de sua responsabilidade o bom funcionamento do evento. Muitos se

frustram, ou discutem entre si. Porém, das festas que eu já presenciei, o resultado final sempre foi muito gratificante.”

No que diz respeito à previsão das festas juninas no projeto político pedagógico da escola, o docente deu uma resposta que posteriormente verifiquei ser incorreta. Para a pergunta, a resposta foi: “As festas não estão previstas no projeto político pedagógico da escola.”. Interpretei que o profissional não se lembrou da parte que citava a festa de São João no calendário letivo que constava no PPP.

Quanto à verificação de mudanças significativas nos agentes envolvidos derivadas das festas de junho, ficou registrado no questionário respondido: “Alguns professores (professores de música e dança, por exemplo) têm na Festa Junina (e em outras festas da escola), o momento de consolidação e divulgação de seu trabalho. Com isso, e especialmente para os professores novos na escola, a festa costuma ser o momento em que esses professores ganham maior legitimidade junto à comunidade.”

Por fim, deixado à vontade para escrever qualquer coisa a mais que julgasse relevante, o professor escreveu: “Para entender boa parte das tradições e costumes da festa junina em uma Escola Waldorf, é preciso também entender o contexto de sua Pedagogia. Alguns elementos de nossa festa são comuns de tradições mais ou menos novas das festas brasileiras, porém outros são próprios dessa pedagogia em específico. Sendo assim, a realização da Festa Junina tem elementos e significados que só fazem sentido em um ambiente onde os pressupostos antropológicos servem de base.”

Entrevistado 15 – Estudante do décimo segundo ano (equivalente ao terceiro ano do ensino médio)

Tratava-se de um aluno do décimo segundo ano (último ano do ensino médio), com 18 anos de idade, solteiro, morador de São Paulo – SP e nascido no mesmo município. Estabeleci que ele fosse por mim entrevistado. Não houve a necessidade de acompanhamento de um(a) responsável, já que o entrevistado era maior de idade. Escutei suas respostas, as escrevi em forma de sentenças que foram lidas e avalizadas pelo próprio entrevistado.

Questionado sobre o que considerava importante na festa de junho para a escola, o aluno respondeu que a festa tanto representa um momento de descontração quanto estimula os pais a também trabalharem pela escola – o que possibilita a integração entre os mesmos. Por isso, ele afirmou considerar tudo aquilo “muito legal” (sic).

Disse também que as festas juninas daquela escola se diferenciavam muito das festas das demais escolas porque nestas últimas os eventos eram muito maiores, permitindo a vinda de mais pessoas, enquanto que naquela escola particular a festa “por ser mais restrito, algo mais familiar, faz com que seja mais especial” (sic). Revelação esta que, de imediato, me transmitiu certo desejo de exclusividade por parte do aluno.

Quanto a novas demandas que eventualmente teria percebido ao longo dos últimos anos na organização e na execução das festas, o estudante disse que naquela escola tudo é organizado com muita antecedência, então “tudo é muito ensaiado”. Afirmou: “os professores já identificam o que será necessário e executamos dentro do planejamento estabelecido” e emendou: “não saberia apontar demandas diferentes das anteriores”.

Com relação à existência ou não de influências da comunidade na definição do modelo de festa de junho, o aluno respondeu: “A nossa pedagogia trabalha com uma mecânica pensada por Rudolf Steiner. Todas as escolas Waldorf trabalham com este mesmo estilo de festa. A única diferença acho que é que algumas escolas são bem maiores que a nossa”. Por meio desta resposta, ele deu a entender que o modelo de festa não sofria influências da comunidade, muito embora contasse com a participação da mesma na execução do planejado.

Também afirmou o aluno que não há muitas diferenças entre o que se planeja e o que efetivamente se realiza – fala esta bastante coerente com suas respostas anteriores e com o as respostas advindas dos demais membros entrevistados naquela escola.

Sobre mudanças significativas, entre os estudantes, que explicariam pelas festas de junho, o aluno afirmou entusiasmadamente que havia, sim, mudanças. Pelas palavras do próprio agente, se conferiu: “Nós aqui acabamos encarando as festas (todas, de uma maneira geral) de outra forma. E também percebemos que se estimulam os trabalhos em grupo com as festas. Acho que para a nossa pedagogia é algo fundamental.”.

Por fim, deixado à vontade para dizer algo adicional sobre a festa de São João que tivesse escapado às perguntas, o aluno fez questão de registrar o seguinte: “Acho que vale dizer que a nossa festa acontece sempre num domingo, e na segunda-feira logo após a festa não há aula, porém muitos alunos vêm à escola só para ajudar a desmontar o que foi colocado, a arrumar e limpar o espaço da escola. Isso é algo muito simbólico. Não somos obrigados a vir, mas acabamos vindo, por nos sentirmos responsáveis.”.

Entrevistada 16 – Estudante do décimo segundo ano (equivalente ao terceiro ano do ensino médio)

Era uma aluna do décimo segundo ano (último ano do ensino médio), com 18 anos de idade, solteira, moradora de São Paulo – SP e nascida no mesmo município. Estabeleci que ela fosse por mim entrevistada. Não houve o acompanhamento de um(a) responsável legal, já que a entrevistada era maior de idade. Escutei suas respostas, as escrevi em forma de sentenças que foram lidas e avaliadas pela entrevistada.

Em relação à importância da festa de junho daquela escola para a estudante, esta respondeu: “A festa é importante porque demanda muito empenho de todos. A comunidade se une nesse momento. Estou aqui desde meus 12 anos (hoje tenho 18) e acho a festa um momento mágico”. Esta afirmação foi acompanhada por expressão facial e corporal que denotavam encantamento pela festa. A aluna sorria, gesticulava com mãos e braços, demonstrando uma relação afetiva com a festa de São João daquela escola particular.

Perguntada sobre a existência de diferenças entre os modelos de festas juninas tradicionais e os atualmente em voga, a aluna respondeu que existiam diferenças, já que naquela escola particular “cada sala apresenta uma dança regional e o olhar sobre a festa é diferente”. Entretanto, após responder isso, a aluna afirmou também que não havia novas demandas na organização e execução das festas juninas. Muito pelo contrário, afirmou: “são sempre as mesmas demandas”, quando lhe perguntei sobre novas demandas dos últimos anos na organização e execução dos festejos juninos.

Quanto à influência da comunidade na definição do modelo de festa de junho, a aluna explicou que moradores do prédio situado ao lado da escola muitas vezes se queixam do barulho da festa. Disse ainda “achar estranho” que parte dos reclamantes daquele prédio sejam jovens universitários que estudam na faculdade³⁷ localizada há poucos metros da escola. Segundo a entrevistada, os próprios alunos da escola já fizeram convites para que aqueles vizinhos “reclamões” fossem prestigiar a festa, mas os convites foram ignorados. Ao dizer isso, a aluna, através de seu semblante, manifestou certo deboche quanto aos universitários vizinhos da escola.

³⁷ A aluna falou o nome da faculdade, mas preferi omiti-lo neste trabalho. Trata-se de uma instituição privada cujos cursos são renomados sobretudo nos ramos relacionados aos negócios e às finanças. Aquela instituição, inicialmente, trabalhava apenas com programas de MBA em finanças, mas hoje oferece diversos cursos de graduação e pós-graduação e é considerada uma faculdade de elite.

Quando perguntei se havia diferenças entre o que se planeja e o que se executa (e como os alunos lidariam com isso), a aluna respondeu que às vezes os ensaios se mostram insuficientes para boas performances, e daí surge a necessidade de improvisar. Outro ponto destacado foi que alguns alunos trabalhariam menos que o esperado na organização da festa, o que acabaria sobrecarregando outros que teriam de compensar aquelas insuficiências de empenho.

Mais adiante na entrevista, a aluna também afirmou que tanto “a festa serve para as pessoas de fora conhecerem a escola (...) e a pedagogia Waldorf” quanto contribui para que os alunos se conheçam melhor entre si (com destaque para alunos de anos distintos) – e também para que os alunos conheçam os familiares dos colegas – fatores estes que, nos dizeres da aluna: “promovem um sentimento de grupo (...) na escola”.

Finalizando a entrevista através de um comentário livre, a aluna depôs: “Eu tenho a dizer que estou com 18 anos e esse ano marca minha despedida da escola. Já tenho certeza de que sentirei muita falta deste momento quando eu sair. O meu namorado se formou aqui no ano passado e hoje cursa Geologia na UNESP de Rio Claro. Ele sempre me fala o quanto sente saudades da escola e até estranha os formatos de festa da universidade quando se lembra das festas daqui. Neste ano ele disse que virá aqui na festa junina e não só será para me ver dançar, mas também porque ele sente saudades da festa junina daqui da escola.”.

5. ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, são retomadas aquelas questões anteriormente formuladas já anunciadas no capítulo que discutia os procedimentos metodológicos. A partir das questões-problema da pesquisa foram realizadas análises qualitativas acerca dos festejos juninos pesquisados. Abaixo, segue, de forma pontuada, cada uma das referidas questões e as respectivas respostas formuladas.

Iniciando pela questão central e seguindo para as questões subsidiárias, encaminha-se a análise a seguir:

- *Nas escolas pesquisadas, em face às novas demandas sociais verificadas, quais foram os desafios contemporâneos enfrentados na promoção das festas juninas e como estas festas responderam a tais desafios?*

Resposta: Nas escolas estadual e municipal percebeu-se que a festa junina tem sido objeto de questionamentos junto à comunidade evangélica que julga o evento como uma festa católica inapropriada ao âmbito escolar. Diante deste questionamento, ambas as escolas buscaram camuflar a festa junina a partir de outros nomes como: “Festa das Nações Esportivas” e “Festa da Cultura Brasileira”, respectivamente. Os próprios organizadores revelaram, através de seus discursos, que a renomeação das festas buscou contornar a acusação da comunidade evangélica de que a escola estaria celebrando santos padroeiros católicos.

Na escola particular, por sua vez, notou-se a contribuição de pais de alunos na organização do evento e a tentativa de valorização das atividades manuais tanto quanto das atividades intelectuais. Observou-se que os alunos pertenciam a um grupo socialmente mais homogêneo que os das escolas públicas, de modo que o desafio da interação com o “outro” ou com o “diferente” se fazia mais presente.

Com isso, percebe-se que os desafios contemporâneos das escolas diferem bastante entre si, dependendo, sobretudo, dos contextos sócio-espaciais em que se situam. Se nas escolas públicas visitadas (estadual e municipal), por exemplo, notou-se dificuldades de legitimação do evento junto aos evangélicos, esta dificuldade passava ao largo das preocupações dos organizadores da festa na escola particular situada em bairro nobre da capital paulista, muito mais preocupados com o cardápio ou com a seleção musical. Deste modo, notou-se que “superação” de alguns desafios possibilita o desenvolvimento de trabalhos mais refinados – que foi o que pareceu acontecer na

escola particular, que não contava com a indisposição de representantes de igrejas neopentecostais dentro de sua comunidade escolar.

Destaca-se ainda, através dos dados coletados, que na escola municipal ficou evidente certo descuido dos educadores do segundo ciclo do ensino fundamental quanto às orientações devidas aos alunos nos momentos de organização das festas. Na festa do grêmio não se viu acompanhamento dos professores do segundo ciclo do ensino fundamental e, durante as apresentações na Festa da Cultura Brasileira, se percebeu diversas apresentações de certa forma inadequadas que apenas reproduziam a “cultura de massas” (re)produzida pela “indústria cultural”³⁸ (ADORNO e HORKHEIMER, 1985). O “capital cultural”³⁹ (BOURDIEU, 1998) dos alunos da escola municipal situada na periferia não pareceu ter sido enriquecido através da atividade escolar que propunha trabalhar o repertório. Entretanto, a liberdade conferida pelos docentes quanto ao que seria trabalhado nas apresentações pareceu estimular o protagonismo estudantil nesta escola municipal mais do que em qualquer outra, de modo que produziram trabalhos autorais que devem ser reconhecidos.

O fomento ao protagonismo estudantil através da festa junina desta escola municipal também se evidenciou ao pesquisador no momento das entrevistas com as alunas representantes do grêmio estudantil. Por meio das respostas das duas alunas entrevistadas, se confirmou que as representantes do grêmio fizeram notável trabalho de pesquisa de opinião junto aos alunos a fim de estabelecer qual modelo de festa seria mais apropriado às demandas dos estudantes. Este ponto merece grande destaque no trabalho desenvolvido naquela escola, muito embora o protagonismo estudantil mencionado evidentemente tenha, em determinados momentos, carecido de uma regulação pedagógica por parte dos profissionais – de modo que um dos desafios contemporâneos identificados foi o desafio de aliar o trabalho pedagógico (e o plano conceitual) à autonomia dos estudantes.

Na escola particular, por sua vez, a despeito dos belos trabalhos apresentados, percebeu-se, por meio de passagens das entrevistas, que muitas concepções de trabalhos já vinham praticamente prontas aos estudantes – fato este revelado em falas como a da

³⁸ Este conceito diz respeito ao sistema de comunicação e simbolização que visa à comercialização de uma cultura padronizada destinada às massas (submetidas à condição de consumidores).

³⁹ Este conceito, grosso modo, refere-se ao repertório de conhecimentos e recursos intelectuais que asseguraria aos indivíduos determinadas vantagens comparativas no interior de uma sociedade.

coordenadora, da diretora, do professor de geografia e do aluno, que explicitaram (em falas bastante coerentes entre si) que os temas, músicas e danças de cada turma eram previamente definidos pela equipe pedagógica (professores), cabendo aos alunos e a seus familiares muito mais o trabalho de execução das atividades do que a idealização ou planejamento das mesmas. Neste sentido, através dos elementos aferidos nas entrevistas, é possível dizer que o desafio contemporâneo daquela escola era o de desenvolver melhor a autonomia e o protagonismo estudantis – muito embora a primeira impressão dada pela observação da festa pudesse conduzir o pesquisador a outra interpretação⁴⁰.

Ainda nesta escola particular, se verificou na fala do aluno entrevistado que, além do mesmo dizer: *“Os professores já identificam o que será necessário e executamos dentro do planejamento estabelecido”* (que corrobora a interpretação do parágrafo acima), disse também: *“Nas outras escolas costuma ser um evento muito maior, onde chegam muitas pessoas. Aqui, por ser mais restrito, algo assim mais familiar, faz com que seja mais especial”*. Ou seja, nesta última passagem ele ainda revela desejo de isolamento no que seria possível chamarmos de “mundo Waldorf”. O aluno encara como algo positivo a festa ser “restrita”, manifestando certo preconceito e sentimento de superioridade em relação ao mundo exterior à escola. O desafio que foi identificado por meio deste fragmento de fala foi então o de aceitar o valor de referências externas. Teve ainda sentido semelhante a este a revelação da aluna de que seu namorado (ex-aluno da escola) tinha dificuldades de aceitar os formatos de festa da faculdade por tomar o formato da festa da sua escola particular como modelo ideal. Aquele ex-aluno estaria com dificuldades de reconhecer que o mundo é mais amplo (e certamente mais rico) que a realidade de sua escola?

Diante da literatura investigada, foi ainda absolutamente ilustrativo outro fragmento de fala do aluno entrevistado na escola particular, quando este anunciou: *“A nossa pedagogia trabalha com uma “mecânica” pensada por Rudolf Steiner. Todas as escolas Waldorf trabalham com este mesmo estilo de festa. A única diferença acho que é que algumas escolas são bem maiores que a nossa”* (grifo meu). Analisando este trecho sob a luz da literatura pesquisada, o pesquisador encontrou amparo no trabalho

⁴⁰ Neste ponto, destacou-se a importância das entrevistas para uma análise mais profunda do fenômeno investigado, conforme advertido no exame de qualificação.

de Cândido (2012), que desenvolveu bastante a metáfora “Máquina de Festejar”⁴¹. Assim, seria possível estabelecer uma conexão entre a metáfora “mecânica” mencionada pelo aluno e a metáfora “máquina” explorada pela última autora? Entende-se aqui que sim.

Através da leitura daquele trabalho⁴², notou-se que Candido, apoiada em Ozouf (1976), apresentou a possibilidade de interpretar a festa a partir de seus “elementos, técnicas, funções e saberes” (p. 13), dizendo ser necessária a compreensão de que as diferenças nos contextos entre uma festa e outra repercutiam nas funções desempenhadas, muito embora as engrenagens da “máquina” pudessem ser as mesmas.

Assim, interpretou-se, pela fala do aluno, que aquela escola particular que seguia a tal “pedagogia Waldorf” estava equipada com um notável maquinário de festa que mais uma vez estava sendo colocado em funcionamento. Os “elementos, técnicas, funções e saberes”, entretanto, pareciam ser dados de forma quase acabada aos alunos através de algo previamente “*pensado por Rudolf Steiner*” (tomando carona na expressão do aluno) – restando parca abertura para a inovação do maquinário a partir de experimentações criativas e sobrando muito mais a operacionalização do mesmo maquinário⁴³. Esta interpretação se extrai do fato de o aluno dizer que, dentre as escolas Waldorf, “*a única diferença acho que é que algumas escolas são bem maiores que a nossa*” (grifo meu)⁴⁴.

No que lhe concerne, na escola estadual (que desenvolveu um interessante formato híbrido entre festa junina e feira das nações), um desafio contemporâneo que no trabalho se expôs foi o de possibilitar o protagonismo do corpo docente. Se evidenciou que o formato foi determinado pela direção e pela coordenação da escola, cabendo aos(às) professores(as) aceitá-lo e executá-lo. O pesquisador interpreta, a partir deste

⁴¹ Cândido (2012) desenvolve a metáfora, porém assinala que a designação das festas como “dócil maquinaria” já havia sido feita por Mona Ozouf em 1976.

⁴² A Máquina de Festejar: Seus usos e configurações nas escolas primárias brasileiras e portuguesas (1890-1930) – Tese (Doutorado em Educação – FEUSP, 2012)

⁴³ Isso talvez levasse os alunos mais à condição de operadores da máquina do que engenheiros da máquina, já que atuavam mais na execução do que na concepção.

⁴⁴ Contudo, é honesto destacar que a interpretação foi feita somente a partir do fragmento de fala do aluno daquela escola específica. Aluno que, generoso e gentilmente, se voluntariou a participar da pesquisa, de modo que não se ensaia aqui generalização para todas as demais escolas particulares que adotam aquela linha pedagógica (escolas estas que sequer foram investigadas). Deve ser dado destaque ao verbo “acho” que o aluno empregou – o que manifestou que provavelmente nem ele mesmo conhece a realidade das demais escolas – tratando-se apenas de uma visão incerta de um estudante adolescente cuja voz não poderia representar algo além de sua leitura individual. No entanto, trata-se de material coletado sobre o qual a análise foi trabalhada e que não poderia ser descartado por questão de honestidade intelectual.

fato, que um dos principais desafios que se evidenciou foi o de promover a autonomia docente nesta escola na tomada de decisões. Este desafio, todavia, não era assumido pela direção, pela coordenação ou mesmo pelo próprio quadro docente, que se preocupavam muito mais em dissimular o “viés religioso” da festa a fim de despistar a censura imposta por membros evangélicos. Envolvidos nesta tarefa, os professores seguiam as orientações recebidas e assim abriam mão de parte de sua autonomia.

Por fim, mas não menos importante, cabe também problematizar que as autoridades das escolas públicas (tanto a estadual quanto a municipal) evidentemente impediram o acesso do pesquisador aos Projetos Políticos Pedagógicos de maneira um tanto constrangedora e dissimulada – apesar de terem demonstrado boa receptividade à entrada do pesquisador. Nestas escolas o pesquisador percebeu que parcela significativa do professorado sequer acessava o documento (o que se evidenciou por falas incoerentes entre si nas ocasiões das respostas sobre o documento) e também percebeu, através das respostas escritas, que muitos profissionais não dominavam muito bem a escrita sob a norma culta da língua portuguesa. Deste ponto, para estas duas escolas, outro desafio contemporâneo que se evidenciou foi o de melhorar o registro tanto do planejado quanto do executado sob a forma escrita. Percebia-se, naquelas escolas, que o planejado era feito basicamente de forma oral e que o executado era registrado quase que unicamente partir de fotografias. As escolas careciam de documentos escritos e muitos profissionais escreveram suas respostas de forma bastante aquém do que se esperaria de profissionais daquele nível.

- *Seria possível afirmar que as festas juninas escolares poderiam ser interpretadas como elementos de uma “cultura escolar”? Em caso afirmativo, qual seria o sentido a se dar ao conceito de “cultura escolar”?*

Resposta: Diante dos dados coletados, bem como das leituras e discussões realizadas, compreende-se aqui que as festas juninas escolares são elementos de uma cultura escolar, uma vez que elas, embora derivem de festas juninas paroquiais, não representam cópias fiéis destas, apresentando, ao invés disso, características próprias forjadas nas realidades singulares das escolas.

A cultura escolar é aqui entendida como uma combinação de hábitos, costumes e valores consolidados ao longo do tempo no interior das instituições. Essa combinação

media as atividades entre os entes da escola e assim permite o desempenho concomitante de atividades num espaço e num tempo compartilhados.

Rearranjando elementos espaciais da escola e também influenciando na organização do tempo, as festas juninas escolares poderiam ainda ser descritas como elementos culturais que impõem negociações entre membros da comunidade escolar, uma vez que o preparo e execução dos festejos indubitavelmente interferem nos trabalhos cotidianos durante fração expressiva do tempo. Essas negociações são por vezes pacíficas, por vezes conflituosas, expondo sempre relações de poderes entre um grupo e outro.

Para a dimensão do “tempo” escolar, encontrou-se apoio teórico em Gallego (2003), quando a autora diz que “[...] é preciso atentar para o fato de que em momentos diferentes, os sistemas de referências temporais, tal como a cultura escolar, se modificam e se transformam [...]” (p. 19). Neste sentido, interpretou-se, através das observações de campo, que a organização e a execução das festas juninas escolares demandaram às três escolas exatamente “momentos diferentes” dos habituais a partir dos quais as culturas escolares iam se (re)construindo não apenas com base na liturgia das aulas e demais atividades cotidianas, como também com base nos festejos. Pois então que se reforça a tese de que as festas juninas escolares sejam elementos constitutivos de uma cultura escolar.

Na dimensão do “espaço” escolar, por sua vez, o que se notou nas três escolas foi que as festas em certa medida subverteram o ordenamento espacial da escola. Notou-se que, dentre as três escolas visitadas, apenas a escola municipal (que compunha um CEU) dispunha de espaço projetado para festas de grandes dimensões. E, mesmo nesta escola, tal espaço (o prédio do centro esportivo) só foi utilizado na festa da cultura brasileira (a festa aberta ao público), sendo que os alunos que organizaram a festa do grêmio estudantil (a festa restrita aos alunos) tiveram, por si mesmos, de rearranjar o espaço da escola a fim de que o este abrigasse aquela festa.

Além de interpretar o espaço físico interno das escolas, cabe ainda mencionar que todas as três festas representaram manifestações culturais próprias de outros lugares que não os entornos imediatos das escolas. Notou-se que a festa da escola estadual representava países estrangeiros, a festa da escola municipal representava regiões e estados diferentes e a festa da escola particular representava culturas, sobretudo, ligadas ao universo agrário (ainda que a escola estivesse situada em área altamente urbanizada da cidade de São Paulo).

Diante destes fenômenos (subverter a ordem e representar o espaço alheio), o que se expressou foi o quão fundamental para a cultura escolar é o uso que se faz dos espaços, pois, conforme assinala Souza (1998):

[...] podemos dizer que a escola como lugar define-se juntamente com a constituição do espaço social e cultural da escola. A noção de lugar pressupõe a construção do espaço, a sua ocupação e utilização; permite compreender a estrutura física do lugar nos limites da dimensão sociocultural; nesse sentido, as formas tendem a ser físicas e humanas a uma só vez. “O espaço habitado transcende o espaço geométrico”, nos ensina Bachelard (1989). O espaço, essa “linguagem silenciosa”, como o definiu Hall (1959), comunica, mostra o emprego que o ser humano faz dele; um emprego que é sempre um produto cultural.” (p. 123)

Portanto, o reconhecimento do “uso” dos espaços escolares, através das festas juninas escolares, revelou-se fundamental para a compreensão do processo de criação de culturas escolares, fato que também reafirma a interpretação da festa junina como componente da cultura escolar.

- *Para quê servem as celebrações juninas nas escolas urbanas paulistas?*

Resposta: Por meio dos registros de campo, foi possível perceber que as festas juninas escolares cumprem um importante papel de socialização entre os participantes, bem como permitem aos educandos valorizar o trabalho em equipe. Com isso, valores de cidadania e cooperação podem ser estimulados, o que contribui para a formação ética dos educandos.

Nas três escolas, percebeu-se que a festa junina cumpriu importante papel agregador entre membros da comunidade escolar. Havia a participação de alunos, funcionários e professores, bem como a interação entre turmas diferentes entre si, fazendo com que cada escola trabalhasse de forma integrada internamente.

Por parte das coordenações dos eventos também se notou a preocupação de apresentar o trabalho desenvolvido como uma espécie de “cartão de visitas” aos convidados. Os discursos anunciados na preparação do evento claramente demonstravam a preocupação com a exposição do trabalho àqueles que não tinham o hábito de frequentar periodicamente a escola. Neste sentido, através da literatura estudada, reconheceu-se em uma das serventias das festas juninas escolares estudadas em 2018 certa similaridade com uma das serventias das festas escolares paulistas dos anos da República Velha (1890 – 1930), já que Cândido (2007), debruçada sobre este

período, apontou que – dentre outras funções que não somente esta – esta função de apresentar o trabalho à comunidade externa e de reforçar a autoridade da instituição e da direção se fazia presente naquelas antigas festas escolares (não juninas). Esta intenção que aqui se poderia chamar de “mostrar o trabalho” à comunidade ficou ainda mais nítida a este pesquisador⁴⁵ quando o mesmo observou que a festa do grêmio estudantil da escola municipal (festa interna à escola) não foi objeto de grande preocupação por parte da equipe gestora.

Cabe ainda destacar que, por meio da leitura do trabalho de Souza (1998), que discutiu a organização da escola graduada também durante a República Velha (abarcando seus primeiros vinte anos), é possível identificar que desde aquele período⁴⁶ já se registrava as festas escolares como rituais que trabalhavam com o propósito de inculcar valores identitários junto às comunidades envolvidas. Embora festas juninas escolares não se fizessem ainda presentes naquele período estudado pela autora, é possível perceber por meio das entrevistas coletadas nas três escolas que a mesma intenção identificada na virada do século XIX para o XX foi manifestada nas respostas coletadas nas escolas do século XXI. Isso se evidenciou tanto em falas da diretora e da coordenadora da escola particular, que faziam apelo à importância do resgate das “tradições”, quanto em falas da coordenadora e dos professores da escola municipal, que davam destaque para as “culturas regionais”. Nesta última escola também foi curioso e significativo que dois dos professores que se voluntariaram a contribuir com a pesquisa eram nordestinos (uma professora pernambucana e um professor alagoano). Estes manifestaram grande interesse pessoal pela pesquisa e demarcaram sua incondicional disposição em ajudar. As falas mais enfáticas que o pesquisador recebeu acerca da importância de se resgatar a cultura popular vieram justamente destes professores provenientes do Nordeste – região do país onde as festas juninas tradicionalmente tiveram maior expressão e região do país cuja cultura popular tantas vezes foi desprestigiada por determinados setores da elite do centro-sul.

Na escola estadual, por sua vez, se percebeu que embora o resultado da festa das nações esportivas tenha sido considerado positivo, ouviram-se depoimentos ora com certo tom de lamento e saudosismo – quando mencionavam que a festa

⁴⁵ Martins – o que aqui escreve.

⁴⁶ O período estudado por esta outra autora (Rosa Fátima de Souza) ia de 1890 a 1910, ou seja, período em que as festas escolares ainda não haviam incorporado as festas juninas.

obrigatoriamente tivera de ser renomeada em função de pressões de grupos evangélicos – ora com tom defensivo – quando ressaltavam que a festa daquela escola não tinha cunho religioso. Interpreta-se então que a festa de junho que antecipa as férias de meio de ano era extremamente importante à comunidade escolar, impactando positivamente os trabalhos ao longo do ano letivo – e daí o motivo das defesas pela preservação das festas. Conforme foi colocado em diversas falas, as festas, independentemente do tema assumido, promovem o senso de coletividade e estimulam o senso de solidariedade entre os membros participantes. Em se tratando ainda de uma festa que antecipa a chegada das férias, cumpriria ainda o papel de momento de catarse (no sentido de “despertar emoções contidas” na celebração de um fechamento de ciclo).

Este último sentido mencionado no parágrafo acima se explicitou também nas análises das entrevistas no ponto em que a aluna do último ano da escola particular, diante da questão aberta sobre qual informação adicional ela gostaria de registrar sobre as festas, disse: *“Eu tenho a dizer que estou com 18 anos e esse ano marca minha despedida da escola. Já tenho certeza de que sentirei muita falta deste momento quando eu sair”* e também no ponto em que uma das alunas da escola estadual, diante da mesma questão, registrou: *“Acho positivo que se desenvolvam festas juninas porque se trata de uma atividade diversificada. Isso é importante principalmente para nós dos terceiros anos que já iremos nos formar. Será a festa que nos marcará para além da escola”*. Ou seja, o “fechamento de ciclo” mencionado acima a partir da iminência das férias seria ainda reforçado nos alunos prestes a se formarem no ensino médio, o que daria ainda maior relevância à festa para os mesmos. O registro na reunião de ATPC de que a turma do terceiro ano da escola estadual pretendia arrecadar dinheiro através de uma das barracas para o churrasco de final de ano é ainda outro elemento de corrobora esta interpretação.

- *Porque elas veem se perpetuando há décadas?*

Resposta: Os discursos indicam que os educadores compreendem que a realização de uma festa que marque o encerramento (parcial) das atividades letivas no final no semestre letivo contribui para que alunos, familiares de alunos, professores e demais funcionários se identifiquem como membros de uma comunidade escolar que carecem de relações solidárias entre si. Notou-se que, através das festas, o sentimento de pertencimento a esta comunidade foi fortalecido.

A renomeação das “festas juninas”, nas escolas estadual e municipal, a partir de outras temáticas que não aquelas da celebração de santos padroeiros, não impediu que referências às festas juninas aparecessem, o que nos leva a compreensão de que a comunidade escolar, de uma maneira geral, ainda tem como referência de festa nesta época do ano as populares festas juninas, de modo que, mesmo com a orientação explícita da coordenação de que as festas celebrariam outras temáticas, as práticas executadas subverteram a ordem oficial.

Além disso, conforme visto na resposta à pergunta anterior, as festas juninas escolares possuem serventias (cumprem funções) que não poderiam ser recusadas pelas autoridades escolares, sob o risco de se comprometer a boa operacionalização dos estabelecimentos.

- *São explorados elementos da geodésia que expliquem o contraste entre as festas celebradas nos hemisférios norte e sul?*

Resposta: Tendo em vista a formação inicial do pesquisador (bacharel e licenciado em Geografia), este foi a campo investigar as festas juninas supondo que, entre outros temas, poderia encontrar no evento (ou talvez na organização do mesmo) algumas discussões e referências acerca de elementos básicos da geodésia trabalhados durante o ensino fundamental e médio. Isso porque os conceitos de rotação, translação, inclinação do eixo, hemisférios terrestres, formato geóide da Terra, incidência solar, entre outros, poderiam ser explorados através das festas juninas escolares, dado que explicariam aos alunos, de forma lúdica, as contradições simbólicas das festas juninas do hemisfério sul, que seguem arremedando elementos próprios das festas do hemisfério de origem (norte). Partindo-se então da ideia inicial de que encontraria em ao menos uma das três escolas investigadas referências a estes pontos acima citados, o pesquisador, em campo, foi obrigado a refutar a mesma ideia devido à ausência de quaisquer referências aos elementos da geodésia.

Exceção talvez possa ser feita na identificação das “orações ao sol” desenvolvidas pelas turmas da escola particular. Essas referências, num limite, poderiam ser interpretadas como referências sutis às antigas festas em tributo ao Sol pelos povos antigos. Entretanto, não se percebeu um discurso explícito nesse sentido, fazendo que a possível referência partisse do próprio repertório dos presentes.

- *As escolas, todas elas, ainda sustentam caricaturas do homem do campo?*

Resposta: Outra ideia preliminar da qual se partiu foi a de que em todas as escolas visitadas se encontraria a sustentação de estereótipos inadequados do homem do campo. Entretanto, através das visitas se percebeu que, dentre as três escolas visitadas, apenas uma delas promoveu tal representação grotesca em parte do trabalho realizado – a escola municipal. E, mesmo nesta escola, tal representação não foi hegemônica, uma vez que se notaram alguns esforços no sentido de se representar elementos da cultura nacional sem despreço ou deboche. O que se conferiu em algumas turmas, sobretudo no segundo ciclo do ensino fundamental, foi um mais pobre acompanhamento por parte de profissionais que poderiam ter melhor orientado os estudantes em suas apresentações, fazendo a devida diferenciação entre a cultura popular e a “cultura de massas” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985). Evidenciou-se que o devido acompanhamento pedagógico se fez muito mais efetivo nas turmas do primeiro ciclo do ensino fundamental, cujos educadores possuíam formação inicial em pedagogia e não em licenciaturas específicas.

A escola estadual, através da “festa das nações esportivas”, fez representações dos países, de modo que pouco tocou na questão do homem do campo. Nas representações dos países, perceberam-se variações significativas nas qualidades dos trabalhos apresentados. Enquanto algumas turmas revelaram, por meio de suas apresentações, realmente terem investigado bastante a cultura e a realidade contemporânea dos países e povos representados, outras turmas revelaram certo imprevisto através de inconsistências, como, por exemplo, a turma que apresentou a Argentina por meio da dança de um cantor caribenho de Porto Rico – elemento este que poderia ter sido corrigido pelo professor coordenador da sala, incumbido de orientar os alunos.

A escola particular, por sua vez, pareceu expor melhor a heterogeneidade do meio agrário brasileiro, universo este altamente diverso, no qual se expressam diversas formas de organização social produtos das mais variadas combinações étnico-culturais que se processaram nos rincões deste país. As apresentações das turmas revelaram esforços da equipe organizadora em referenciar diferentes manifestações culturais sem debochar das mesmas. De forma que a ideia preliminar aventada de que a caricatura do caipira seria invariavelmente reproduzida foi refutada.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do trabalho realizado, considero que as festas juninas escolares não podem ser compreendidas como um bloco monolítico, ou seja, como se fossem todas iguais (ou com diferenças mínimas entre uma e outra). A investigação a partir das três escolas comprovou que, na realidade, cada festejo escolar de junho tem seus significados próprios e, portanto, enfrenta também desafios únicos que estão relacionados com a realidade vivida pela comunidade e com as idiossincrasias desta.

Desenvolver a investigação apoiado em teorias sobre as culturas escolares mostrou ser um caminho interessante para construir uma compreensão acerca do fenômeno “festas juninas escolares”. Entretanto, considero que não seja o único caminho, de maneira que certamente outras dimensões podem ainda ser exploradas em outros estudos que se proponham trabalhar o tema sob outros enfoques.

A despeito de o tema ter se mostrado a mim como bastante promissor e pertinente à realidade de instituições brasileiras, que costumam desenvolver as festas de junho, considerei curioso perceber o quão pouco estudadas as festas juninas escolares contemporâneas são no âmbito acadêmico – o que constatei tanto pela escassez de trabalhos pautados neste tema como também pela forma como algumas pessoas (incluindo alguns pesquisadores da educação) reagem frente ao anúncio de um trabalho que tome as festas juninas escolares como mote de discussão. Reações de deboche (velado e explícito) destas foram bastante frequentes ao longo do percurso, tendo-me levado a questionamentos internos frequentes sobre se eu deveria ou não insistir na proposta.

Conforme anunciado na introdução, a ideia de desenvolver um trabalho sobre esse tema partiu de uma inquietação quanto à indisposição de meus(minhas) colegas professores(as) de discutirem mais profundamente as festas juninas das escolas. No curso desta pesquisa, percebi, nas duas escolas públicas visitadas, indisposições semelhantes. Com isso, considero que exista uma lacuna na formação média dos(as) professores(as) no que toca às questões das festas escolares. Percebi, entre muitos profissionais das duas escolas públicas, certo embaraço quando eram chamados para conversar sobre as festas, como se estas não devessem ser discutidas do ponto de vista teórico. As discussões que os(as) profissionais pareciam estar acostumados (e dispostos) a fazer pareciam ser mais relacionadas a questões objetivas de organização, mas não de concepção ou significados. Neste sentido, as comunidades evangélicas que tensionavam

as festas talvez estivessem compelindo os(as) profissionais a refletirem sobre o evento, porém de uma forma deveras controversa, já que através de acusações que fortaleceriam uma cultura de denunciismo – que parece estar se generalizando no âmbito da administração pública contemporânea.

Estas escolas públicas acima mencionadas pareceram-me reagir de uma forma demasiadamente resiliente frente às acusações da comunidade evangélica. Embora as escolas fossem laicas, no meu entendimento isso não significava que elas não poderiam abordar temas religiosos a partir de perspectivas científicas ou culturais. Tal ação, entretanto, envolveria preparo por parte dos(as) agentes da escola para que estivessem aptos(as) a debater as festas sob tais perspectivas. A realidade, entretanto, revelou dificuldades e indisposições, por parte dos(as) profissionais da educação, de se debater francamente temas considerados controversos. Diante disso, faço a consideração de que os conflitos não eram enxergados como oportunidades de aprendizagem, mas lamentavelmente vinham sendo encarados com algo que deveria a qualquer custo ser evitado – sendo que a expressão “evitar conflitos” tornava-se um imperativo inquestionado.

Considero também que os constrangimentos das escolas públicas revelados ao não me disponibilizarem seus Projetos Políticos Pedagógicos, junto com as insuficiências de algumas respostas escritas que recebi, transmitiram-me a sensação de que alguns(as) profissionais estavam distanciados(as) do exercício da leitura e da escrita – isso, penso eu, também contribuía com o enfraquecimento da base argumentativa destes(as) profissionais – base esta que seria intensamente requerida em ocasiões de diálogo junto às comunidades escolares.

Na escola particular pesquisada, por sua vez, o cenário era consideravelmente diferente. A equipe pedagógica exercia maior autonomia na definição do modelo de festa e sua competência na definição de um modelo de festa junina não pareceu ser questionada pela comunidade frequentadora. Assim, os(as) profissionais desenvolviam a festa e desfrutavam do reconhecimento dos(as) discentes e de suas respectivas famílias. Esta escola, no entanto, segundo os depoimentos coletados, produzia uma festa muito menos dinâmica que a festa das escolas públicas, já que, embora o resultado fosse bastante bonito, bem ornado e envolvente, tinha um formato que se reproduzia de forma muito similar entre um ano e outro, valendo demarcar que o evidente orgulho que os(as)

profissionais tinham por aquele modelo de festa também parecia não favorecer alterações substanciais.

Tendo redigido a dissertação sob uma linguagem que, ainda que dentro das normas cultas, considere acessível a públicos diversos, e não me orientando unicamente a partir de possíveis ajuizamentos da banca de defesa, nestas considerações finais pondero ser sensato registrar a quaisquer leitores não iniciados no meio acadêmico que em algum momento venham a acessar esta pesquisa, que este trabalho, sendo ele uma pesquisa acadêmica, orienta-se sempre pela crítica e não pela proposição. Com isso, busco responder insatisfações comumente manifestadas em diversos ambientes prosaicos (dos quais orgulhosamente sou frequentador), onde é comum a advertência: “se é para criticar, então faça melhor”. Aos meus muito estimados pares do “além-muros” da universidade, contesto que esta advertência é rechaçada na atividade acadêmica – mobilizada essencialmente pelo exercício livre da crítica – encarada sob a acepção positiva da palavra.

Por fim, faço registro que, após acompanhar as três festas e suas respectivas organizações, encerro o trabalho considerando-as como tempos escolares riquíssimos que possibilitam manifestações de cooperação e solidariedade. Notei que festas aportam às escolas valores que repercutem nos processos de ensino-aprendizagem e, por isso, entendo justificarem-se os esforços e recursos dispendidos na empreitada desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W; HORKHEIMER, M. Dialética do Esclarecimento. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Zahar Editores, Rio de Janeiro, Brasil, 1985.
- ARAÚJO. A. M. Poranduba Paulista. Escola de Sociologia e Política. São Paulo, Brasil, 1957.
- AZANHA, J. M. P. Cultura escolar brasileira: um programa de pesquisa. In: Educação: temas polêmicos. Martins Fontes, São Paulo, Brasil, 1995, p.67-78.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Tradução de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista, Porto Editora. 12ª edição, Porto, Portugal. 1994.
- BOURDIEU, P. Escritos de educação. Ed. Vozes, Petrópolis, Brasil, 1998.
- CAMPOS, J. T. de. Festas Juninas nas Escolas: Lições de Preconceitos. In: Educação e Sociedade (periódico). Vol. 28. No 99, p 589-606. Campinas, Brasil, maio/agosto de 2007.
- CANDIDO, R. M. A máquina de festejar: seus usos e configurações nas escolas primárias brasileiras e portuguesas (1890 – 1930). Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil, 2012.
- _____. Culturas da escola: as festas nas escolas públicas paulistas (1890 – 1930). Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil, 2007.
- CHIQUETTO, M. Breve História da Medida do Tempo. Ed. Scipione, São Paulo, Brasil, 1996.
- CORTELLA, M. S. A Escola e o Conhecimento. Ed. Cortez, 6ª ed., São Paulo, Brasil, 2002.
- ESCOLANO, A. B. La invencion del tiempo escolar. In: FERNANDES, Rogério; MIGNOT, Ana Chrystina V. (orgs.). O tempo na escola. Profedições: Porto, Portugal, 2008.
- ERICKSON, F. Métodos cualitativos de investigación sobre la enseñanza. In M. Wittrok (Ed.), La investigación de la enseñanza II. Métodos cualitativos de observación. Paidós MEC Barcelona, España, 1989.
- FONSECA, C. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. Revista Brasileira de Educação, Brasil, n. 10, p. 58-78, jan.-abr. 1999.
- FRAGO, A. V., ESCOLANO, A. Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa. DP&A, Rio de Janeiro, Brasil, 2001.

GALLEGO, R. de. C. Uso(s) do tempo: a organização das atividades de alunos e professores nas escolas primárias paulistas (1890 – 1929). (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil, 2003.

GEERTZ, C. La Interpretación de las culturas. Editorial Gedisa, Barcelona, España, 1992.

HOBBSBAWM, E. Introdução: A Invenção das Tradições. In: HOBBSBAWM, E. e RANGER, T. (orgs.). A invenção das tradições. Paz e Terra, Rio de Janeiro, Brasil, 1984.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. In: Revista Brasileira de História da Educação. Sociedade Brasileira de História de Educação. Autores Associados, Campinas, Brasil, Janeiro/junho, 2001, n. 1, p. 9-43.

MORIGI, V. J. Imagens recortadas, tradições reinventadas: as narrativas da festa junina em Campina Grande - Paraíba. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil, 2001.

PESSOA, J. de. M. Festas Juninas. In: SILVA, R. M da (org.). Cultura Popular e Educação. Ministério da Educação. Brasília, Brasil, 2008.

ROCKWELL, E. La experiencia etnográfica. Historia y cultura en los procesos educativos. Paidós, Buenos Aires, Argentina, 2009.

SOUZA, R. F. de. Templo de Civilização: A Implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo (1890 – 1910). Fundação de Editora da Unesp, São Paulo, Brasil, 1998.

VIDAL, D. G. Cultura e práticas escolares. In: _____. Culturas escolares: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX). Autores Associados, Campinas, Brasil, 2005.

VIÑAO FRAGO, A. Por una historia de la cultura escolar. Enfoques, cuestiones, fuentes. Valladolid, España, 1998.

_____. Culturas escolares, reformas e innovaciones: entre la tradición y el cambio. VIII Jornada Estatales Forum Europeo de Administradores de la Educación, Murcia, España, 1996.

ANEXOS

Anexo A – Entrevistas na escola estadual

Entrevista 1)

- Perfil da entrevistada: Professora efetiva de filosofia há 06 anos, 43 anos, solteira, moradora de São Bernardo do Campo, nascida em São Paulo – SP. Optou por responder a questionário (incluído abaixo na íntegra) ao invés de ser entrevistada.

Questões e respectivas respostas registradas:

- 1) **Para você, enquanto profissional da educação, qual é a importância da festa de junho para esta unidade escolar? Quais funções ela cumpre nesta instituição?**

Resposta: Por ser uma atividade diferenciada da rotina que muitas vezes “exigem” (sic) do aluno uma participação (danças, por exemplo), na qual eles ensaiam, pesquisam sobre, se caracterizam; por fazer parte da nossa cultura: valorizar comidas, danças, músicas típicas.

- 2) **Há diferenças entre os modelos de festas juninas escolares tradicionais e os modelos atuais? Se sim, quais?**

Resposta: Sim. A quadrilha não ser exclusivamente com músicas caipiras.

- 3) **Quais são as novas demandas que você tem percebido ao longo dos últimos anos na organização e execução das festas juninas?**

Resposta: Adequar o formato da festa às expectativas e interesses dos alunos (exemplo: músicas que eles gostam).

- 4) **Há influências da comunidade na definição do modelo de festa de junho? Você pode explicitar algumas destas diferenças?**

Resposta: Não.

- 5) Entre aquilo que se planeja e aquilo que se executa, costuma-se perceber diferenças? Se sim, como os profissionais da escola costumam lidar com a situação?**

Resposta: Sim, assim como todo trabalho desenvolvido na escola que é algo dinâmico, que muitas vezes não atende às nossas expectativas, mas outras vezes superam. Nos adequamos.

- 6) O Projeto Político Pedagógico prevê a realização de festas juninas na escola? Se sim, há um modelo pré-estabelecido a priori?**

Resposta: Sim. Não há.

- 7) Foi possível perceber mudanças significativas nos agentes envolvidos derivadas das festas de junho? Quais?**

Resposta: Sim. A noção de trabalho em equipe que os alunos tiveram que realizar.

- 8) Há algo adicional sobre a festa de junho na escola que você consideraria importante que ficasse registrado? Se houver, discorra a respeito.**

Resposta: Por ser um momento esperado pelos alunos, pais e comunidade em geral, pois é uma das oportunidades de se vivenciar o ambiente escolar fora da rotina. Por se tratar de algo que reflete nossa cultura, essas festas devem ser preservadas.

Entrevista 2)

- Perfil da entrevistada: Professora efetiva de matemática há 19 anos, 45 anos, casada, moradora de Santo André - SP, nascida na mesma cidade. Optou por ser entrevistada.

Questões e respectivas respostas registradas:

- 1) Para você, enquanto profissional da educação, qual é a importância da festa de junho para esta unidade escolar? Quais funções ela cumpre nesta instituição?**

Resposta: A festa ajuda na promoção da cultura e estimula a participação da família na escola.

2) Há diferenças entre os modelos de festas juninas escolares tradicionais e os modelos atuais? Se sim, quais?

Resposta: Sim. Atualmente as festas são temáticas e não envolvem religião. Os santos padroeiros não são mais referenciados.

3) Quais são as novas demandas que você tem percebido ao longo dos últimos anos na organização e execução das festas juninas?

Resposta: Há a necessidade de adaptação de danças e comidas. Os alunos trazem novos costumes e culturas que, de alguma forma, precisam ser incorporados às festas.

4) Há influências da comunidade na definição do modelo de festa de junho? Você pode explicitar algumas destas diferenças?

Resposta: Sim. Destaco as questões religiosas envolvidas. Atualmente há uma diversidade muito grande de crenças e religiões entre as famílias dos alunos. A festa não pode referenciar só uma crença ou religião a partir de santos católicos.

5) Entre aquilo que se planeja e aquilo que se executa, costuma-se perceber diferenças? Se sim, como os profissionais da escola costumam lidar com a situação?

Resposta: Não houve diferenças, pois, como se trabalha com projetos, foi fácil a execução do planejado.

6) O Projeto Político Pedagógico prevê a realização de festas juninas na escola? Se sim, há um modelo pré-estabelecido a priori?

Resposta: Prevê. Se estabelece que o nome festa junina não será utilizado e será substituído por um nome que referencie um tema estabelecido.

7) Foi possível perceber mudanças significativas nos agentes envolvidos derivadas das festas de junho? Quais?

Resposta: Sim. Acrescentou conhecimentos nos alunos pelos temas pesquisados e se verificou a participação em trabalho de equipe em alunos que costumeiramente não se interessam pelas propostas em sala de aula.

8) Há algo adicional sobre a festa de junho na escola que você consideraria importante que ficasse registrado? Se houver, discorra a respeito.

Resposta: Os alunos gostam muito do evento. A participação é de 100% e habilidades surpreendentes que não conhecíamos são descobertas entre os alunos.

Entrevista 3)

- Perfil do entrevistado: Coordenador pedagógico da escola e também professor de história há 23 anos, 47 anos, casado, morador de São Bernardo do Campo - SP, nascido em Penápolis - SP. Optou por responder a questionário (incluído abaixo na íntegra) ao invés de ser entrevistado.

Questões e respectivas respostas registradas:

1) Para você, enquanto profissional da educação, qual é a importância da festa de junho para esta unidade escolar? Quais funções ela cumpre nesta instituição?

Resposta: Não existe relevância tratando-se de uma comemoração com referência religiosa. No entanto, tirando este caráter é importante para a integração escola-comunidade.

2) Há diferenças entre os modelos de festas juninas escolares tradicionais e os modelos atuais? Se sim, quais?

Resposta: Sim, hoje procuramos não trabalhar a simbologia religiosa no evento.

3) Quais são as novas demandas que você tem percebido ao longo dos últimos anos na organização e execução das festas juninas?

Resposta: Percebo que os eventos têm buscado outras características que os afastem da abrangência religiosa.

4) Há influências da comunidade na definição do modelo de festa de junho? Você pode explicitar algumas destas diferenças?

Resposta: Pouca influência. Colaboram mais na execução das atividades.

5) Entre aquilo que se planeja e aquilo que se executa, costuma-se perceber diferenças? Se sim, como os profissionais da escola costumam lidar com a situação?

Resposta: Na execução imprevistos ocorrem e todos os envolvidos entendem quando mudanças são necessárias.

6) O Projeto Político Pedagógico prevê a realização de festas juninas na escola? Se sim, há um modelo pré-estabelecido a priori?

Resposta: Sim. Não há modelo.

7) Foi possível perceber mudanças significativas nos agentes envolvidos derivadas das festas de junho? Quais?

Resposta: Sim. É possível perceber um envolvimento positivo dos alunos.

8) Há algo adicional sobre a festa de junho na escola que você consideraria importante que ficasse registrado? Se houver, discorra a respeito.

Resposta: Não.

Entrevista 4)

- Perfil da entrevistada: Estudante do terceiro ano do ensino médio, 17 anos, solteira, moradora de São Bernardo do Campo - SP, nascida na mesma

cidade. Obs: Estabeleci que ela seria entrevistada por mim com o acompanhamento do coordenador pedagógico (que apenas observou).

Questões e respectivas respostas registradas:

1) Para você, enquanto estudante, qual é a importância da festa de junho para esta unidade escolar? Quais funções ela cumpre nesta instituição?

Resposta: A festa ajuda a trabalhar a coletividade, o trabalho em equipe.

2) Há diferenças entre os modelos de festas juninas escolares tradicionais e os modelos atuais? Se sim, quais?

Resposta: Há algumas diferenças. Mudou-se o nome e foram agregados outros elementos que antes não eram antes trabalhados.

3) Quais são as novas demandas que você tem percebido ao longo dos últimos anos na organização e execução das festas juninas?

Resposta: Percebo que os alunos só participam da organização quando são atribuídas notas para isso. Caso contrário, eles apenas iriam à festa, mas não contribuiriam na organização.

4) Há influências da comunidade na definição do modelo de festa de junho? Você pode explicitar algumas destas diferenças?

Resposta: Sim, bastante. Os pais se envolvem, por exemplo, na busca de prendas usadas nas barracas.

5) Entre aquilo que se planeja e aquilo que se realiza, costuma-se perceber diferenças? Se sim, como vocês alunos costumam lidar com a situação?

Resposta: Algumas coisas fogem do planejado, mas não a maioria. Alguns poucos improvisos são necessários.

6) Foi possível perceber mudanças significativas, entre vocês estudantes, que se explicariam pelas festas de junho? Quais?

Resposta: As notas do segundo semestre foram mais altas do que de costume porque incorporaram as notas da participação na organização da festa junina. Também foi bom observar quem participou para se reconhecer com quem é ou não possível desenvolver trabalhos em grupo.

7) Há algo adicional sobre a festa de junho na escola que você consideraria importante que ficasse registrado? Se houver, fale um pouco a respeito.

Resposta: Acho positivo que se desenvolvam festas juninas porque se trata de uma atividade diversificada. Isso é importante principalmente para nós dos terceiros anos que já iremos nos formar. Será a festa que nos marcará para além da escola.

Entrevista 5)

- Perfil da entrevistada: Estudante do terceiro ano do ensino médio, 16 anos, solteira, moradora de São Bernardo do Campo - SP, nascida em São Paulo - SP. Obs: Estabeleci que ela seria entrevistada por mim com o acompanhamento do coordenador pedagógico (que apenas observou).

Questões e respectivas respostas registradas:

1) Para você, enquanto estudante, qual é a importância da festa de junho para esta unidade escolar? Quais funções ela cumpre nesta instituição?

Resposta: A festa traz dinamismo à escola. Traz interação entre as turmas e entre estudantes de várias idades.

2) Há diferenças entre os modelos de festas juninas escolares tradicionais e os modelos atuais? Se sim, quais?

Resposta: Não percebo diferenças.

3) Quais são as novas demandas que você tem percebido ao longo dos últimos anos na organização e execução das festas juninas?

Resposta: Como a gente mesmo organiza as salas, é necessário comprometimento, organização e senso de solidariedade.

4) Há influências da comunidade na definição do modelo de festa de junho? Você pode explicitar algumas destas diferenças?

Resposta: Muitas famílias não gostam de festas juninas devido à religião. Até por isso a escola mudou o nome da festa.

5) Entre aquilo que se planeja e aquilo que se realiza, costuma-se perceber diferenças? Se sim, como vocês alunos costumam lidar com a situação?

Resposta: Muitas coisas não são alcançadas, mas a maioria sim.

6) Foi possível perceber mudanças significativas, entre vocês estudantes, que se explicariam pelas festas de junho? Quais?

Resposta: Não observo diferenças. Os alunos só vão às festas atrás de notas.

7) Há algo adicional sobre a festa de junho na escola que você consideraria importante que ficasse registrado? Se houver, fale um pouco a respeito.

Resposta: Eu concordo que a comemoração não dependa da religião. Apoio a alteração do nome feita pela escola.

Anexo B – Entrevistas na escola municipal

Entrevista 6)

- Perfil da entrevistada: Professora efetiva de geografia há 06 anos, temporariamente ocupando o posto de assistente de direção, 52 anos, solteira, moradora de Santo André, nascida em Bonito - PE. Optou por ser entrevistada.

Questões e respectivas respostas registradas:

- 1) Para você, enquanto profissional da educação, qual é a importância da festa de junho para esta unidade escolar? Quais funções ela cumpre nesta instituição?**

Resposta: A festa faz um resgate da cultura popular. É um ícone da identidade nacional. Vale ainda lembrar que, nesta comunidade, muitos alunos são filhos e netos de nordestinos, região do país onde a festa junina é muito apreciada. Assim, celebrar festa junina, para estes, é também valorizar a própria ancestralidade.

- 2) Há diferenças entre os modelos de festas juninas escolares tradicionais e os modelos atuais? Se sim, quais?**

Resposta: Percebo que atualmente há uma grande mistura de ritmos musicais que foram introduzidos nas festas. Antes só se verificava um único ritmo – o forró – por exemplo, se pensarmos em meu lugar de origem – sou pernambucana.

- 3) Quais são as novas demandas que você tem percebido ao longo dos últimos anos na organização e execução das festas juninas?**

Resposta: É cada vez mais necessário ampliar a diversidade de comidas típicas servidas e também ampliar mais a divulgação do evento, já que a participação da comunidade externa ainda é baixa, se pensarmos na quantidade de habitantes do bairro.

- 4) Há influências da comunidade na definição do modelo de festa de junho? Você pode explicitar algumas destas diferenças?**

Resposta: Sim. Hoje a festa já tem de ser pensada a partir de novos perfis de famílias que carregam outros valores diferentes das de outros tempos.

- 5) Entre aquilo que se planeja e aquilo que se executa, costuma-se perceber diferenças? Se sim, como os profissionais da escola costumam lidar com a situação?**

Resposta: Costuma haver problemas técnicos nos equipamentos que se planeja utilizar e também é comum a ausência de pessoas que haviam se

comprometido a comparecer. Nestas horas, é necessário improvisar ou já ter um segundo plano em vista.

6) O Projeto Político Pedagógico prevê a realização de festas juninas na escola? Se sim, há um modelo pré-estabelecido a priori?

Resposta: Confesso que nunca o li, mas sei que deveria tê-lo feito.

7) Foi possível perceber mudanças significativas, nos agentes envolvidos, derivadas das festas de junho? Quais?

Resposta: Não notei quaisquer diferenças no último ano.

8) Há algo adicional sobre a festa de junho na escola que você consideraria importante que ficasse registrado? Se houver, discorra a respeito.

Resposta: Tenho nada adicional a declarar. (Mantive a construção tipicamente nordestina “tenho nada”).

Entrevista 7)

- Perfil do entrevistado: Professor efetivo de geografia há 24 anos, 47 anos, mora com companheira, morador de Mauá, nascido em Arapiraca - AL. Optou por responder a questionário (incluído abaixo na íntegra) ao invés de ser entrevistado.
- Questões e respectivas respostas registradas:

1) Para você, enquanto profissional da educação, qual é a importância da festa de junho para esta unidade escolar? Quais funções ela cumpre nesta instituição?

Resposta: É importante pois resgata as tradições culturais do Brasil.

2) Há diferenças entre os modelos de festas juninas escolares tradicionais e os modelos atuais? Se sim, quais?

Resposta: Em minha opinião as festas juninas atuais buscam manter os moldes do passado, com poucas alterações.

3) Quais são as novas demandas que você tem percebido ao longo dos últimos anos na organização e execução das festas juninas?

Resposta: As festas juninas tentam usar os ritmos atuais para atrair o público.

4) Há influências da comunidade na definição do modelo de festa de junho? Você pode explicitar algumas destas diferenças?

Resposta: As festas juninas são organizadas pelos professores e gestão da escola e contam com o apoio da comunidade e dos alunos que participam das atividades.

5) Entre aquilo que se planeja e aquilo que se executa, costuma-se perceber diferenças? Se sim, como os profissionais da escola costumam lidar com a situação?

Resposta: Normalmente a execução e o planejamento se combinam sem muitos percalços.

6) O Projeto Político Pedagógico prevê a realização de festas juninas na escola? Se sim, há um modelo pré-estabelecido a priori?

Resposta: O PPP prevê a realização de festas juninas que se enquadram no conceito de festas da cultura brasileira.

7) Foi possível perceber mudanças significativas nos agentes envolvidos derivadas das festas de junho? Quais?

Resposta: O modelo dessas segue o mesmo modelo que explicita a variedade cultural o país (danças, culinária, etc.).

8) Há algo adicional sobre a festa de junho na escola que você consideraria importante que ficasse registrado? Se houver, discorra a respeito.

Resposta: As festas juninas, além de preservar a cultura nacional ajuda a promover a integração entre a escola e a comunidade.

Entrevista 8)

- Perfil da entrevistada: Professora efetiva de ciências há 08 anos, 33 anos, solteira, moradora de São Paulo, nascida na mesma cidade. Optou por ser entrevistada.
- Questões e respectivas respostas registradas:

1) Para você, enquanto profissional da educação, qual é a importância da festa de junho para esta unidade escolar? Quais funções ela cumpre nesta instituição?

Resposta: É um evento que agrega muito os membros da comunidade. Os pais e alunos costumam participar. Além disso, é uma atividade diferenciada dentro de um dia letivo.

2) Há diferenças entre os modelos de festas juninas escolares tradicionais e os modelos atuais? Se sim, quais?

Resposta: Sim. As festas tradicionais tinham apelo religioso, enquanto que nas atuais isso foi removido.

3) Quais são as novas demandas que você tem percebido ao longo dos últimos anos na organização e execução das festas juninas?

Resposta: Uma demanda que identifico é tirar o cunho religioso, a outra é estimular mais a participação da comunidade, participação esta que vem diminuindo.

4) Há influências da comunidade na definição do modelo de festa de junho? Você pode explicitar algumas destas diferenças?

Resposta: Nesta comunidade há muitos evangélicos que rejeitam a festa junina, então ela tem de ser renomeada.

- 5) Entre aquilo que se planeja e aquilo que se executa, costuma-se perceber diferenças? Se sim, como os profissionais da escola costumam lidar com a situação?**

Resposta: Existe o problema de alunos que ensaiam, se comprometem a vir, e acabam faltando no dia de apresentação. Diante disso, é necessário improvisar.

- 6) O Projeto Político Pedagógico prevê a realização de festas juninas na escola? Se sim, há um modelo pré-estabelecido a priori?**

Resposta: Nunca acessei o PPP.

- 7) Foi possível perceber mudanças significativas nos agentes envolvidos derivadas das festas de junho? Quais?**

Resposta: Os alunos tendem a unirem-se mais entre si e há aqueles que pouco fazem no dia a dia e que na festa trabalham bastante, nos surpreendendo positivamente.

- 8) Há algo adicional sobre a festa de junho na escola que você consideraria importante que ficasse registrado? Se houver, discorra a respeito.**

Resposta: Noto que a participação da comunidade vem minguando. Há alunos que ensaiam, fazem a apresentação, e seus familiares sequer aparecem para prestigiar (é algo triste).

Entrevista 9)

- Perfil do entrevistada: Coordenadora pedagógica há cerca de um ano, professora há 20 anos, 44 anos, separada, moradora de São Paulo, nascida na mesma cidade. Optou por responder a questionário (incluído abaixo na íntegra) ao invés de ser entrevistada.
- Questões e respectivas respostas registradas:

1) Para você, enquanto profissional da educação, qual é a importância da festa de junho para esta unidade escolar? Quais funções ela cumpre nesta instituição?

Resposta: As comemorações do mês de junho nos Estados nordestinos trazem muito cunho religioso, mas na cidade de São Paulo, é momento de deliciar com comidas típicas do meio rural, dançar e resgate de brincadeiras tradicionais. Na escola esse resgate é muito importante para valorizar os aspectos culturais da sociedade brasileira, e por isso deixou de chamar festa relacionada a algum santo, e até Festa Junina e em algumas escolas – FESTA DA CULTURA BRASILEIRA/ FESTA CAIPIRA.

2) Há diferenças entre os modelos de festas juninas escolares tradicionais e os modelos atuais? Se sim, quais?

Resposta: Sim, existe diferença, pois os modelos tradicionais de festa junina têm vários elementos que hoje não estão mais presentes nas festas juninas atuais, como por exemplo as músicas, algumas brincadeiras, e o distanciamento das questões religiosas.

3) Quais são as novas demandas que você tem percebido ao longo dos últimos anos na organização e execução das festas juninas?

Resposta: Cada vez mais ocorre uma menor participação das Famílias nas festas em geral, não somente nas festas juninas, mas no meu ponto de vista, ainda é a que a família mais participa. Entre as novas demandas estão as danças do momento ao invés da famosa quadrilha tradicional, eles criaram tanto na minha escola particular como na prefeitura a quadrilha maluca, com vários elementos diferentes.

4) Há influências da comunidade na definição do modelo de festa de junho? Você pode explicitar algumas destas diferenças?

Resposta: Acredito que a influência não é muito grande no modelo de festa junina, foi a escola mesmo respeitando a lei da diversidade e da escola ser laica, que ocorreu a mudança no estilo de festa, mas ainda existe alguns

pais, principalmente, evangélicos que não permitem que seus filhos participem da festa.

5) Entre aquilo que se planeja e aquilo que se executa, costuma-se perceber diferenças? Se sim, como os profissionais da escola costumam lidar com a situação?

Resposta: Raramente ocorrem problemas entre o planejamento e a execução, o que ocorrem muitas vezes é o atraso das crianças chegarem na festa para as apresentações, mas quando isso ocorre apresentamos novamente quando a criança chega.

6) O Projeto Político Pedagógico prevê a realização de festas juninas na escola? Se sim, há um modelo pré-estabelecido a priori?

Resposta: O PPP prevê festa junina sim, e não tem um modelo pré-estabelecido.

7) Foi possível perceber mudanças significativas nos agentes envolvidos derivadas das festas de junho? Quais?

Resposta: Sim, o envolvimento dos alunos na festa faz com que os mesmos se aproximem da escola e também dos professores o que facilita o processo de ensino aprendizagem.

8) Há algo adicional sobre a festa de junho na escola que você consideraria importante que ficasse registrado? Se houver, discorra a respeito.

Resposta: Acredito que as festas culturais brasileiras deveriam ser valorizada pelos professores.

Entrevista 10)

- Perfil da entrevistada: Estudante do nono ano do ensino fundamental, 14 anos, solteira, moradora de São Paulo - SP, nascida no mesmo município.

Obs: estabeleci que ela seria entrevistada por mim com o acompanhamento da coordenadora pedagógica.

Questões e respectivas respostas registradas:

1) Para você, enquanto estudante, qual é a importância da festa de junho para esta unidade escolar? Quais funções ela cumpre nesta instituição?

Resposta: A festa ajuda as pessoas a lembrar das tradições e permite que as pessoas brinquem, dançam e comam juntas.

2) Há diferenças entre os modelos de festas juninas escolares tradicionais e os modelos atuais? Se sim, quais?

Resposta: Não percebo diferenças. São as mesmas brincadeiras e tipos de comidas.

3) Quais são as novas demandas que você tem percebido ao longo dos últimos anos na organização e execução das festas juninas?

Resposta: Com a entrada do grêmio estudantil como organizador das festas, houve inovações que atenderam não só as vontades das crianças, mas também dos jovens adolescentes da escola.

4) Há influências da comunidade na definição do modelo de festa de junho? Você pode explicitar algumas destas diferenças?

Resposta: Não vejo influências.

5) Entre aquilo que se planeja e aquilo que se realiza, costuma-se perceber diferenças? Se sim, como vocês alunos costumam lidar com a situação?

Resposta: Pensamos em algumas coisas que não conseguimos fazer devido à limitação do espaço do pátio. Queríamos fazer uma dança da cadeira e um casamento caipira, que não foram possíveis. Isso nos deixou um pouco frustradas no princípio, mas é claro que compreendemos.

- 6) Foi possível perceber mudanças significativas, entre vocês estudantes, que se explicariam pelas festas de junho? Quais?**

Resposta: Sim. Depois das festas a gente nota que os laços de amizade se fortalecem.

- 7) Eu acompanhei a festa do ano passado e percebi que o estilo musical que prevalecia era o funk. Como foi feita a seleção das músicas?**

Resposta: Nós do grêmio montamos uma *playlist* que agradasse ao máximo os alunos. Deixamos tocar vários estilos. Um estilo que os alunos pediram muito era o funk, então tocamos bastante. Acho que a maioria dos professores aprovou, ninguém reclamou.

- 8) Há algo adicional sobre a festa de junho na escola que você consideraria importante que ficasse registrado? Se houver, fale um pouco a respeito.**

Resposta: Não.

Entrevista 11)

- Perfil da entrevistada: Estudante do nono ano do ensino fundamental, 15 anos, solteira, moradora de São Paulo - SP, nascida no mesmo município. Obs: estabeleci que ela seria entrevistada por mim com o acompanhamento da coordenadora pedagógica.

Questões e respectivas respostas registradas:

- 1) Para você, enquanto estudante, qual é a importância da festa de junho para esta unidade escolar? Quais funções ela cumpre nesta instituição?**

Resposta: É importante para manter a tradição do passado. Assim se valoriza a cultura popular.

- 2) Há diferenças entre os modelos de festas juninas escolares tradicionais e os modelos atuais? Se sim, quais?**

Resposta: Sim. Ao contrário de outros lugares, aqui já há o envolvimento e participação dos pais, dos alunos, da coordenação, da direção e dos outros funcionários.

3) Quais são as novas demandas que você tem percebido ao longo dos últimos anos na organização e execução das festas juninas?

Resposta: Noto que através das ações do grêmio se promoveu a participação dos alunos.

4) Há influências da comunidade na definição do modelo de festa de junho? Você pode explicitar algumas destas diferenças?

Resposta: Sim. Aqui há muitas igrejas. Essas igrejas têm uma cultura festiva – tanto as católicas quanto as evangélicas. Não há problemas com isso. Eu mesma sou de igreja evangélica, meus pais também e não vemos problemas com a festa. Nunca houve.

Observação: Neste momento, a coordenadora interveio e disse: “ah, olha, isso é novo (...) sempre soube que os evangélicos se opõem às festas juninas”.

Eu, como pesquisador, disse à aluna que não tinha problema das opiniões dos entrevistados serem diferentes na pesquisa, pois não havia resposta certa e errada ou mentira e verdade, mas apenas a apresentação de diferentes visões por parte de cada entrevistado. A aluna pareceu compreender e a coordenadora, penso eu, agiu daquela forma mesmo com a vontade de ajudar.

A coordenadora deu então uma risada com o canto da boca e continuou acompanhando a entrevista.

5) Entre aquilo que se planeja e aquilo que se realiza, costuma-se perceber diferenças? Se sim, como vocês alunos costumam lidar com a situação?

Resposta: Sim. Se planejou várias brincadeiras e danças que não puderam ser feitas. Acontece também que o grêmio ainda era recém-eleito e não

tínhamos ainda muita experiência, então não houve tempo hábil para se fazer tudo o que se desejava.

6) Foi possível perceber mudanças significativas, entre vocês estudantes, que se explicariam pelas festas de junho? Quais?

Resposta: Sim, o grêmio fez os alunos “abrirem os olhos” de que é possível opinar por meio da festa. Organizamos a festa atendendo àquilo que os alunos queriam. Isso mostra que se os alunos se organizarem é possível influenciar na forma como a escola trabalha.

7) Eu acompanhei a festa do ano passado e percebi que o estilo musical que prevalecia era o funk. Como foi feita a seleção das músicas?

Resposta: O grêmio fez duas festas, uma de manhã com as turmas dos pequenos (Ensino Fundamental I) e outra dos maiores (Ensino Fundamental II). Na festa dos pequenos tentamos adequar as músicas às idades deles, com músicas mais infantis. Na nossa festa buscamos dar voz aos alunos com a nossa *playlist*, tocando aquilo que os alunos mais queriam ouvir.

8) Há algo adicional sobre a festa de junho na escola que você consideraria importante que ficasse registrado? Se houver, fale um pouco a respeito.

Resposta: Sim. Eu sinto que os alunos gostaram mais da festa do grêmio do que da festa geral do CEU, porque na festa do grêmio os próprios alunos foram quem mais organizaram e a festa do CEU foi algo mais pronto. Isso acho importante dizer.

Anexo C – Entrevistas na escola particular

Entrevista 12)

- Perfil da entrevistada: Diretora da escola, 54 anos, separada, moradora de São Paulo – SP, nascida no mesmo município. Optou por ser entrevistada.

Questões e respectivas respostas registradas:

- 1) Para você, enquanto profissional da educação, qual é a importância da festa de junho para esta unidade escolar? Quais funções ela cumpre nesta instituição?**

Resposta: Penso que importância seja manter a tradição regional brasileira.

- 2) Há diferenças entre os modelos de festas juninas escolares tradicionais e os modelos atuais? Se sim, quais?**

Resposta: Sim. Hoje se percebe por aí a introdução de muitos modismos como festas de Cowboy, de Xuxa, de funk (só a título de exemplo). Isso creio eu, pois já faz tempo que não vou a quaisquer festas juninas de outras escolas que não desta.

- 3) Quais são as novas demandas que você tem percebido ao longo dos últimos anos na organização e execução das festas juninas?**

Resposta: Não. São as demandas de sempre. Há a limitação do espaço.

- 4) Há influências da comunidade na definição do modelo de festa de junho? Você pode explicitar algumas destas diferenças?**

Resposta: Quem define o formato da festa é mesmo a equipe pedagógica da escola. O que os pais ajudam é só na execução daquilo que foi definido e planejado. Eu destaco que participar da festa é algo obrigatório aqui. É inclusive computado como dia letivo.

- 5) Entre aquilo que se planeja e aquilo que se executa, costuma-se perceber diferenças? Se sim, como os profissionais da escola costumam lidar com a situação?**

Resposta: Acredito que não haja grandes diferenças. Tudo é bem planejado.

- 6) O Projeto Político Pedagógico prevê a realização de festas juninas na escola? Se sim, há um modelo pré-estabelecido a priori?**

Resposta: O PPP prevê a realização da festa, mas sem apontar para um modelo pré-estabelecido. O nosso PPP agora está sendo revisto. O atual é um PPP comum a todas as escolas Waldorf do Brasil, sendo que redigiremos o nosso.

7) Foi possível perceber mudanças significativas nos agentes envolvidos derivadas das festas de junho? Quais?

Resposta: Sim. Sempre há mudanças, já que há a participação de todos – mudanças interiores aos agentes, digo.

Eu não saberia apontar para você quais seriam estas mudanças porque atualmente estou mais na parte administrativa da escola, mas eles sempre ocorrem.

8) Há algo adicional sobre a festa de junho na escola que você consideraria importante que ficasse registrado? Se houver, discorra a respeito.

Resposta: Sim. Eu destaco que a nossa festa é especial porque tem um cuidado com as tradições, escapando dos modismos.

Entrevista 13)

- Perfil da entrevistada: Coordenadora pedagógica da escola, 47 anos, casada, professora de matemática há 30 anos, moradora de São Paulo – SP, nascida no mesmo município. Optou por ser entrevistada.

Questões e respectivas respostas registradas:

1) Para você, enquanto profissional da educação, qual é a importância da festa de junho para esta unidade escolar? Quais funções ela cumpre nesta instituição?

Resposta: Demarco que esta Escola Waldorf não é uma escola católica, porém segue uma linha cristã. Assim, as festas cristãs são celebradas. A festa de São João também é uma festa onde se celebra a chegada do inverno, de modo que carrega um importante significado de rito.

2) Há diferenças entre os modelos de festas juninas escolares tradicionais e os modelos atuais? Se sim, quais?

Resposta: As festas vêm mudando. Nesta escola, a título de comparação com as demais escolas, tentamos sempre resgatar as origens das festas, buscando um evento “mais raiz”.

Muito do que os alunos vêm trabalhando em sala de aula também acaba sendo explorado. Danças regionais, por exemplo, são trabalhadas a partir das regiões que os alunos vêm estudando no ano em que estão.

Tenho um filho que estuda na escola e atualmente está no 6º ano. Eles vão dançar o “Cavalo Marinho”, que costuma ser trabalhado no 6º ano junto ao conteúdo.

3) Quais são as novas demandas que você tem percebido ao longo dos últimos anos na organização e execução das festas juninas?

Resposta: Não vejo demandas novas. Existem mesmo as demandas de sempre.

4) Há influências da comunidade na definição do modelo de festa de junho? Você pode explicitar algumas destas diferenças?

Resposta: Algumas danças foram se consolidando como “tradicionais” para alguns anos (séries). Quando os alunos estão numa nova série eles já esperam pelas danças correspondentes ao ano (série) em que estão. A comunidade (pais de alunos, sobretudo) também já fica aguardando, uma vez que trabalham na organização da festa e já conhecem a forma como ela se organiza.

5) Entre aquilo que se planeja e aquilo que se executa, costuma-se perceber diferenças? Se sim, como os profissionais da escola costumam lidar com a situação?

Resposta: Sim. Há diferenças principalmente por conta da limitação no nosso espaço físico, que é pequeno e às vezes não comporta tudo que

gostaríamos. Já fizemos a festa em outros espaços e voltamos a fazer na escola, porém voltamos a sofrer com a limitação do espaço físico.

6) O Projeto Político Pedagógico prevê a realização de festas juninas na escola? Se sim, há um modelo pré-estabelecido a priori?

Resposta: O PPP prevê as quatro festas principais, que são: Páscoa, Micael⁴⁷, São João e Natal. Há outras também, mas estas são as principais. E quanto a um modelo pré-estabelecido no PPP, isso não há.

7) Foi possível perceber mudanças significativas nos agentes envolvidos derivadas das festas de junho? Quais?

Resposta: A festa sempre contribui para a promoção de um senso de comunidade. Falando como mãe de aluno da escola, percebi neste ano que todo o processo de construção do Cavalo Marinho no 6º ano, que envolveu trabalhos ao longo de todo o primeiro semestre, fez com que nós, mães e pais, nos víssemos sempre e trabalhássemos também juntos. Isso fortaleceu muito os laços entre nós.

8) Há algo adicional sobre a festa de junho na escola que você consideraria importante que ficasse registrado? Se houver, discorra a respeito.

Resposta: Sim. Eu destaco que embora celebremos as quatro festas que eu disse anteriormente, sem dúvida alguma a Festa Junina é a mais importante.

Também destaco que às vezes novas danças são sugeridas em novas edições e enriquecem ainda mais o evento, porém sempre são danças tradicionais. Já ouvi falar que hoje em dia existem escolas que dançam até funk nas quadrilhas juninas. Isso aqui não existe.

Entrevista 14)

⁴⁷ Perguntei à professora o que era a festa de Micael (pois eu a desconhecia). Ela me respondeu que era uma festa que ocorria em setembro e celebrava a chegada da primavera.

- Perfil do entrevistado: Professor de geografia há 05 anos, 27 anos, solteiro, morador de São Paulo – SP, nascido no mesmo município. Optou por responder a questionário (incluído abaixo na íntegra) ao invés de ser entrevistado.

Questões e respectivas respostas registradas:

1) Para você, enquanto profissional da educação, qual é a importância da festa de junho para esta unidade escolar? Quais funções ela cumpre nesta instituição?

Resposta: A escola na qual eu trabalho tem, em seu calendário, uma série de festas que incluem a Festa Junina. Por conta dos pressupostos teórico-metodológicos que servem de base para a pedagogia que norteia a minha escola (é uma Escola Waldorf, de Pedagogia do mesmo nome), as festas têm um importante papel na realização desses pressupostos. Sendo assim, acredito que a Festa Junina desempenha um importante papel de celebração dentro da escola.

A festa, com os seus símbolos e tradições, celebra uma passagem do outono para o inverno, que dentro da concepção Antroposófica, tem também muitos significados. Dessa forma, acredito que a tradição das festas juninas na minha escola busque um significado um pouco diferente do que apenas o resgate de uma tradição brasileira de Festas Juninas.

2) Há diferenças entre os modelos de festas juninas escolares tradicionais e os modelos atuais? Se sim, quais?

Resposta: No caso do modelo vivenciado em minha escola, existem sim algumas diferenças. As mais notáveis, ao meu ver, são a celebração da fogueira (com uma dança e músicas que não são típicas das celebrações mais tradicionais) e a exposição das lanternas confeccionadas por cada aluno, também no momento da fogueira.

3) Quais são as novas demandas que você tem percebido ao longo dos últimos anos na organização e execução das festas juninas?

Resposta: A escola em que eu trabalho segue um modelo bastante horizontal de gestão e mesmo a festa junina é idealizada, planejada e executada pelos próprios professores. Sendo assim, os maiores desafios que eu observo são como alinhar essa responsabilidade com todas as outras atividades e demandas que demandam o tempo dos próprios professores.

4) Há influências da comunidade na definição do modelo de festa de junho? Você pode explicitar algumas destas diferenças?

Resposta: A meu ver, a comunidade é pouco convidada a planejar a festa. Em compensação, os pais, alunos e funcionários participam ativamente na execução daquilo que foi proposto pelos professores.

5) Entre aquilo que se planeja e aquilo que se executa, costuma-se perceber diferenças? Se sim, como os profissionais da escola costumam lidar com a situação?

Resposta: Sim. A organização da festa é sempre algo muito complexo, o que resulta em muitos momentos de correria, tensões e imprevistos. Isso tem um efeito moral às vezes bastante intenso sobre os professores que estão planejando a festa, pois é de sua responsabilidade o bom funcionamento do evento. Muitos se frustram, ou discutem entre si. Porém, das festas que eu já presenciei, o resultado final sempre foi muito gratificante.

6) O Projeto Político Pedagógico prevê a realização de festas juninas na escola? Se sim, há um modelo pré-estabelecido a priori?

Resposta: As festas não estão previstas no projeto político pedagógico da escola.

7) Foi possível perceber mudanças significativas nos agentes envolvidos derivadas das festas de junho? Quais?

Resposta: Em alguns momentos sim. Alguns professores (professores de música e dança, por exemplo) têm na Festa Junina (e em outras festas da

escola), o momento de consolidação e divulgação de seu trabalho. Com isso, e especialmente para os professores novos na escola, a festa costuma ser o momento em que esses professores ganham maior legitimidade junto à comunidade.

9) Há algo adicional sobre a festa de junho na escola que você consideraria importante que ficasse registrado? Se houver, discorra a respeito.

Resposta: Para entender boa parte das tradições e costumes da festa junina em uma Escola Waldorf, é preciso também entender o contexto de sua Pedagogia. Alguns elementos de nossa festa são comuns de tradições mais ou menos novas das festas brasileiras, porém outros são próprios dessa pedagogia em específico. Sendo assim, a realização da Festa Junina tem elementos e significados que só fazem sentido em um ambiente onde os pressupostos antropológicos servem de base.

Entrevista 15)

- Perfil do entrevistado: Estudante do décimo segundo ano (equivalente ao último ano do ensino médio), 18 anos, solteiro, morador de São Paulo - SP, nascido no mesmo município.

Obs: estabeleci que ele seria entrevistado por mim. Não houve a necessidade de acompanhamento de um responsável por ele ser maior de idade.

Questões e respectivas respostas registradas:

1) Para você, enquanto estudante, qual é a importância da festa de junho para esta unidade escolar? Quais funções ela cumpre nesta instituição?

Resposta: Eu considero a festa algo muito importante. É o momento da descontração. Os pais aqui também trabalham em todas as atividades e isso representa um momento de integração. Acho tudo muito legal nesta época aqui na escola.

2) Há diferenças entre os modelos de festas juninas escolares tradicionais e os modelos atuais? Se sim, quais?

Resposta: Sim, há muitas diferenças. Nas outras escolas costuma ser um evento muito maior, onde chegam muitas pessoas. Aqui, por ser mais restrito, algo assim mais familiar, faz com que seja mais especial.

3) Quais são as novas demandas que você tem percebido ao longo dos últimos anos na organização e execução das festas juninas?

Resposta: A organização aqui é feita com muita antecedência. Tudo é muito ensaiado. Os professores já identificam o que será necessário e executamos dentro do planejamento estabelecido. Não saberia apontar demandas diferentes das anteriores.

4) Há influências da comunidade na definição do modelo de festa de junho? Você pode explicitar algumas destas diferenças?

Resposta: A nossa pedagogia trabalha com uma “mecânica” pensada por Rudolf Steiner. Todas as escolas Waldorf trabalham com este mesmo estilo de festa. A única diferença acho que é que algumas escolas são bem maiores que a nossa.

5) Entre aquilo que se planeja e aquilo que se realiza, costuma-se perceber diferenças? Se sim, como vocês alunos costumam lidar com a situação?

Resposta: Não. Tudo costuma seguir aquilo que foi planejado.

6) Foi possível perceber mudanças significativas, entre vocês estudantes, que se explicariam pelas festas de junho? Quais?

Resposta: Sim, com certeza! Nós aqui acabamos encarando as festas (todas, de uma maneira geral) de outra forma. E também percebemos que se estimulam os trabalhos em grupo com as festas. Acho que para nossa pedagogia é algo fundamental.

7) Há algo adicional sobre a festa de junho na escola que você consideraria importante que ficasse registrado? Se houver, fale um pouco a respeito.

Resposta: Acho que vale dizer que a nossa festa acontece sempre num domingo e na segunda-feira logo após a festa não há aula, porém muitos alunos vêm à escola só para ajudar a desmontar o que foi colocado, a arrumar e limpar o espaço da escola. Isso é algo muito simbólico. Não somos obrigados a vir, mas acabamos vindo, por nos sentirmos responsáveis.

Entrevista 16)

- Perfil da entrevistada: Estudante do décimo segundo ano (equivalente ao último ano do ensino médio), 18 anos, solteira, moradora de São Paulo - SP, nascida no mesmo município.

Obs: estabeleci que ela seria entrevistada por mim. Não houve a necessidade de acompanhamento de um responsável por ela ser maior de idade.

Questões e respectivas respostas registradas:

1) Para você, enquanto estudante, qual é a importância da festa de junho para esta unidade escolar? Quais funções ela cumpre nesta instituição?

Resposta: A festa é importante porque demanda muito empenho de todos. A comunidade se une nesse momento. Estou aqui desde meus 12 anos (hoje tenho 18) e acho a festa um momento mágico.

Obs: Neste momento, a aluna sorriu, gesticulou com as mãos e braços, seus olhos brilharam, demonstrando boa dose de afeto pela festa, bem como pela escola em geral. Seu encantamento pela festa era notório.

2) Há diferenças entre os modelos de festas juninas escolares tradicionais e os modelos atuais? Se sim, quais?

Resposta: Sim. Aqui cada sala apresenta uma dança regional e o olhar sobre a festa é diferente.

3) Quais são as novas demandas que você tem percebido ao longo dos últimos anos na organização e execução das festas juninas?

Resposta: São sempre as mesmas demandas.

4) Há influências da comunidade na definição do modelo de festa de junho? Você pode explicitar algumas destas diferenças?

Resposta: Um complicador é que o barulho precisa ser encerrado num determinado horário devido a reclamações do prédio novo que foi construído ao lado da escola. Acho tão estranho que muitas das pessoas desse prédio que reclamam são pessoas tão jovens! São universitários que estudam na faculdade aí ao lado⁴⁸. Já até fizemos convite para que viessem prestigiar nossa festa, que é tão legal, mas eles ignoraram.

Obs: Neste momento, seu semblante manifestou certo deboche aos universitários vizinhos da escola.

5) Entre aquilo que se planeja e aquilo que se realiza, costuma-se perceber diferenças? Se sim, como vocês alunos costumam lidar com a situação?

Resposta: Às vezes há danças que não foram suficientemente ensaiadas. Aí precisamos improvisar. Tem também, obviamente, casos de alunos que na organização trabalham menos que o esperado, deixando trabalho extra para os demais.

6) Foi possível perceber mudanças significativas, entre vocês estudantes, que se explicariam pelas festas de junho? Quais?

Resposta: Para mim a festa serve para as pessoas de fora conhecerem a escola e apresentar a pedagogia Waldorf. Também ajuda a nos conhecermos entre nós, já que tanto conhecemos familiares dos nossos colegas como também acabamos conhecendo alunos de outros anos com

⁴⁸ A aluna falou o nome da faculdade, mas preferi omiti-lo neste trabalho. Trata-se de uma instituição privada cujos cursos são renomados, sobretudo, nos ramos relacionados aos negócios e finanças. A instituição, inicialmente, trabalhava apenas com programa de MBA em finanças, mas hoje oferece diversos cursos de graduação e pós-graduação e é considerada uma faculdade de elite.

os quais não costumamos manter muito contato no dia a dia. Isso promove um sentimento de grupo aqui na escola.

7) Há algo adicional sobre a festa de junho na escola que você consideraria importante que ficasse registrado? Se houver, fale um pouco a respeito.

Resposta: Eu tenho a dizer que estou com 18 anos e esse ano marca minha despedida da escola. Já tenho certeza de que sentirei muita falta deste momento quando eu sair. O meu namorado se formou aqui no ano passado e hoje cursa geologia na UNESP de Rio Claro. Ele sempre me fala o quanto sente saudades da escola e até estranha os formatos de festa da universidade quando se lembra das festas daqui. Neste ano ele disse que virá aqui na festa junina e não só será para me ver dançar, mas também porque ele sente saudades da festa junina daqui da escola.